



Paulo Freire e o uso da imagem visual na Geografia: perspectivas para o Ensino Médio



**RICARDO SANTOS DE ALMEIDA
MARIA APARECIDA VIEIRA DE MELO
MARIA ERIVALDA DOS SANTOS TORRES
(ORGS.)**

**PAULO FREIRE E O USO DA IMAGEM VISUAL NA GEOGRAFIA:
PERSPECTIVAS PARA O ENSINO MÉDIO**

Vol. 1

**PAULO FREIRE E O USO DA IMAGEM VISUAL NA GEOGRAFIA:
PERSPECTIVAS PARA O ENSINO MÉDIO**

Vol. 1

Organizadores:
**RICARDO SANTOS DE ALMEIDA
MARIA APARECIDA VIEIRA DE MELO
MARIA ERIVALDA DOS SANTOS TORRES**

**Editora do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Recife/PE
2022**

Produzido por:

Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro de Educação (CE), Recife, Pernambuco, Brasil.

CEP: 50740-530

<https://www.centropaulofreire.com.br/>

©Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Diagramação: Ricardo Santos de Almeida

Capa: Canva.com

Imagens: As imagens são de arquivos pessoais dos autores e de bancos virtuais gratuitos.

©Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Paulo Freire e o uso da imagem visual na geografia
[livro eletrônico] : perspectivas para o ensino
médio : vol. 1 / organizadores Ricardo Santos de
Almeida, Maria Aparecida Vieira de Melo, Maria
Erivalda dos Santos Torres. -- Recife, PE : Centro
Paulo Freire Estudos e Pesquisas, 2022.
PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-87824-12-3

1. Educação 2. Freire, Paulo, 1921-1997 - Crítica
e interpretação 3. Geografia (Ensino médio)
4. Prática de ensino 5. Prática pedagógica
6. Professores - Formação I. Almeida, Ricardo Santos
de. II. Melo, Maria Aparecida Vieira de. III. Torres,
Maria Erivalda dos Santos.

22-108348

CDD-370.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Freire, Paulo : Pedagogia : Educação 370.1

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Copyright © 2022. O livro pode ser baixado gratuitamente em formato digital de qualquer lugar do mundo entrando na página www.centropaulofreire.com.br/e-books/digitais.

2022. Escrito e produzido no Brasil.

CONSELHO EDITORIAL
CENTRO PAULO FREIRE – ESTUDOS E PESQUISAS

| | |
|-----------------------------------|---|
| Agostinho da Silva Rosas | UPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas |
| Ana Paula de Abreu Costa de Moura | UFRJ e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas |
| Ana Maria Saul | PUC/SP e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas |
| Eliete Correia dos Santos | UEPB – Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas |
| Inés María Fernández Mouján | Cátedra Paulo Freire, Universidad Nacional de Mar del Plata, Centro de Investigaciones y Estudios en Teoría Poscolonial, Universidad Nacional de Rosario, Argentina e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas |
| Inez Maria Fornari de Souza | Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas |
| Joaquim Luís Medeiros Alcoforado | Universidade de Coimbra/Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas |
| Luiza Cortesão | Professora Emérita da Universidade do Porto, Presidente do Instituto Paulo Freire de Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas |
| Maria Aparecida Vieira de Melo | UFRN e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas |
| Maria Fernanda dos Santos Alencar | UFPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas |
| Mírian Patrícia Burgos | Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas e Instituto Paulo Freire de Portugal |
| Ricardo Santos de Almeida | IFAL, UFAL/NUAGRÁRIO, Prefeitura Municipal de Porto Calvo/AL e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas |

Dedicamos este livro a todos os pesquisadores e pesquisadoras
que lutam e acreditam em um mundo mais justo.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Ricardo Santos de Almeida: Doutorando em Geografia na UFSM. Doctor en Educación na UI. Mestrado: Geografia pela UFS (2016). Especializações: Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - com Ênfase em Didática pelo IFRN (2020), Geografia Humana e Econômica pela UNINTER (2019), Administração Pública pela UCAM (2016); Geografia e Meio Ambiente pela UCAM (2014); Educação do Campo pela UCAM (2013); Formação para a Docência do Ensino Superior (2011). Graduações: Pedagogia pela UNINTER (2018), Geografia Licenciatura pela UFAL (2014), Gestão de Pequenas e Médias Empresas pela FAA (2009). Desenvolve pesquisas relacionadas às temáticas: agronegócio, território e territorialidades, processos de ensino-aprendizagem em Geografia e Educação do/no campo. Docente da rede pública de Porto Calvo/AL e atua no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas/Universidade Aberta do Brasil. Pesquisador do: Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO/UFAL) desde 2009; Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL); Geoprocessamento e a Cartografia no Ensino de Geografia (GCEG/UFAL) desde 2016; Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens, Adultos e Idosos e Campesinos (NUPEEJAIC/UNEAL) desde 2020; do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (UFSM) e Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN) desde 2021. É também associado ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas (CPFreire).

E-mail: ricardosantos@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5955679764505968>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1266-2557>.

Maria Aparecida Vieira de Melo: Doutora em Educação pela UFPB (2020). Mestra em Educação, Culturas e Identidades pela UFRPE/FUNDAJ (2015). Pedagoga pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2010). Especialista em: Psicopedagogia (2012); Gestão Pedagógica (2013); Educação em direitos humanos (2014), Educação do campo (2015), História e cultura dos povos indígenas (2015), Tecnologias e artes (2019). Líder do Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN), Pesquisadora do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais da Universidade Federal de Alagoas (NUAGRÁRIO/UFAL), Pesquisadora do Laboratório de Educação, Novas Tecnologias e Estudos Étnico-Raciais (LENTE/UFRN), e do Grupo de Estudo e Pesquisas Discursos e Imagem Visual em Educação (GEPDIVE/UFPB). Interesses em: Educação do campo, educação popular, movimentos sociais, processos educativos, interdisciplinaridade. Formação de professores. Gestão pedagógica e Políticas educacionais. Livros didáticos. EJA. Transdisciplinaridade. Estágio supervisionado. EAD. Análise Arqueológica do Discurso (AAD). Pedagogia Social.

E-mail: m_aparecida_v_melo@hotmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6705733173478276>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6288-9405>.

Maria Erivalda dos Santos Torres: Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru (1997) e graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru (1988). Coordenou o Fórum Estadual de EJA/PE e o Fórum Regional do Agreste Centro Norte. Atualmente é Presidente do Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas, Recife/PE. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Administração de Unidades Educativas.

E-mail: erivaldatorres@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5577041654762304>

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| PREFÁCIO | 11 |
| Débora Magdieli Lucca Vieira | |
| APRESENTAÇÃO | 13 |
| Ricardo Santos de Almeida | |
| Maria Aparecida Vieira de Melo | |
| Maria Erivalda dos Santos Torres | |
| PAULO FREIRE E A GEOGRAFIA – UMA ABORDAGEM NO ENSINO MÉDIO DURANTE A PANDEMIA | 16 |
| Juliana Chervinski | |
| Maria Aparecida Vieira de Melo | |
| A EDUCABILIDADE DO OLHAR E O USO DE IMAGENS COMO INSTRUMENTO EMANCIPADOR NO ENSINO DE GEOGRAFIA | 45 |
| Jailton Santos Silva | |
| Maria Aparecida Vieira de Melo | |
| FILMES, CHARGES E QUADRINHOS: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR EM ARTICULAÇÃO A TEMAS GERADORES | 63 |
| Simone Ferreira Angelo | |
| Verônica de Jesus Machado | |
| Ivone Romano Silva | |
| Ricardo Santos de Almeida | |
| CONTRIBUIÇÕES DA IMAGEM E DA PAISAGEM PARA UMA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA CIDADÃ | 77 |
| Ana Julia Lacerda Meira Menezes | |
| Ricardo Santos de Almeida | |

| | |
|---|-----|
| AS TECNOLOGIAS E O ENSINO DE GEOGRAFIA E O USO DA IMAGEM VISUAL COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM | 93 |
| Janice Fernandes de Almeida Lima Maria Aparecida Vieira de Melo | |
| RELATO DE EXPERIÊNCIA COM O CURSO DE APERFEIÇOAMENTO EM PAULO FREIRE E O USO PEDAGÓGICO DA IMAGEM VISUAL EM GEOGRAFIA | 112 |
| Maria Jozenilda Araújo dos Santos Maria Aparecida Vieira de Melo | |
| DIÁLOGOS SOBRE IMAGENS E PERCEPÇÃO: REFLEXÕES PARA UMA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA | 133 |
| Augusto Rodrigo Bezerra da Silva Ricardo Santos de Almeida | |
| A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM E A CONSTRUÇÃO DO SER CRÍTICO A PARTIR DO OLHAR GEOGRÁFICO | 150 |
| Andréa Cristiane de Melo Ricardo Santos de Almeida | |
| GEOGRAFIA E IMAGEM VISUAL SOB A PERSPECTIVA FREIRIANA | 162 |
| Rafael Rodrigues Candido Rosa Ricardo Santos de Almeida | |
| REFLEXÕES ACERCA DO USO DE IMAGENS NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA | 172 |
| Thiago da Conceição Dias Ricardo Santos de Almeida | |

PREFÁCIO

Este livro aborda o estudo do ensino de Geografia na visão de autores que visam promover uma aprendizagem mais significativa e menos monótona que busca ampliar nossa visão de mundo dentro do processo educativo enquanto educadores.

Os assuntos que serão introduzidos dentro desse livro para o ensino de Geografia são conteúdos que trabalhamos diariamente em nosso dia a dia e muitas vezes não paramos para refletir o quanto esses conteúdos são importantes para a vida de nossos educandos e que não podemos entrar em sala de aula apenas como transmissores de informações ou nos tornarmos o centro do conhecimento. Nós, educadoras e educadores devemos socializar e compartilhar conhecimentos junto aos nossos estudantes em via de mão dupla, no processo de ensino-aprendizagem.

Os conteúdos apresentados neste livro são de suma importância para nós enquanto professores municipais, estaduais, federais e até mesmo estudantes por que nos ensina a valorizar o diálogo e a realidade de cada estudante-pesquisador dando enfoque numa troca de saberes através do pensamento crítico de cada pessoa e cada ser possui uma experiência única e significativa.

O uso das imagens no ensino de Geografia é um importante recurso didático e não o podemos deixar passar em branco ou de qualquer jeito, pois o uso das imagens auxilia na formação dos conceitos e do cidadão.

A base da Geografia enquanto cidadão críticos e reflexivos que somos se deu graças aos nossos professores da Educação Básica e é através das imagens e outros recursos riquíssimos que estão sendo utilizados na atualidade que diferenciamos o espaço geográfico, entre outras abordagens essencialmente importantes que são desenvolvidas pelos nossos professores.

O livro nos traz temas relevantes do uso da imagem visual em geografia com o uso das novas tecnologias educacionais que visam deixar para trás o modelo arcaico do velho ensino com o uso de mídias digitais como filmes, documentários, animações entre outros se utilizando de um trabalho interdisciplinar.

No livro foi constatado que a utilização de imagens dentro do ambiente escola para o ensino de Geografia é um recurso riquíssimo e positivo porque facilita à aprendizagem dos alunos da rede de educação básica dando aproximação do conteúdo a realidade dos alunos, tornando as aulas mais dinâmicas e atrativas.

E o principal autor desse livro é o nosso grandioso mestre Paulo Freire em seu embasamento teórico com seu método dialógico de que o conhecimento não se detém em um único ser, mas sim em todos nós, quando compartilhamos nossos saberes em conjunto promovendo uma educação libertadora e nos desamarrando das correntes do velho ensino.

O livro *Paulo Freire e o uso da imagem visual na Geografia: perspectivas para o Ensino Médio* socializam-se o registro de práticas e discussões teórico-metodológicas e traz múltiplas possibilidades no ensino e na aprendizagem dos mais diversos campos do conhecimento valorizando assim a Educação brasileira praticando o esperarçar por meio da práxis.

Boa leitura!

Profa. Esp. Débora Magdieli Lucca Vieira
Miami University of Science and Technology (MUST)
Frederico Westphalen/RS, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6183-6034>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3833114374375822>

E-mail: deboramagdieli@yahoo.com

APRESENTAÇÃO

O presente livro, intitulado *Paulo Freire e o uso da imagem visual na Geografia: perspectivas para o Ensino Médio*, traz uma contribuição imprescindível para o pensar didático-pedagógico e geográfico em diversos aspectos, a saber: ensino, pesquisa e extensão. Esta obra é resultado de um amplo debate e reflexões realizadas coletivamente entre as pesquisadoras e os pesquisadores com estudos aqui socializados e dedica-se em ser uma materialização e expressão de professoras e professores que participaram do curso estando em recortes geográficos diferentes no Brasil dispostos a aprender e socializar conhecimentos.

Aqui professores-pesquisadores cursistas do Curso de Aperfeiçoamento em: Paulo Freire e o uso pedagógico da Imagem Visual em Geografia, curso desenvolvido pelo Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ Pró-Reitoria de Extensão da UFRN - PROEX/UFRN, proporcionam pela dialogicidade contribuições freireanas sobre o uso da imagem visual e sua utilização na prática educativa em Geografia. O curso de Aperfeiçoamento fundamenta-se numa metodologia participativa, na qual os temas foram debatidos e consolidados durante todo o processo, entre educadores e educandos, possibilitando um processo mútuo e dialógico de produção de saberes sobre o uso da imagem visual.

A escolha metodológica do curso adotou uma concepção pedagógica baseada na participação, no diálogo e na problematização da realidade vivenciada pelos participantes no contexto da labuta docente. Logo, o próprio curso foi um espaço para vivenciar a educação popular e uma experiência de gestão compartilhada entre educandos e educadores.

A imagem visual é produtora de conhecimento geográfico, e, portanto, seu uso deve ultrapassar a condição de

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

mera ilustração. Logo, o atual status da imagem visual pode ser superado na Geografia a partir de sua produção associada a produção de conhecimento geográfico.

No que se refere à relevância social desta obra evidenciam-se a cultura do uso da imagem visual e como ela é utilizada, seja como um clique para si, ou mesmo consumido pelas pessoas para os mais diversos fins emergindo o uso da imagem no processo de alfabetização presente na proposta pedagógica freireana. As pessoas vivem fissuradas nas imagens, e elas circulam muito podendo ter diversos usos. Logo, defenderemos o discurso sobre a imagem visual na Geografia para além das finalidades didático-pedagógicas, pois a nossa assertiva é de que a imagem visual pode produzir conhecimentos geográficos. Afirma-se, portanto, a dimensão da disseminação do conhecimento. Onde se coloca a imagem como produtora de conhecimento e esta terá utilidade social, já que a imagem circula global e localmente através das redes sociais e de outros meios digitais. Então, diante disso, a nossa assertiva sobre a tese aqui defendida é que a imagem visual é produtora de conhecimento geográfico.

No que se refere a relevância institucional se faz necessário enfatizar que por mais que a Geografia use a imagem visual, ainda não há reconhecimento de que a partir dela se pode produzir conhecimentos geográficos. Faz-se necessário ultrapassar a condição de que a imagem visual ainda é apenas uma mediadora ou ilustradora dos campos de domínio dos saberes geográficos, como suporte a compreensão das dinâmicas estudadas por disciplinas acadêmico-científicas associadas ao estudo geográfico como a Geomorfologia, a Geologia, a Hidrografia, a Educação Ambiental, entre outras. Ou seja, também cumpre a função de modo interdisciplinar na produção do conhecimento na geografia, pois os saberes estão sendo acionados nesses campos, dos mais diversos modos, como por exemplo, a análise da paisagem. Dito de outro modo,

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

quando analisamos uma paisagem acionamos elementos de natureza econômica, social, política e cultural, isto é a imagem visual é afeta a múltiplos saberes elaborados que concernem a produção do conhecimento.

Esperamos que este livro contribua e enriqueça o conhecimento de graduandos, docentes, pesquisadores e amantes da Ciência Geográfica.

Prof. Dr. Ricardo Santos de Almeida
Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas, Maceió/AL, Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1266-2557>.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5955679764505968>.

Prof. Dra. Maria Aparecida Vieira de Melo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó/RN,
Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6288-9405>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6705733173478276>

Profa. Ma. Maria Erivalda dos Santos Torres
Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas, Recife/PE, Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1266-2557>.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5577041654762304>.

PAULO FREIRE E A GEOGRAFIA – UMA ABORDAGEM NO ENSINO MÉDIO DURANTE A PANDEMIA

Juliana Chervinski¹

Maria Aparecida Vieira de Melo²

RESUMO: Este artigo é resultado da realização do curso de aperfeiçoamento: Paulo Freire e o uso pedagógico da imagem em geografia promovido pela UFRN – Centro Paulo Freire de estudos e pesquisas. Através de leituras e discussões objetivou-

¹Pós Graduada em Metodologia do ensino da História e graduada em Historia pela Universidade da Região de Joinville (2002) e graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2012). Possui experiencia no ensino superior nos cursos de geografia(UERN) e nos cursos de pedagogia e serviço social (FACESA). Atuou como diretora auxiliar e com vasta experiência na área de História e Geografia na educação básica. Atualmente é tutora da UECE no curso de história, mas já atuou nos cursos de pedagogia (UFRN) e História (UEPG). Possui cursos nesta modalidade. Atuou como supervisora do programa de iniciação científica junto a PUC PR no PIBIC JR. E-mail: juchervinski@gmail.com.

²Doutora em Educação pela UFPB (2020). Mestra em Educação, Culturas e Identidades pela UFRPE/FUNDAJ (2015). Pedagoga pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2010). Especialista em: Psicopedagogia (2012); Gestão Pedagógica (2013); Educação em direitos humanos (2014), Educação do campo (2015), História e cultura dos povos indígenas (2015), Tecnologias e artes (2019). Líder do Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN), Pesquisadora do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais da Universidade Federal de Alagoas (NUAGRÁRIO/UFAL), Pesquisadora do Laboratório de Educação, Novas Tecnologias e Estudos Étnico-Raciais (LENTE/UFRN), e do Grupo de Estudo e Pesquisas Discursos e Imagem Visual em Educação (GEPDIVE/UFPB). Interesses em: Educação do campo, educação popular, movimentos sociais, processos educativos, interdisciplinaridade. Formação de professores. Gestão pedagógica e Políticas educacionais. Livros didáticos. EJA. Transdisciplinaridade. Estágio supervisionado. EAD. Análise Arqueológica do Discurso (AAD). Pedagogia Social. E-mail: m_aparecida_v_melo@hotmail.com.

se colocar a metodologia de Paulo Freire junto ao ensino de geografia em turmas do Ensino médio da Escola de Ensino Médio Francisca Linhares de Souza, localizada no município do Eusébio – Ceará. A metodologia utilizada foi a aplicação de atividades e a análise dos resultados destas atividades juntos a estes educandos, baseados nas leituras promovidas pelo curso e atividades realizadas dentro de sua carga horária. Além desta junção teórico-prática o importante foi perceber como a teoria freireana e sua metodologia que consiste em uma maneira de educar com base nos conhecimentos acadêmicos ligados ao cotidiano e as experiências dos estudantes se efetivam dentro do ensino de geografia. Destacam-se como pontos positivos a aplicação de novos aprendizados na prática e como pontos negativos podemos perceber os efeitos que a pandemia do COVID 19 causaram no aprendizado dos estudantes por não possuírem acesso a internet e/ou por estarem afastados da escola por diferentes motivos. Sabendo que Paulo Freire iniciou o trabalho com Jovens e Adultos, utilizar esta metodologia com jovens, residentes a sua maioria numa região periférica, em plena pandemia tornou-se um grande desafio mas ao mesmo tempo uma grande experiência.

PALAVRAS-CHAVE: Paulo Freire, Geografia, Paisagem

INTRODUÇÃO OU APRESENTAÇÃO

A construção deste trabalho inicia-se com as atividades do curso promovido pela UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas - Paulo Freire e o uso pedagógico da imagem em geografia- onde como proposta de atividade final do curso, era solicitado a construção de um artigo. Um grande desafio, porém motivador, pois seria uma produção autônoma, individual, uma vez que o curso ocorreu 100% on line. Ressalta-se que os

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

materiais disponibilizados e o apoio dos Professores foram fundamentais para o sucesso desta atividade.

Atualmente vivenciamos a pandemia da COVID 19 e no Brasil, a pouco mais de um ano as atividades escolares encontram-se sendo realizadas através de ambientes virtuais. Um verdadeiro desafio para muitos professores que de uma hora para outra precisaram adequar-se a novos ambientes, metodologias e aprendizagens. Com este momento percebe-se a real importância da formação e capacitação continuada de professores para que os mesmos consigam transmitir o conhecimento e também construir novas aprendizagens com os alunos em qualquer ambiente ou realidade. É muito importante que o aluno perceba-se capaz de construir seu conhecimento, da mesma forma, que o educador deve perceber a importância da sua formação continuada.

A formação docente tem como saber a assunção da inconclusão do saber, pois não é a educação que fez dos seres humanos educáveis, mas a consciência desta inconclusão que gerou a educabilidade. Partindo deste princípio, o educador tem que ter para com o educando, acima de tudo, respeito à sua autonomia, fazendo valer o seu exercício ético, caso contrário, transgredirá os princípios éticos de nossa existência. (MENDES, 2010, p.105).

Cabe a nós educadores proporcionarmos aos alunos o direito de exercer sua criticidade, de exercer sua cidadania colocando-se no mundo, criando idéias, percepções e valorizações através da sua própria realidade e não através da realidade alheia. Oliveira (1997, p97) reforça a importância deste aprendizado construído e criado para o aluno:

Assim, a partir de uma ação educativa mais ampla, que inclui vários níveis da ação humana, se promove a formação de um indivíduo responsável e cocriador da realidade em que vive –

um indivíduo capaz de responder por suas ações, de se responsabilizar pelo seu próprio auto- desenvolvimento, participando do seu ambiente social e natural, e desta forma constituindo sua realização pessoal, ao mesmo tempo em que garante a Vida em qualidade para todos (OLIVEIRA et al, 2007, p.97).

Proporcionando conhecimento e oportunidades aos educandos, gerando cidadãos conscientes certamente teremos uma educação e um mundo melhores, existem muitas discussões a cerca da educação neste momento pandêmico e sua efetividade enquanto aprendizagem dos alunos. Ninguém estava preparado para vivenciar uma pandemia de uma hora para a outra. A educação sofreu muito com este processo mas a busca de melhorias, de novas formas de ensinar, de colaborar com os estudantes se faz presente no cotidiano da maioria dos profissionais da educação e é também uma busca uma exigência de órgãos ligados a educação que cobram modificações dos professores e de suas metodologias frente as novas realidades de ensino que se fazem presentes na atualidade. É preciso também valorizar a educação pública enquanto um celeiro de novas oportunidades e aprendizagens e na disciplina de geografia temos o estudo da paisagem, o estudo da imagem que durante muito tempo foi desvalorizada enquanto aprendizagem e hoje, principalmente ao estudarmos o conceito de paisagem na geografia esta se torna muito rica e eficaz enquanto objeto de estudo e aprendizagem. A imagem faz parte de nosso cotidiano da realidade de todos os alunos.

Pensando em toda esta problemática atual, e, o desafio proposto no projeto deste curso, o objetivo principal deste trabalho é perceber como a utilização de imagens pode colaborar com os estudos, com a aprendizagem dos alunos em tempos de educação remota.

Pergunta 1: Quais as palavras-chave contidas em cada um dos textos? Texto 1: estudar, conhecimento crítico, educação. Texto 2: aprender, educação e ontogênese. Texto 3: aprendizagem, sentidos e criatividade.

Pergunta2: Considerando-se os enunciados “Ontogênese” e “Aprender” como podemos na prática educativa viabilizar/estimular o pensamento crítico e criativo utilizando-se a Educação Visual como um caminho possível para a leitura do mundo? R:Primeiramente os alunos precisam sentir-se pertencentes ao mundo, ao meio e devem conhecer a sua realidade. Quando se possui este conhecimento, é possível discutir e construir conhecimento através das experiências vividas. É possível utilizar da educação visual, da utilização das artes e da cultura para desenvolver novas habilidades e perspectivas.

Pergunta 3. É possível nos processos educativos estabelecer conexões e viabilizar a liberdade criativa? Sim, o processo de ensino de aprendizagem deve ser progressivo e constante. Deve pautar-se no princípio da horizontalização, onde ninguém é superior a ninguém. O professor se colocado como um mediador e o conhecimento é percebido e construído pelo aluno e seus colegas. Pergunta 4. Como podemos estabelecer estratégias no âmbito do ensino da Geografia (ou outras áreas do conhecimento)? Podemos utilizar meios que permitam aos alunos desenvolver sua criatividade. Podemos iniciar uma aula com imagens do cotidiano e trabalhar com conceitos geográficos para que os alunos percebam que a geografia está para a vida deles, como a vida deles está para a sociedade. Imagens, o visual, muitas vezes representam muito mais que palavras.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A intervenção pedagógica ocorreu em três turmas de 1º Ano do Ensino Médio – 1º A, B e C da Escola de Ensino Médio Francisca Linhares de Souza e também em uma turma do 2º Ano o 2º C . A escola está localizada no município de Eusébio, região metropolitana de Fortaleza. Em virtude da Pandemia de COVID 19, a escola está com aulas remotas, desde o mês de março de 2020. A escolha dos 1ºs anos ocorreu em virtude da disponibilidade e lotação da professora para a realização das atividades. Cabe ressaltar que até então alunos e professora não tiveram nenhum de interação que não fossem através das aulas virtuais do MEET.

Em relação aos alunos, além da idade e da escola de origem estas são as informações que a professora tem sobre os alunos de forma oficial. Nos momentos pelo MEET podem ser percebidos outras características e informações obre os alunos. Com excessão dos alunos do 1º e 2º C que a professora tem um contato maior com eles por ser também Professora Diretora de Turma destas turmas.

Os temas escolhidos, para os 1ºs Anos - Movimentos de Rotação e Translação e para o 2º Ano - A desigualdade social e o capitalismo. Estes temas foram escolhidos por estarem presentes dentro da matriz curricular da série e também do 1º Bimestre, momento em que concomitantemente estaria ocorrendo o curso.

Foram levados em consideração no momento das escolhas a contextualização que em ambas as atividades é bastante ampla, a diversidade de pensamentos e opiniões que elas podem apresentar, a vivência, a percepção e a realidade dos alunos, que certamente em algum momento anterior talvez sem perceber tiveram contato com os conteúdos propostos. Em relação a inclusão, o fato de estarmos usando imagens e

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

mídias, buscamos incluir os alunos, mas, a discussão iniciar através destas mídias foi pensando nos 03 alunos de inclusão dos 1^{os} anos e em 01 aluno de inclusão do 2^o Ano, pois acredita-se que com a imagem, estes poderiam ser motivados a participarem ou até mesmo a se perceberem através das mídias.

Ressalta-se aqui que em relação ao conteúdo do 2^o Ano – As desigualdades Sociais e o Capitalismo a interdisciplinaridade também foi marcada, pois a professora também ministra aulas de sociologia nas turmas e o trabalho pode ser realizado conjuntamente.

As interação em ambas as turmas ocorreu através de uma aula pelo MEET inicial onde o assunto foi discutido entre professor e alunos. Um segundo momento, foi um momento assíncrono onde os alunos deveriam realizar uma atividade através de um formulário do Google onde foi possível realizar a avaliação em relação ao aprendizado do aluno. E o terceiro e último momento, foi a segunda aula através do MEET onde discutimos os resultados dos formulários e fechamos as discussões sobre o conteúdo estudado.

Neste momento através do MEET, buscamos dialogar em relação ao conhecimento prévio dos alunos, a imagem e a teoria ou seja, o conhecimento acadêmico, reforçando assim os ensinamentos deixados por Paulo Freire e as palavras de Ferreira do Vale e Magnoni (2012).

Paulo Freire percebia que a ação educativa como ação essencialmente comunicativa, dialógica, na medida em que a verdadeira aprendizagem não consiste na “transferência do saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. (FERREIRA DO VALE e MAGNONI, 2012, p.108).

Já é sabido que o modelo de educação bancária não acrescenta conhecimento e significações para os alunos, em tempos pandêmicos, buscar a valorização dos conhecimentos dos alunos é uma possibilidade de maior sucesso em relação ao aprendizado e ao entendimento dos conteúdos, pois seguimos as discussões a partir do pertencimento, da vivência, da percepção e da curiosidade dos alunos. Em relação a curiosidade, seu exercício convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser (FREIRE, 2005, p.28).

O trabalho do professor através do seu planejamento e buscar a integração do aluno e do seu conteúdo, é uma tarefa árdua, mas necessária, pois depende da participação e aceite por parte dos alunos, a construção do conhecimento se faz através da união da realidade e do conhecimento de professores e alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA VIVÊNCIA OU DA PROPOSTA PEDAGÓGICA

A realização da proposta pedagógica ocorreu seguindo o horário estipulado pela EEM Francisca Linhares de Souza e também seguindo a dinâmica de uma semana com aulas assíncronas e uma semana com aulas síncronas. Iniciamos a proposta da atividade pedagógica numa semana síncrona, na segunda semana realizamos as atividades através dos formulários disponibilizados através do Google Classroom e na terceira e última semana encerramos a atividade com uma conversa sobre as dificuldades e percepções.

Certamente se esta atividade fosse realizada de forma presencial ou resultados e as vivências seriam muito mais significativas e numerosas. Com a pandemia temos uma dificuldade de participação de nossos alunos tanto nos

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

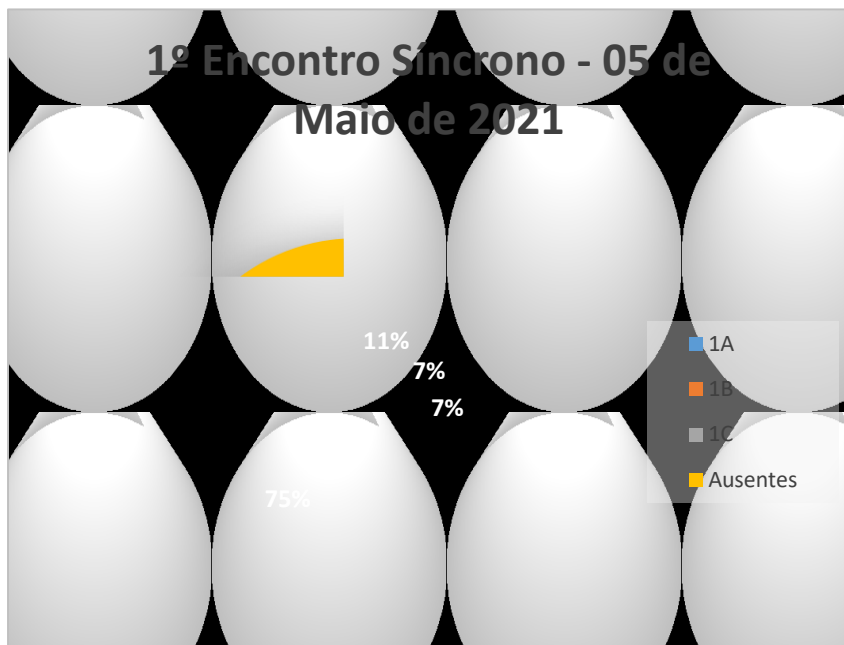
momentos síncronos e assíncronos. Nos momentos assíncronos, esta falta de participação ficou ainda mais evidente, pois as atividades tem um prazo de 15 dias para serem respondidas, devendo se necessário aumentar os prazos, e, geralmente as atividades permanecem o bimestre inteiro abertas para que os alunos possam no seu tempo realizar as atividades.

Alguns são os motivos que fazem com que nossos alunos não participem dos momentos síncronos: não possuem internet em sua residência; pacote de dados móveis estar expirado; internet de qualidade ruim; apenas os pais possuem celular e quando saem para trabalhar levam os aparelhos e os alunos não podem acompanhar as aulas; na casa existe um único aparelho de celular em casa e este deve ser utilizado por todos os estudantes da casa; entre outros motivos.

ANÁLISE DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA COM OS 1ºS ANOS

Com os 1ºs Anos a proposta era através da Tirinha da Mafalda trabalhar com os movimentos da Terra, os movimentos de Translação e Rotação. Para facilitar a análise da intervenção foi construído três gráficos que demonstram a participação em cada uma dos encontros. Assim seguem os gráficos de participação que demonstram a participação no primeiro momento, a primeira aula síncrona, onde as tirinhas e o vídeo foram compartilhados com os alunos e, a partir deste momento iniciaram-se as discussões. Em relação aos primeiros anos temos um total de 119 alunos, sendo 40 alunos no 1A e 1B e 39 alunos no 1C. Cabe ressaltar que nenhum dos 02 alunos com necessidades especiais participaram destes três momentos.

Imagem 1 – 1º Encontro Síncrono



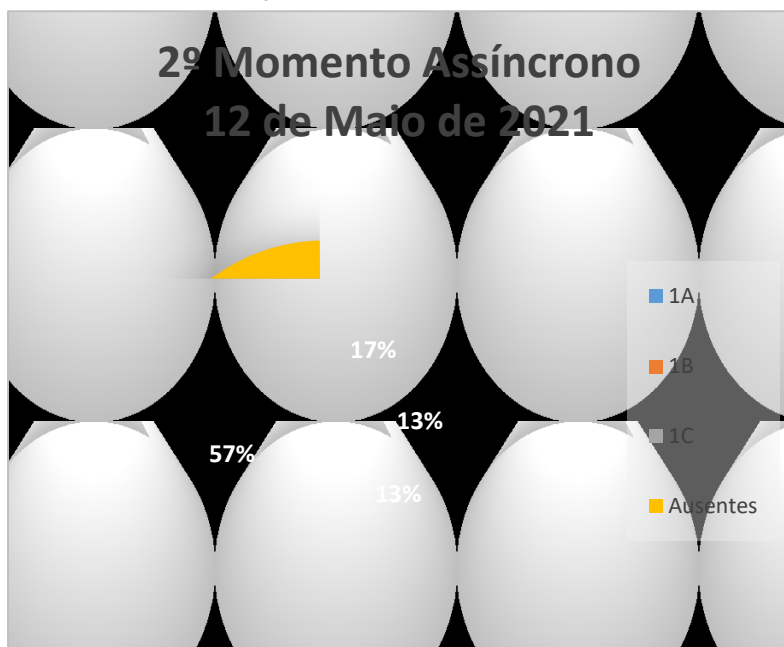
Fonte: Elaborado pelo autor.

Apesar na grande ausência dos alunos, a participação dos 39 alunos foi bastante efetiva. Este momento foi iniciado com uma fala de acolhida e na sequência foi colocada a Tirinha da Mafalda para que eles lessem e participassem dizendo o que entenderam, o que percebiam, quais eram os conteúdos na geografia que poderiam estar sendo trabalhados na disciplina a partir desta imagem. Destes 39 presentes, é claro que nem todos participaram, mas consegui pontuar a participação de 20 alunos. Estes alunos deram suas percepções, ideias e participações. A grande maioria citou que o conteúdo a ser trabalhado poderiam ser fatores meteorológicos. Após este momento foi perguntado a eles em relação aos movimentos

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

que a Terra fazia, como estes movimentos interferiam no seu cotidiano e assim demos continuidade ao assunto. Junto as falas deles utilizei slides que explicavam também através de imagens os movimentos de rotação e translação e pequenos textos sobre cada um deles. Os 40 minutos passaram rapidamente. Enquanto professora percebi a aula muito dinâmica e tive este mesmo retorno dos alunos com comentários que expressavam a facilidade de entender o conteúdo que foi explicado.

Imagem 2 – 2º Momento Assíncrono

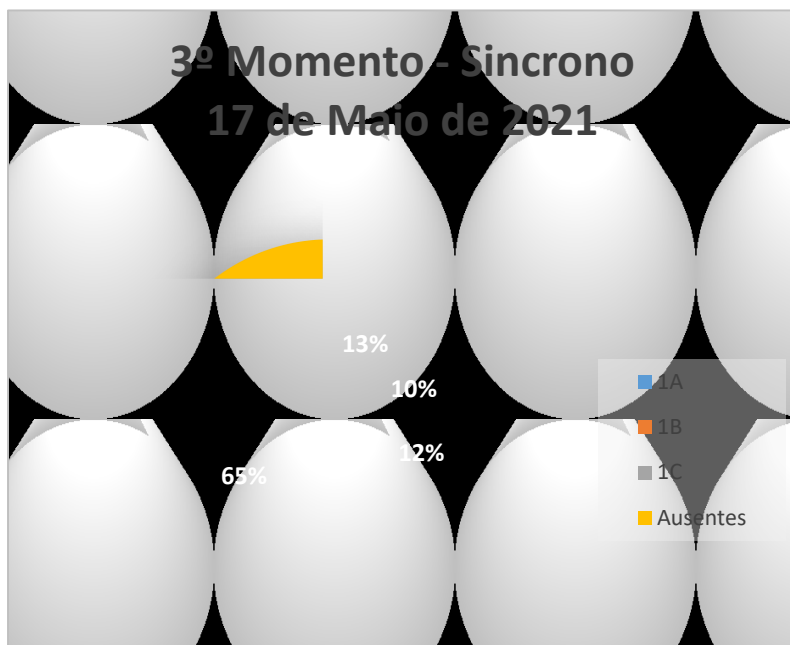


Fonte: Elaborado pelo autor

Seguindo a dinâmica da escola, no dia 12 de Maio foi postado o formulário com 04 perguntas e um upload de

arquivo. As 04 perguntas iniciais tratavam sobre o que era o movimento de rotação e o movimento de translação e o que estes interferiam no nosso cotidiano, eram perguntas objetivas . A 5ª atividade era realizar a postagem de uma tirinha respondendo a tirinha da Mafalda original. O levantamento de atividades respondidas foi realizado no dia 22 de Maio, e dos 51 alunos que responderam as questões nenhum deles realizaram a confecção da resposta da tirinha.

Imagem 3 – 3º Momento síncrono



Fonte: Elaborado pelo autor

No dia 17 de Maio, iniciamos nosso momento com os alunos através de uma mensagem de acolhida, em seguida foi perguntado a eles o que eles haviam achado dos

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

questionamentos realizados através do formulário e aqueles que participaram disseram não terem realizado a última atividade do formulário, a postagem da tirinha criada por eles por terem achado muito difícil de realizar, pois envolvia desenho e não gostavam e outros ainda disseram não ter conseguido realizar a postagem. O formulário permaneceu aberto, os alunos ficaram de realizar a postagem da atividade completa posteriormente. No entanto foi percebido que iniciar um conteúdo através de um de imagem facilita o entendimento e a apropriação e construção do conhecimento. Uma aluna ainda refletiu sobre sua aprendizagem dizendo que ela ficou muito feliz ao perceber que sua análise da imagem em relação ao conteúdo estava correta, mesmo sem ter tido realizado uma leitura do livro didático anterior apenas analisando dentro daquilo que já sabia/conhecia.

Acreditamos que conforme o grau de dificuldades da atividade, a tendência é que os alunos não a realizem, entregando a atividade incompleta ou simplesmente deixando de entregar a atividade. Num momento presencial, a construção desta tirinha certamente teria uma maior realização. Talvez se tivessem sido demonstrados exemplos de resposta para a tirinha, não sendo explicado apenas através da fala, tivessem sido recebidas mais respostas. O costume com a utilização dos formulários também pode ser um quesito que levaram os alunos a não realizar um atividade que fosse preciso realizar no caderno, numa folha branca, ou num arquivo de editor de texto.

ANÁLISE DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA COM O 2º ANO C

Com os 2º Ano a proposta era através do documentário A Ilha das Flores, de direção de Jorge Furtado produzido em 1989, trabalhar com as desigualdades sociais que surgiram através do capitalismo. Para facilitar a análise da intervenção

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

foi construído três gráficos que demonstram a participação em cada uma dos encontros. Assim seguem os gráficos de participação que demonstram a participação no primeiro momento, a primeira aula síncrona, onde o vídeo foi compartilhado com os alunos e, a partir deste momento iniciaram-se as discussões. Um fato importante que vale destacar é que nesta turma, além de ser professora de Geografia a professora em questão também leciona Sociologia e conseguiu planejar suas atividades de forma que os conteúdos se relacionasse através da interdisciplinaridade, mas, vamos nos deter apenas nos momentos da disciplina geográfica, disciplina em destaque no curso proposto. No 2º ano C, temos 39 alunos matriculados e 01 aluno com necessidades especiais que não participou de nenhum momento do projeto.

Uma situação diferenciada nesta turma é que temos cerca de 10 alunos que estão trabalhando, e, justificam a ausência nas aulas através do MEET com o trabalho, mas acabam, dentro do seu tempo disponível realizando a atividade proposta quinzenalmente.

O nosso primeiro encontro síncrono aconteceu no dia 05 de Maio, seguindo o horário normal da EEM Francisca Linhares de Souza e também seguindo as orientações pedagógicas onde temos 01 encontro virtual através do meet em uma semana e na próxima semana é a semana de atividades este formato repetindo-se até o final do Bimestre com as avaliações.

Num primeiro momento os alunos foram acolhidos com uma mensagem de acolhimento e incentivo e na sequencia foi explicado que iríamos assistir um pequeno documentário de cerca de 15 minutos.

O documentário foi compartilhado com os alunos e após os presentes assistirem cada um deveria dizer uma palavra que mais marcou, ou palavra que seria utilizadas para definir o documentário. As palavras ditas pelos alunos foram:

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

- 1- Comércio
- 2- Pobreza
- 3- Dinheiro
- 4- Tomate
- 5- Lixo
- 6- Meio ambiente
- 7- Oportunidades

Através destas palavras fomos adentrando no nosso conteúdo, trabalhando com toda a questão econômica que envolve o capitalismo, até mesmo a globalização e a partir daí fomos discutindo as desigualdades sociais. Como a aula tem apenas 40 minutos esta discussão acabou tendo sequência na aula de sociologia da mesma semana, com um enfoque sociológico, mas que complementou a discussão realizada anteriormente.

Como podemos perceber o segundo momento que foi a realização das atividades que foram disponibilizadas através de um formulário no ambiente Google Classroom, o mesmo era composto por 4 perguntas objetivas e a construção de um pequeno texto sobre a relação do conteúdo do documentário que foi discutido em sala de aula e a realidade do seu município ou de seu país. Dos 18 trabalhos entregues até o dia 20 de Maio, 15 deles relacionavam o conteúdo do vídeo com a situação Brasileira, e apenas 03 eram mais completos e buscavam elementos a nível de município, de vivência, da realidade dos alunos.

Iniciamos o terceiro momento com uma mensagem de acolhimento e realizamos a avaliação dos momentos anteriores, e neste encontro tínhamos 09 alunos presentes, dos quais 02 não haviam participado do primeiro encontro e um não havia realizado a atividade. A avaliação dos alunos é que a atividade foi tranquila, mas reclamaram da questão da produção textual, alegando que escrever no formulário para alguns em relação ao equipamento utilizado ter uma

tela pequena fica muito ruim de responder a atividade através de textos e que as perguntas objetivas são muito mais fáceis de aprender e de responder.

Imagem 4 – Participação dos Alunos 2C em Intervenção Pedagógica



Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme percebemos através da análise dos resultados, um grande problema foi a falta de participação dos alunos pelos motivos já elencados anteriormente. Estas questões são resolvidas no ensino presencial, onde até mesmo pela disposição das aulas germinadas, aulas de 100 minutos, é possível aprofundar muito mais as discussões e também ampliar as comparações através de músicas, imagens do Brasil e do Mundo que representasse o conteúdo ora trabalhado.

Na educação, fazer com que o aluno sinta-se integrante do processo de aprendizado é primordial para que a aprendizagem se efetive. A geografia nos permite utilizar de imagens para que o aluno possa analisar sua realidade conforme Ferreira do Vale e Magnoni

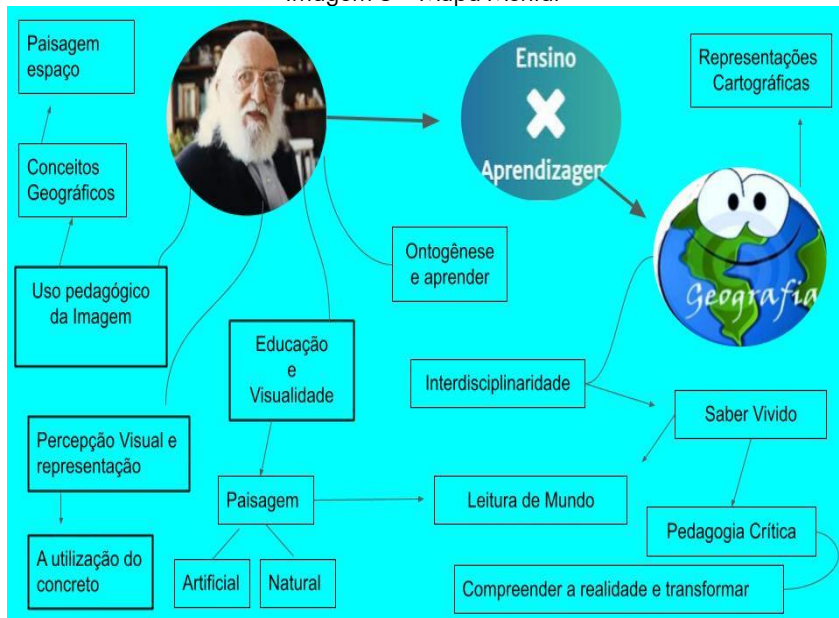
Se, temos como grande objetivo no ensino de Geografia, dotar nossos alunos de capacidade suficiente para perceber a espacialidade particular de cada sociedade, devemos entender as manifestações paisagísticas como grandes “sintomas” a esclarecer os rumos de determinada comunidade ou sociedade (FERREIRA DO VALE e MAGNONI, 2012, p.107).

A utilização de imagens e mídias diferenciadas também colaboram para que os alunos sejam surpreendidos e percebam que a aprendizagem também pode ocorrer de forma diferenciada, partindo da sua realidade e de outras fontes, que não sejam apenas os livros didáticos e textos científicos.

Pergunta 1: Como a imagem pode mediar a gestão interdisciplinar do conhecimento? Justamente pelo fato da imagem permitir a sua análise através de diferentes caminhos ela colabora com a interdisciplinaridade do conhecimento. É possível analisar tempo, espaço, modificações, teorias, conceitos, partindo de uma imagem comparando-a com a realidade.

Pergunta 2: Como é possível viabilizar a educabilidade do olhar? Acredito que a grande dificuldade está em fazer com que os alunos consigam perceber que imagens e filmes, vão além de imagens e histórias. Perceber que se pode estudar, aprender, com outras ferramentas além de palavras, frases e textos necessita de sensibilidade e é aí que entra o professor como mediador, para exercitar a educabilidade do olhar do aluno, fazendo que ele veja além do óbvio.

Imagem 5 – Mapa Mental



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Pergunta 3: É possível diante do atual contexto pandêmico consolidar um espaço de reflexão, discussão e partilha de experiências sobre o uso da imagem como mediação da prática docente? Acredito que mais do que nunca, neste momento em que vivemos, utilizar imagens como base para discussões, reflexões e conhecimento facilita a compreensão do conteúdo e permite uma aproximação maior entre professores e alunos. A imagem pode despertar diferentes sentimentos e emoções. É importante também pois através desta imagem o aluno pode sentir-se relacionado a esta imagem, integrado com o meio e com a realidade. Neste momento os momentos entre professores e alunos se dão via meet, ou whats app, mais do que nunca os professores precisam utilizar outras

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

mídias para motivar a participação dos alunos nestes momentos, pois textos certamente tornariam enfadonho este processo e dificultaria o aprendizado.

Pergunta 4: Observando-se a importância da interdisciplinaridade, respeitando-se o estudo e o objeto da Geografia, como é possível articulá-la e nos apropriarmos da linguagem fílmica ampliando os leques de possibilidades da organização do conhecimento. Aponte/sugira uma possibilidade, observando-se a duração de uma hora-aula ou horas-aulas de Geografia e outra disciplina, e roteirize explicando detalhadamente como ocorreria esta ação educativa.

Documentário Ilha das Flores.

Disciplinas: História, geografia, sociologia, português e matemática - 5 aulas, sendo 01 aula em cada disciplina/segmento

Conteúdos que poderiam ser trabalhados: Matemática :porcentagem, adição, área, subtração.../ Português: produção textual e análise da linguagem do documentário/ Geografia: capitalismo, indústria, meio ambiente/ Sociologia: desigualdade social/ História: Capitalismo

Iniciaríamos com a exposição do documentário - são cerca de 15 minutos.

Neste primeiro momento realizaríamos uma roda de conversa em relação ao documentário e o que os alunos perceberam, o que eles acreditam ser real, quais as semelhanças com o Brasil e o meio onde vivemos. A partir daí cada disciplina, dentro do seu contexto, iria utilizando o filme como base para trabalhar com os seus conteúdos.

Pergunta 1: Em que consiste a ontogênese da imagem? A questão da análise das imagens nos permite perceber o mundo através de diferentes olhares, críticos ou não, reais ou imaginários, que nos leva a analisar nossa realidade construindo novos saberes

Pergunta 2: Quais as relações existentes entre a arte da representação e a Geografia? As relacione sob o viés freiriano. Acredito que a liberdade de análise de imagens nos permite construir um conhecimento amplo real, inerente ao nosso cotidiano, e que pode transpor a disciplina da geografia específica e busca auxílio nas outras disciplinas, trazendo a dialogicidade e a interdisciplinaridade para o contexto. Podemos citar a afetividade e o aprendizado significativo como uma importante relação de análises de imagens que é muito presente no viés freiriano.

Pergunta 3: Como é possível relacionar as formações sociais e as imagens nos espaços formais e informais educativos? Acredito que através da educação do olhar, da construção do conhecimento através do diálogo, do entender a realidade em conjunto com seus pares

Pergunta 4: Uma sugestão apontada no texto é o uso de quadrinhos/tirinhas. Como é possível por eles realizarmos a educabilidade do olhar e promover uma educação geográfica? Poste aqui uma tirinha e explique como você a utilizaria.

Imagem 6 – Tirinha da Mafalda

Bons ventos?



Fonte: Quino (2003, p. 331, tira 3).

Tema Gerador: Os movimentos da Terra

Conteúdo: Movimento de Rotação e Translação e seus efeitos

Objetivo: Conhecer os movimentos de rotação e translação e identificar suas consequências.

Material utilizado: globo terrestre, slides, vídeo animado, retroprojeter.

Metodologia: Iniciar indagando sobre o que os alunos acham que esta tirinha quer dizer, e, a partir daí explicar os conteúdos através da participação dos alunos. Explicar o assunto, utilizar o globo terrestre, passando também os vídeos curtos.

Avaliação: Atividade - construir uma tirinha de resposta para a Mafalda.

Com a utilização desta tirinha, é possível trabalhar os movimentos da Terra, translação e rotação. É uma forma de questionar o conhecimento dos alunos acerca do seu conhecimento geográfico. Pode ser utilizado no início do conteúdo como reflexão ou até mesmo enquanto verificação da aprendizagem do aluno.

Palavras que possuem relação com a imagem / visão/ individualismo/ espaçamento cores/ formas/ expectativas/ posição/ luz/ sombra/ enquadramento/ sentimentos/ movimento projeção/ arte/ perspectiva/ planos/ sons/ comunicação/ cultura /conhecimento prévio/ conhecimento cultural/ conhecimento popular/ percepção/ mídias /instrumentos /criatividade análise

Atividades Práticas - A Geografia, a educação e a percepção Visual

A geografia é uma disciplina que permite uma infinidade de atividades que permitem os alunos desenvolverem o desenvolvimento da sua visão, da sua percepção do mundo, no espaço a sua volta.

O Bairro, o entorno da escola, permitem exercitar as diferentes percepções visuais que podemos ter em relação

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

aquilo que nossos olhos vêem. Os mapas, a elaboração de croquis e plantas, além da análise de nosso próprio globo terrestre nos permitem diferentes percepções visuais. A geografia pode contribuir com o desenvolvimento da criatividade, com a estimulação da visão, com diferentes formas de apropriação do conhecimento e diferentes formas de analisar diferentes conteúdos.

O objetivo é estimular, treinar a memória visual, entender o visível, exercitar a visão para analisar diferentes formas e conteúdos.

Geografia da Observação é como analisamos, como vemos, como construímos o conhecimento através do olhar.

A análise do olhar-Analisar o olhar vai muito além da questão biológica, fisiológica e neurológica do olho e do olhar. Vai além das questões objetivas envolvendo o subjetivo, o emocional, o visto não visto mas sentido, conhecido.

A complexidade do olhar está na complexidade de perceber as sensações e o espaço visualmente.

A Capacidade do olhar. Olhar é um exercício simples mas ao mesmo tempo complexo. Simples quando você simplesmente olha uma rua, um prédio, uma flor. Complexo quando além das cores, das formas, buscamos analisar de forma mais completa o objeto em questão. Ao percebermos a amplitude do ato de ver, busco em Milton Santos um suporte para valorizar e salutar ainda mais a importância da visão.

Segundo Milton Santos, geógrafo, "Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem (...). Não apenas formada de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc." (SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1998.p.61.)

Aos poucos vamos trabalhando com o nosso olhar para que ele atinja as muitas complexidades das formas, objetos, cores, texturas, perspectivas...

Vemos o que sabemos e imaginamos, ou seja vemos aquilo que queremos ver . Caso não exercitarmos o nosso olhar, não teremos condições de ampliar nossos conhecimentos, pois junto com nosso olhar levamos muito do nosso conhecimento prévio, da nossa cultura, de nossos pré-conceitos.

Os olhares são únicos, pois carregam a individualidade de quem está olhando, carrega sua vivência, sua noção do mundo e suas perspectivas culturais.

Alguns objetos podem nos auxiliar a aprimorar a nossa visão, um telescópio, um óculos, um binóculo, um caleidoscópio, mas não são suficientes para amplificar nossa visão se não desenvolvermos nosso olhar.

Se buscarmos na arte a amplificação do alcance de nosso olhar, certamente poderemos ampliar e perceber novos elementos e novas formas de representação através de diferentes métodos e materiais, de novos olhares e sentimentos, pois temos o olhar do artista e o olhar do observados. Os olhares também acabam se comunicando, é uma forma de comunicação, pois passa uma mensagem, um código, uma sensação, uma emoção.

Com o advento da modernidade, o conceito de Paisagem, principalmente em relação a Geografia Humana, começa a ser muito valorizado e sua discussão se amplia, deixamos de pensar na paisagem apenas como aquilo que enxergamos, mas ampliamos seu conceito indo além de nossa percepção e sentidos. A paisagem torna-se, portanto, um conceito muito mais complexo e completo a partir do século XX.

Existe dentro desta nova concepção de conceito de paisagem uma certa interdisciplinaridade, pois muito ligada a arte, a paisagem pode ser vista através de uma pintura, mas muito de seus elementos nos são percebidos através de sentimentos e sensações que estão presentes em nosso cotidiano e até mesmo vivência. Sendo assim é preciso treinar

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

nossos olhos, através de aprendizagens, para que a paisagem seja percebida em ambientes bucólicos, como uma casinha no campo com lareira, mas que esta também seja percebida no centro de uma megalópole, onde poluição, carros, indústrias e o cotidiano atual se misturam no frenesi capitalista. Analisar a paisagem envolve muito dos observadores, pois vai além de conceitos artísticos, vai além da junção de aspectos sociais, econômicos e culturais, estudar a paisagem é perceber-se dentro do todo, dentro da observação com todas as sensações e emoções que este momento lhe permite.

No artigo de Teresa Barata Salgueiro, Paisagem e Geografia, é discutida a evolução da análise do conceito da paisagem. A concepção o conceito de paisagem do século XIX, através da escola Alemã, trata a paisagem como uma “porção limitada da superfície da terra que possuía um ou mais elementos[...] a aparência da terra tal como era percebida pelo observador”, que seria basicamente o estudo da morfologia da paisagem, onde seriam estudados cada um dos detalhes contidos nesta paisagem. Nesta forma de analisar a paisagem podemos citar grandes nomes: Hartshorne, Sorre, Brunhes, Schluter e Passarge entre outros.

Evoluindo o estudo da paisagem, podemos verificar uma maior análise da paisagem através da junção de elementos físico naturais e humanos e suas inter-relações . Esta forma de analisar a paisagem fica muito mais próxima da defesa de grandes nomes como Bobek, Lautensach e Demangeon, mas, Sorre também passa a se juntar neste time de pensadores que aproxima o conceito de paisagem com o de região em decorrência das suas características a serem analisadas.

Cabe ressaltar aqui que “o conceito de paisagem é essencialmente visual”, como afirma Teresa Barata Salgueiro. Ao analisarmos uma paisagem, este estudo acaba se tornando dinâmico pois trazemos todo o nosso conhecimento para analisar uma paisagem. Se esta ainda representar uma

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

paisagem humanizada ou cultural, aí sim que estes conhecimentos prévios ficam evidentes ao analisarmos uma paisagem.

Foi no final do século XX que percebemos uma grande preocupação e interesse da Academia em relação a paisagem, percebe-se um grande número de eventos, pesquisas e publicações tratando sobre o tema. Assim percebemos o estudo da paisagem através de vertentes tradicional, onde liga a paisagem ao meio ambiente e a ecologia e o estudo da paisagem através de uma visão subjetiva muito ligada a vivência e a percepção do homem em relação a um determinado espaço, onde podemos citar a topofilia. Podemos citar alguns autores: Sanguin, Berque, Tuan, Lowenthal, Meinig entre outros como representantes desta geografia humanista que complementa e moderniza o estudo da paisagem trazendo aspectos da participação e contribuição humana na complexidade do estudo da paisagem.

Percepção e Conhecimento. A nossa percepção, nosso conhecimento e nossa essência enquanto seres humanos se fazem presentes enquanto percebemos a paisagem. Sempre trazemos nossa bagagem ao analisarmos situações e paisagens. A ciência geográfica e a categoria de paisagem nos cobra uma análise mais crítica, criteriosa indo além do que "vemos e sentimos".

Paisagem Natural e Paisagem Artificial - A paisagem natural é aquela não modificada pelo ser humano, já a artificial é aquela transformada pelo ser humano. A paisagem necessita de uma análise mais criteriosa através da sua heterogeneidade.

Os objetos culturais são todos os elementos que estão presentes no espaço geográfico, dependendo das características do seu tempo e espaço e está em constante processo de transformação.

O espaço é um conceito interdisciplinar, extremamente ligado a relação tempo X espaço e a sociedade.

Paisagem o que é: Tudo aquilo que vemos através do nosso olhar, mas, também agregado de outras características que sabemos estar presentes e compoendo aquilo que vemos(sons, sensações e cheiros)

Paisagem e região: A paisagem pode estar inserida na região, mas não o contrário. O conceito de região agrega costumes, características geológicas, climáticas, culturais de um determinado espaço geográfico. Este conceito também foi se construindo ao longo do processo histórico.

Paisagem e produção: os instrumentos de trabalho: A paisagem altera-se conforme a evolução humana e seus diferentes modos de produção historicamente construídos. Através da evolução humana e de seus modos de produção existe uma tendência da paisagem se homegeinizar.

Uma ferramenta de mudança: Paisagens estão em constantes mudanças tanto as naturais como as artificiais pois modificam-se conforme as relações e a evolução social e cultural.

Datação e movimentos da paisagem: As paisagens modificam-se com o tempo e podem se perder histórica, social e culturalmente.

A mutações da paisagem: o estrutural e o funcional: Podem ser estruturais ou funcionais, esta variação pode ocorrer através do dia e noite, das funções e ocupações que podem ser públicas privadas, culturais, sociais, etc....

O Espaço o que é: O espaço é um conceito de grande amplitude na geografia é o resultado da ação humana na relação do tempo e no espaço e é composto por elementos naturais, culturais e artificiais.

A paisagem não é o espaço: A paisagem está presente no espaço, no entanto a paisagem é um dos elementos que compõem o espaço.

A espacialização não é o espaço: É o momento, portanto mutável. A espacialização é percebida através dos

elementos que compõem o espaço geográfico levando em consideração um determinado tempo histórico

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos desafios vivenciados com a pandemia, não é possível não se preocupar com a qualidade e o aprendizado dos alunos. Na geografia, e, não só nesta disciplina, a imagem nos proporciona amplas possibilidades de se trabalhar a geografia, a paisagem, o cotidiano dos alunos através de diferentes imagens.

O que seria a Leitura de imagem? Após tudo o que lemos e o que foi estudado, a leitura da imagem é ir além dos traços, das cores, das figuras. Ler a imagem é uma atividade de compreensão que envolve nosso conhecimento adquirido, nossa percepção de mundo, nosso cotidiano. Também pode ser uma análise temporal do conhecimento que percebemos ou discutimos.

A imagem também pode ser um texto? Sim, pois a imagem também pode ser codificada de forma textual, literal. A imagem pode certamente ser transformada em forma de texto.

Este momento, aliado ao curso e aos aprendizados decorrentes das atividades e leituras propostas certamente permitiram uma mudança profissional bastante significativa. Foi possível perceber determinadas situações que estavam tão presentes no cotidiano mas que não eram visíveis talvez pelo acúmulo de atividades ou até mesmo pela comodidade e rotina de atividades.

É muito relevante e importante para um professor realizar uma auto avaliação do seu trabalho e também estar aberto a novas aprendizagens. A formação continuada de professores não nos mostra a nossa incapacidade profissional mas sim a necessidade de estarmos em constante mudanças e modificações. Não podemos esquecer que vivemos em

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

sociedade, somos integrantes de uma sociedade e ela é também dinâmica. É uma atividade de pensar nossas aulas de como nós gostaríamos de que fossem enquanto alunos, é desenvolvermos aulas e assuntos a partir do nosso cotidiano da nossa realidade para conseguirmos trazer estes alunos mais próximos da escola, e, do processo de ensino aprendizagem.

Precisamos alinhar nossas aulas, nossos conhecimentos sempre através de algumas premissas: a modalidade de ensino, em tempos de pandemia, temos que pensar nossas aulas se são para momentos remotos ou híbridos. Devemos realizar adaptações e adequações em relação a realidade de nossos alunos e também em relação as suas necessidades. Temas como diversidade, inclusão, tecnologia, preconceito, empatia, respeito, cidadania, entre outros temas, devem estar presentes em nossas aulas e atividades mesmo não fazendo parte de nosso rol de conteúdos. Precisamos formar cidadãos capazes de viver em sociedade com habilidades para superar todas as adversidades que possam vir a aparecer na sua realidade.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Erenildo João; FAHEINA, Evelyn Fernandes A. O uso da imagem como estratégia da gestão do conhecimento interdisciplinar. In. CARLOS, Erenildo João (Org.). Por uma pedagogia crítica da visualidade. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

FERREIRA DO VALE, J.M; MAGNONI, M.G.M. Ensino de Geografia, desafios e sugestões para a prática educativa escolar. Bauru: Revista Ciência Geográfica, 2012. p.102-110.

FREIRE, Paulo. A pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Educação como prática de liberdade. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

FREIRE, P.R.N. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2005. 54p.

MENDES, M.F. *A obra Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire e a prática docente na Geografia: Contribuições para o Pensamento Geográfico*. Fortaleza: Revista Geosaberes, 2010. p.27-36.

OLIVEIRA, F.L.B; SILVA, F.N; BEZERRA, S.A.S. *Diálogos em Paulo Freire e Educação Popular: Relato de experiência no LeFreire*. Natal: Editora da UFRN, 2013. 4p.

SALGUEIRO, Teresa Barata. *Paisagem e Geografia*. Revista Finisterra, ano XXXVI, vol. 72, p. 37-53. Lisboa, 2001.

SANTOS, Milton. *Paisagem e espaço*. In.: *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia*. 6 ed. São Paulo: EdUSP, 2014. p. 67-81.

SOUSA, Rocha de. *Percepção visual e representação*. In. SOUSA, Rocha de. *Didática da Educação Visual*. Universidade Aberta, Lisboa, 1995. p. 31-69.

ROMAO, José Eustáquio. *Paulo Freire e a imagem*. In: *Educação & Linguagem*, v. 13, n. 22, p. 77-97, jul.-dez. 2010.

A EDUCABILIDADE DO OLHAR E O USO DE IMAGENS COMO INSTRUMENTO EMANCIPADOR NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Jailton Santos Silva³

Maria Aparecida Vieira de Melo⁴

RESUMO: O trabalho objetiva refletir sobre a importância da educabilidade do olhar a partir da utilização da imagem visual no ensino de geografia, enquanto instrumento aguçador do senso crítico e da emancipação dos sujeitos. A educabilidade do olhar estimula o pensamento crítico e criativo, além de contribuir para a leitura do mundo, a partir da problematização e interpretação de imagens, trazendo a tona as suas ideologias. O trabalho foi construído a partir das intervenções propostas no decorrer do curso de aperfeiçoamento em Paulo Freire e o uso pedagógico da imagem visual em Geografia, tais como: levantamento bibliográfico, fichamentos de textos de autores

³Graduado em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professor da Rede Municipal de ensino de Feira de Santana/BA.

⁴Doutora em Educação pela UFPB (2020). Mestra em Educação, Culturas e Identidades pela UFRPE/FUNDAJ (2015). Pedagoga pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2010). Especialista em: Psicopedagogia (2012); Gestão Pedagógica (2013); Educação em direitos humanos (2014), Educação do campo (2015), História e cultura dos povos indígenas (2015), Tecnologias e artes (2019). Líder do Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN), Pesquisadora do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais da Universidade Federal de Alagoas (NUAGRÁRIO/UFAL), Pesquisadora do Laboratório de Educação, Novas Tecnologias e Estudos Étnico-Raciais (LENTE/UFRN), e do Grupo de Estudo e Pesquisas Discursos e Imagem Visual em Educação (GEPDIVE/UFPB). Interesses em: Educação do campo, educação popular, movimentos sociais, processos educativos, interdisciplinaridade. Formação de professores. Gestão pedagógica e Políticas educacionais. Livros didáticos. EJA. Transdisciplinaridade. Estágio supervisionado. EAD. Análise Arqueológica do Discurso (AAD). Pedagogia Social. E-mail: m_aparecida_v_melo@hotmail.com.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

como Santos (2014), Salgueiro (2001), Sousa (1995) e a construção de propostas de aprendizagem a partir da imagem audiovisual. A partir do curso, tornou-se claro a importância da inserção do pensamento de Paulo Freire no ensino de geografia, sendo as imagens a materialização da relação entre cidadão e espaço geográfico.

PALAVRAS-CHAVE: Escola. Ensino de Geografia. Imagem Visual.

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade imagética e somos bombardeados cotidianamente por propagandas, outdoor, fotografias, que ao representar situações do dia a dia transmitem informações, mobilizam sentimentos e emoções, e se caracterizam como recursos importantes no processo de ensino e aprendizagem, que devem ser incorporados no trabalho docente em sala de aula.

As imagens estão presentes desde a nossa pré-história, quando os nossos antepassados desenhavam nas paredes das cavernas as situações do seu cotidiano. Desta forma, ela se constitui como instrumento importante da relação do humano com o mundo e pode desempenhar um papel crucial para o desenvolvimento do senso crítico e a emancipação dos sujeitos.

Cabe à escola realizar uma alfabetização visual, problematizando as imagens e interpretando-as de forma crítica, de modo a trazer a tona as suas ideologias e fazer com que seus estudantes as identifiquem, conduzindo assim, a uma educabilidade do olhar. Para esta tarefa, garantir a formação continuada dos professores, estimulando também neles a educabilidade do olhar, é um aspecto relevante, visto que o desenvolvimento da criticidade e a emancipação do estudante, apenas serão possíveis quando este processo já está em andamento no professor.

A formação continuada dos docentes se caracteriza como a oportunidade de refletir a sua própria prática, construir um embasamento teórico sobre ela e incorporar novos elementos no exercício docente que agucem o senso crítico e conduzam a emancipação dos sujeitos.

Dentre esses elementos, a incorporação na prática pedagógica das imagens cotidianas visualizadas pelos estudantes, de modo problematizador, tomando-as como ponto de partida para a reflexão das temáticas e conteúdos trabalhados na sala de aula, pode contribuir para que o estudante entenda o mundo a partir desse arcabouço que a escola oferece, significando assim, sua vida e o mundo no qual está inserido.

A educabilidade do olhar estimula o pensamento crítico e criativo, além de contribuir para a leitura do mundo. Nesse sentido, é peça chave no cotidiano escolar, pois viabiliza a criatividade permitindo aos estudantes que sejam o que de fato são. Os processos educativos precisam fugir dos modelos rígidos e inflexíveis que tolhem a criatividade do educando, tornando a aprendizagem um ato mecânico e sem vida, que não vai além do cumprimento de uma série de padrões sociais normativos, na maioria das vezes, impostos de cima para baixo, no qual o estudante é visto com um ser que deve ser formatado e que não tem a capacidade de criar.

A dinamização do processo de ensino e aprendizagem a partir da diversificação de metodologias e recursos, como por exemplo, a incorporação das imagens na prática pedagógica, o uso de filmes, e a utilização de metodologias ativas, ou seja, metodologias nas quais o aluno tenha a possibilidade de se expressar e de criar são algumas das estratégias que viabilizam a liberdade criativa e a educabilidade do olhar no ensino de Geografia, devendo ser incentivadas no cotidiano escolar.

Dito isto, este trabalho surge como resultado final das reflexões construídas ao longo do curso de aperfeiçoamento em

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Paulo Freire e o uso pedagógico da imagem visual em Geografia e objetiva refletir sobre a importância da educabilidade do olhar a partir da utilização da imagem visual no ensino de geografia enquanto instrumento aguçador do senso crítico e da emancipação dos sujeitos.

Além desse texto introdutório, a seguir encontram-se: os procedimentos metodológicos sobre a construção do trabalho, a revisão bibliográfica e as intervenções construídas ao longo do curso, bem como as considerações finais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho foi construído a partir das intervenções propostas no decorrer do curso de aperfeiçoamento em Paulo Freire e o uso pedagógico da imagem visual em Geografia, por meio de ações como o levantamento bibliográfico e o fichamento de textos. Também fizeram parte desse caminho, a construção de propostas de aprendizagem pautadas na inclusão, na interdisciplinaridade e no trabalho criativo dos educandos, a partir da imagem audiovisual. As propostas construídas trouxeram elementos de práticas desenvolvidas em sala de aula, bem como novas possibilidades de abordagem da temática meio ambiente e capitalismo, escolhida para as intervenções.

As propostas de intervenção pautaram-se na problematização do tema e na escuta das experiências cotidianas vivenciadas pelos estudantes, para partindo dessas experiências construir uma reflexão crítica da realidade.

IMAGEM VISUAL, ESCOLA E ENSINO DE GEOGRAFIA: RELAÇÕES POSSÍVEIS

A utilização da imagem mobiliza diversos saberes necessários a análise, compreensão e reflexão do fenômeno

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

apresentado, levando o aluno a acessar de forma integrada, campos de conhecimentos distintos, mas indispensáveis para este entendimento e reflexão, o que em sua essência representa uma forma de gestão interdisciplinar do conhecimento (TEXEIRA e FREDERICO, 2009).

A educabilidade do olhar é possível, quando inicialmente trabalhamos de forma crítica e questionadora, com imagens de problemas e realidades conhecidas pelos sujeitos, de modo que essas imagens possibilitem o descortinar das ideologias e iniciem um processo de fazer com que eles passem a encará-las para além da simples aparência, problematizando e trazendo à tona questões que estão imbricadas no que está representado (CARLOS e FAHEINA, 2010).

A cultura imagética é uma realidade presente em nosso cotidiano, dessa forma, se considerarmos que o contexto pandêmico intensificou ainda mais o uso de meios digitais nas quais elas são uma realidade ainda mais forte, problematiza-las torna-se possível e importante. É possível a partir de reuniões virtuais com slides e exibição de vídeos, problematizar e discutir essas questões, por exemplo.

Uma possibilidade de apropriação da linguagem fílmica no ensino de geografia, de modo a mobilizar uma atuação interdisciplinar a partir da imagem audiovisual, é a utilização do curta-metragem “Sociedade de Consumo” de Steve Cuttes, que aborda diversos aspectos da crise ambiental planetária e o papel da humanidade nesse processo. Sendo possível, a partir do mesmo, refletir com alunos do 9º ano, temáticas como: consumismo, industrialização, meio ambiente e desigualdades socioespaciais. Nesse caso, o docente realizaria a exibição do curta-metragem, como um disparador para discussões e reflexões naquela aula; e a partir de questões norteadoras conduziria a aula refletindo os temas propostos, sendo possível inclusive, contar com a participação de outros colegas, para a discussão dos temas.

A ontogênese da imagem consiste no estudo da imagem no decorrer do tempo e as respectivas funcionalidades que desempenhou nesse decurso histórico. Entendendo a imagem como uma produção intimamente humana de representação realística do mundo real (REINACH, 2013).

A representação e a geografia estão intimamente relacionadas visto que o objeto de estudo da geografia, o espaço geográfico, pode ser analisado, refletido e comunicado a partir das representações cartográficas, por exemplo. O mapa enquanto a linguagem dos geógrafos demonstra essa estreita relação, visto ser uma representação imagética do fenômeno estudado. Além disso, cabe destacar que a geografia parte dessa representação concreta da relação sociedade-natureza para refletir e tensionar as questões postas, em um movimento que podemos dizer freiriano, de partir do concreto para refletir e atuar de forma crítica sobre a realidade estudada, aprendendo com essa realidade.

Vivemos em um mundo dominado pelas imagens, que muitas vezes são manipuladas pelos atores hegemônicos influenciando diretamente a constituição da sociedade. Dessa forma, é de extrema relevância trazer essas imagens para dentro dos espaços educativos como forma de problematizá-las, questioná-las e conseqüentemente refletir sobre as formações sociais das quais elas são representações e reflexo, uma vez que dialeticamente, são construções humanas dessa sociedade e influenciam diretamente esses seres construtores-construídos. Assim, incorporar imagens do cotidiano no trabalho educativo desenvolvido nos diversos espaços é uma das formas de relacionar a formação social e as imagens.

A utilização de quadrinhos na sala de aula pode desenvolver o senso crítico e questionador, para situações do cotidiano, nem sempre refletidas pelos estudantes. Assim, a partir de sua utilização é possível educar o olhar dos estudantes para identificar e refletir sobre essas situações de modo crítico.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Além disso, tais recursos tem a capacidade de instigar e envolver os estudantes que vivenciam esse mundo imagético e muitas vezes não gostam de textos longos. Servindo, desse modo, para a promoção de uma educação geográfica.

Um exemplo de sua utilização é a tirinha a seguir (imagem 1), que poderia ser utilizada como recurso disparador da discussão envolvendo o tema: “Consumo, produção e meio ambiente”. Nessa aula, o professor poderá iniciar apresentando a tirinha, seguida de questões norteadoras como: Qual a relação entre, consumo, produção e meio ambiente? Quais as consequências do consumismo na nossa sociedade? Você se considera uma pessoa consumista? O que seria o consumismo para você? A partir de uma roda de diálogo na qual os alunos seriam protagonistas dessa construção de conhecimento, o professor trabalharia os aspectos teóricos que envolvem o tema, exemplificando-os a partir das narrativas apresentadas pelos sujeitos.

Imagem 1: A obsolescência programada e o meio ambiente



Fonte: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_geo_uenp_denisedosanjos.pdf

Essa atividade pensada na disciplina de Geografia para turmas do 1º ano do ensino médio poderá ser desenvolvida a partir do seguinte caminho: A imagem será apresentada aos estudantes, que serão questionados sobre o que teria de relação entre a imagem visualizada e o cotidiano vivido por cada um deles, na perspectiva de trazer à tona as experiências subjetivas e individualizadas que cada um possui. A partir dessas experiências, o mediador irá conduzir, questionando as experiências trazidas e a relação entre porque consumimos, quais as consequências desse consumismo exagerado e o que podemos fazer para mudar os efeitos nocivos dessa relação entre consumo, produção e meio ambiente, de modo a fazer com que o aluno perceba a conexão existentes entre esses três aspectos, tendo assim, uma nova postura perante as atitudes cotidianas, que muitas vezes se concretizavam sem a devida reflexão. Por fim, o estudante poderá construir uma *checklist* de atitudes suas que podem ser mudadas a partir da discussão realizada.

A percepção de objetos e espaços cotidianos com os quais temos contato, amplia o domínio da visão. Nesse sentido, Sousa (1995) chama atenção para uma diferenciação categórica entre “olhar” e “ver”, sendo este último, algo além de olhar. Ver pressupõe compreender o espaço olhado, o que se liga diretamente a capacidade de acúmulo que temos de dados do real, e por isso, a forma como vemos e percebemos o espaço difere de pessoa para pessoa.

A forma como percebemos o objeto varia pelo acúmulo de informações que temos dele. Além disso, também é influenciada pela história cultural que cada indivíduo traz consigo. Assim, informação e cultura são fatores que influenciam diretamente na percepção visual. Nas palavras de Sousa (1995, p. 36) “Seja como for, parece indubitável que a carga cultural do sujeito pode influenciar decisivamente a sua visão do mundo – pela palavra ou pela imagem, pelos meios

de expressão correntes ou pela complexa rede dos processos artísticos”.

Se vemos de forma diferente, conseqüentemente a forma como transmitimos as nossas experiências sobre aquilo que vemos, também é diferente. E quando representamos o objeto visto, representamos aspectos que estão para além do campo visual, como a imaginação e as concepções que temos sobre ele.

Essas diferenças na percepção visual e no formato de representar aquilo que vemos, leva-nos a falar no que Sousa (1995) chama de mobilidade visual, demonstrando que a forma como a gente ver, depende dos ângulos e enquadramentos, mas também, dos contextos, da memória, da cultura e do imaginário.

Atrelado a isso, algumas características que influem na mobilidade visual e nas condições de observação, estão expressas no quadro1 a seguir.

Quadro 1 – Fatores que influenciam na mobilidade visual e nas condições de observação

| MOBILIDADE VISUAL E NAS CONDIÇÕES DE OBSERVAÇÃO | |
|---|--|
| Geografia da Observação | As estratégias que adotamos na observação, ou seja, ter a intencionalidade de observar metodicamente o espaço por onde passamos e os objetos com os quais nos deparamos. |
| Movimento do Domínio Observado | Ter a clareza que nada é estático, tudo se movimenta. Seja no objeto observado ou na pessoa que o observa, dia após dia, as mudanças acontecem. |
| Instrumentalização Física da | A utilização de instrumentos como máquinas fotográficas e câmeras alarga o nosso campo de visão e |

| | |
|---|--|
| Observação | permitem uma análise pormenorizada do objeto, visto que oferece ao olho novas capacidades de observação do espaço. |
| Instrumentalização Cultural da Observação | A nossa observação é influenciada por nossos aspectos culturais que dão sentido aquilo que a gente ver. |
| Influência da Percepção nos modos de Representar | A forma como se representa o objeto depende da percepção construída dele e daquilo que se pretende dar ênfase. |

Fonte: Sousa (1995)

Avançando para o campo da representação, Sousa (1995) destaca o hibridismo, cada vez mais presente nas formas representadas e discorre sobre métodos de representação dos objetos, com ênfase para os seguintes métodos: os decorrentes do nivelamento e da acentuação; métodos decorrentes do efeito perspectivo; dos métodos projectuais; pela gestão dos meios: matérias, materiais e técnicas; e do espaço bidimensional.

Assim, quando pensamos na relação entre geografia e a imagem visual, diversos aspectos saltam a nossa frente, visto que a imagem é um meio de transmissão de informação e cultura fundamental para o processo de aprendizagem dos educandos, visto que parte do concreto e permite o estudo da paisagem geográfica, consubstanciando uma leitura de mundo. Além disso, é um recurso para o exercício de uma geografia da observação que contribui para refletirmos sobre o espaço geográfico e todas as suas dinâmicas, como destaca a imagem 2.

Imagem 2: Relação entre Geografia e Imagem visual



Fonte: Mindmeister

Por fim, Sousa (1995) destaca a necessidade de a gente compreender o objeto observado e a partir da nossa observação, refazer e reinventar esse objeto. Para isso, o professor, a partir da realidade que vivencia e do público com o qual se relaciona, é o responsável por contextualizar as estratégias pedagógicas de educação visual.

A IMAGEM VISUAL COMO SUBSÍDIO PARA DISCUSSÃO DA PAISAGEM E DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

No texto Paisagem e Geografia, Teresa Barata Salgueiro realiza uma incursão histórico-epistemológica acerca do surgimento da paisagem nas Artes e posteriormente da sua abordagem pela ciência Geográfica e suas diversas correntes de pensamento, desde o positivismo até as perspectivas teóricas mais contemporâneas, tais como da Geografia humanista, da representação e da percepção.

Conforme destaca a autora, a invenção da paisagem é o resultado da contemplação estética da natureza que produz um afastamento entre o sujeito que observa e a natureza que é observada e, além disso, exige do observador a mobilização de sentidos e a criação de critérios de seleção da apreciação que são culturalmente aprendidos, sendo, portanto “a paisagem uma maneira de ver o mundo” (SALGUEIRO, 2001, p.38) criada com a pintura da natureza, enquanto expressão do belo, que muitas vezes, formava paisagens idealizadas, sem correspondente com a realidade.

Segundo Salgueiro (2001, p.40) “a paisagem ocupa lugar proeminente na Geografia quando esta se constitui como disciplina científica na Alemanha, no século XIX, embora o conceito não tenha um sentido preciso”. Neste primeiro momento, o estudo da paisagem pelos geógrafos, ocorria de duas formas: De forma fisionômica, a partir do método morfológico; e por meio do estudo das inter-relações entre os fenômenos físico-naturais e humanos com o território, a partir de uma análise corológica e dos gêneros de vida como conceito explicativo.

Salgueiro (2001) destaca que apesar de inicialmente a análise da paisagem ter surgido como uma descrição das formas físicas da superfície, com o decorrer do tempo a ação

humana foi incorporada nessa análise e considerada como fator decisivo de transformação da paisagem.

A autora ainda aponta que a observação objetiva é o ponto de partida da análise da paisagem, mas que diante da complexidade desse estudo, requerer-se-á partir para dimensões mais subjetivas de análise (SALGUEIRO, 2001).

No início da Geografia científica a paisagem era o conceito integrador entre geografia física e humana. Neste momento histórico, Salgueiro (2001) destaca quatro correntes principais da tradição geográfica: Diferenciação Espacial, Estudos da Paisagem, Distribuição Espacial e Relações Homem-Ambiente. A partir disso, a autora mostra que a paisagem foi decisiva no processo de constituição da Geografia científica e de suas correntes de análise, apesar da indefinição precisa do seu conceito nesse momento.

Mais recentemente, ocorre um ressurgimento no interesse pela paisagem no contexto da geografia, o que conforme Salgueiro (2001) está intimamente ligado ao quadro de exploração de recursos naturais que caracterizam o último quartel do século XX. Juntamente com essa retomada, observa-se uma transição na definição de paisagem como objeto observado (numa perspectiva ecológica) para um fenômeno construído na relação com o sujeito (numa perspectiva humanista). Para os defensores dessa última definição “a paisagem é principalmente uma construção mental a partir da percepção e vivência no território” (SALGUEIRO, 2001, p.44).

A autora distingue duas escolas alinhadas à perspectiva ecológica de estudo da paisagem, sendo elas: A escola de Toulouse (Bertrand) e a escola de Bensaçon (Wieber). Por sua vez, no contexto da geografia humanista, Salgueiro (2001) destaca os autores da geografia das representações e humanista, como Tuan, Claval, entre outros que definem a paisagem em uma perspectiva subjetiva, como construção elaborada da mente.

A partir dos anos 1970 e a concretização da geografia da percepção, da representação e do comportamento, Salgueiro (2001, p. 47) aponta que “Surge a ideia de que a paisagem é uma auto-biografia coletiva e inconsciente, que reflete gostos, valores, aspirações e medos”.

Nas correntes marxistas, a paisagem será entendida como “Reflexo das formas de produção do espaço [...] ao modo como se organiza a exploração dos recursos naturais” (SALGUEIRO, p. 47). Assim, a autora demonstra que sempre existiram ambiguidades em torno do conceito de paisagem e, por fim, faz uma defesa da paisagem enquanto expressão da relação das pessoas com o meio, que não pode ser estudada como realidade material objetiva, porque as pessoas são atravessadas por ideias e valores que condicionam a observação.

Por sua vez, Milton Santos em seu texto Paisagem e Espaço, realiza o esforço de distinguir essas duas categorias de análise geográfica. Assim, inicia sua discussão pela apresentação da paisagem e seus tipos e em seguida, adentra na definição do espaço geográfico, demonstrando que paisagem e espaço são categorias dialéticas, visto que a paisagem está no espaço, no entanto, não é espaço.

Para Santos (2014) a paisagem é o que está no domínio da visão e dos sentidos, e sua escala depende da posição do observador. Assim, a paisagem encontra-se na dimensão da percepção e, portanto, depende da forma como cada sujeito percebe, capta a realidade. No entanto, o autor destaca a necessidade da paisagem geográfica ser tomada em seu significado e não apenas em sua aparência, visto que a produção do conhecimento só ocorre quando atingimos a essência da coisa, ou seja, é preciso abandonar a superficialidade na análise da paisagem geográfica.

Santos (2014) ainda chama atenção para a distinção entre paisagem e região, que segundo o mesmo, nos momentos

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

iniciais da geografia científica eram tomadas como sinônimas em função da paisagem de uma área ser resultado da interação entre povos, atividades econômicas, elementos naturais, que logo são associados a um modo de vida específico. “Daí a idéia de que a paisagem, criada em função de um modo produtivo duradouro, devia confundir-se com a região, isto é, a área de ação do grupo interessado” (SANTOS, 2014, p. 68). Nos dias de hoje, essa distinção aparece melhor demarcada dada as mudanças na organização espacial do planeta.

Trazendo para o diálogo Carl Sauer e sua proposta de distinção entre paisagem natural e cultural, uma vez que segundo ele, o homem ao defrontar-se com a natureza estabelece uma relação cultural e política com ela, Santos (2014) destaca que essa relação cultural apontada por Sauer, é na verdade, a produção do espaço geográfico, uma vez que essa produção se dá através da ação humana sobre o próprio espaço, utilizando para isso objetos naturais e artificiais.

Assim, as paisagens artificiais seriam as transformadas pela ação humana, enquanto que as naturais, as intocadas pelo homem, o que na visão de Santos (2014) quase não existe visto que todos os espaços são alvo de intenções políticas e econômicas mesmo quando ainda não tocados. Dessa forma, as paisagens são sempre heterogêneas e resultam de uma sucessão histórica de modos de produção que intensificam o domínio da técnica e da cultura sobre o natural.

Para Santos (2014) a paisagem reflete os tipos e níveis de produção de cada espaço, sendo formada por objetos de diferentes idades que são criados para atender a cada tipo de produção e por isso é objeto constante de mudança. Apesar de ser a sucessão de tempos antigos, nem sempre conseguimos identificar a partir dos objetos remanescentes que permanecem na paisagem, a sua datação, uma vez que eles são a expressão da técnica de um determinado momento. No entanto, a

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

paisagem não é apenas o resultado da técnica, mas também de relações sociais, políticas e culturais que, por vezes, não estão visíveis.

Santos (2014) ainda aponta que as mudanças nas paisagens são funcionais ou estruturais e que elas podem conter formas viúvas e formas virgens, sendo as primeiras reutilizadas para outras funções, já a segunda criadas para novas funções espaciais.

O autor reflete que, por vezes, a paisagem é utilizada como sinônimo de espaço, mas que estes são coisas diferentes, visto que, “o espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos” (SANTOS, 2014, p. 79). A paisagem seria materialidade formada por objetos naturais e artificiais, já o espaço é o conjunto de relações sociais que envolvem esses objetos, a relação entre a sociedade e seu meio. Assim o espaço e a paisagem são um par dialético.

Por fim, Santos (2014) ainda estabelece uma distinção entre espaço e espacialidade, ressaltando que o espaço é a soma e a síntese da paisagem com a sociedade através da espacialidade. Sendo esta última, o momento de inserção, de incidência da sociedade sobre determinado arranjo espacial e, portanto, é sempre presente e dependente do espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A incorporação de imagens no ensino de Geografia tem alto potencial pedagógico e contribui significativamente para a educabilidade do olhar dos educandos, visto que suscita a necessidade da problematização, interpretação, reflexão e crítica daquilo que se representa.

O uso da imagem visual contribui para despertar a curiosidade e a criatividade em sala de aula, permitindo o trabalho com conceitos e teorias geográficas, aparentemente abstratas, mas que se materializam nas representações sociais

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

dessas imagens, tais como o conceito de paisagem e espaço geográfico. Nesse sentido, o seu uso pelo professor, dinamiza o ato de aprender, favorecendo para a construção de uma consciência crítica e para emancipação dos sujeitos.

A leitura da imagem é uma capacidade aprendida de ir além daquilo que é, tal como se apresenta, é a capacidade de enxergar para além do concreto, e de mobilizar um cabedal de conhecimentos que permitam ver, analisar e refletir o que se apresenta, criticamente. Fugindo de uma explicação superficial e aparente do mundo. E nesse sentido, a imagem também pode ser um texto, visto que os textos podem ter essa capacidade de nos mobilizar a refletir sobre diferentes experiências, a partir de um emaranhado de conhecimentos que dialogam entre si para formar uma concepção de mundo sobre aquilo que se reflete.

Considerando a concepção de sujeito e de mundo freiriana, segundo as quais é na interação com o outro e com o mundo que nos construímos e construímos o espaço que habitamos, as imagens visuais são a materialização dessa relação entre cidadão e espaço geográfico, e portanto, são fundamentais estarem presentes no ensino de geografia.

A partir do curso de aperfeiçoamento em Paulo Freire e o uso pedagógico da imagem visual em Geografia, tornou-se claro a importância da inserção do pensamento de Paulo Freire no ensino de geografia, bem como o quanto que o seu pensamento dialoga com uma proposta de ensino de geografia crítico e emancipador. A partir do qual seja possível a construção de outra realidade, ou como diria Milton Santos, uma outra globalização.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Erenildo João; FAHEINA, Evelyn Fernandes A. O uso da imagem como estratégia da gestão do conhecimento interdisciplinar. **Por uma pedagogia crítica da visualidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, p. 27-44, 2010.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

REINACH, F. A ontogênese e o aprender. **O Estado de São Paulo** [jornal], 11 abr. 2013. Disponível em <<http://www.abc.org.br/2013/04/12/a-ontogenese-e-o-aprender/>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

SALGUEIRO, Teresa Barata. Paisagem e Geografia. **Revista Finisterra**, ano XXXVI, vol. 72, p. 37-53. Lisboa, 2001.

SANTOS, Milton. Paisagem e espaço. In.: **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. 6 ed. São Paulo: EdUSP, 2014. p. 67-81.

SOUSA, Rocha de. Percepção visual e representação. In. SOUSA, Rocha de. **Didática da Educação Visual**. Universidade Aberta, Lisboa, 1995. p. 31-69.

TEIXEIRA, Ana; FREDERICO, Iara. **Práticas interdisciplinares no ensino de geografia**. Consulta ao site: [http://www. agb. org. br/XENPEG/artigos/GT/GT1/tc](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT1/tc), v. 1, p. 20-46, 2009.

FILMES, CHARGES E QUADRINHOS: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR EM ARTICULAÇÃO A TEMAS GERADORES

Simone Ferreira Angelo⁵
Verônica de Jesus Machado⁶
Ivone Romano Silva⁷
Ricardo Santos de Almeida⁸

⁵Mestre em Ensino, Educação Básica e Formação de Professores pelo PPGEEDUC da UFES / Alegre - Dissertação defendida e aprovada em 24 de Setembro de 2018. Graduação em Engenharia Agrônômica pela Universidade Federal do Espírito Santo (2001). Habilitada em Ensino de Biologia e ciências para a Educação Básica pela Complementação Pedagógica em Biologia pelo IFES (2016). Licenciada em Letras -Português - Literatura - IFES (2017). Pós Graduação em Educação do Campo -Especialização pela UFES (2012). Pós Graduação em Gestão Pública -IFES (2015). Pós Graduação em Educação, Pobreza e Desigualdade Social-UFES (2018). Pós-graduação Lato Sensu em Educação: Currículo e Ensino - IFES (2019). Professora no Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo desde 2001. Atualmente é professora e Coordenadora Pedagógica da Escola Família Agrícola de Belo Monte - Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo, Atua na Educação do campo, Pedagogia da Alternância e Docência no Ensino médio integrado à Educação Profissional - Exerceu Tutoria Presencial do curso de Graduação em Biologia na modalidade EAD da UFES (2014-2018). Atualmente também exerce tutoria presencial na Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Literatura pelo IFES - Polo UAB Mimoso do Sul. Pesquisadora do Projeto de Pesquisa Intelectuais Negras Brasileiras, sob a coordenação da Professora Dra. Renata Gonçalves; vinculado ao Núcleo de Estudos Reflexos de Palmares e ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Paulo. E-mail: simoneferreiraangelo@gmail.com.

⁶Professora-pesquisadora.

⁷Professora-pesquisadora.

⁸Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Educación pela Universidad Interamericana. Docente da rede pública municipal de Porto Calvo/AL. Pesquisador do: Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO/UFAL) desde 2009; Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL); Geoprocessamento e a Cartografia no Ensino de Geografia (GCEG/UFAL) desde 2016; Núcleo de

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

RESUMO: O trabalho desenvolvido trata-se de uma atividade interdisciplinar a partir das áreas das ciências humanas e ciências da natureza a partir de temas geradores articulados à utilização de filmes, documentários, animações, charges e quadrinhos. Esta atividade pressupõe um planejamento articulado entre as áreas e professores da mesma de modo a possibilitar o trabalho interdisciplinar. Para que este planejamento interdisciplinar ocorra é necessário que todos os professores assistam a todos os filme e que seja promovida uma roda de conversa com reflexões e debates sobre os pontos abordados nos filmes. Para a avaliação uma das formas preferenciais será a produção de charges e quadrinhos com abordagem dos temas retratados a partir de cada audiovisual exibido e debatido.

PALAVRAS-CHAVE: Imagens. Interdisciplinaridade. Temas geradores.

INTRODUÇÃO OU APRESENTAÇÃO

Este trabalho apresenta-se como resultado do curso de aperfeiçoamento em: Paulo Freire e o uso pedagógico da imagem visual em geografia. A proposta inicial foi a de desenvolver um TCC a partir da vivência do curso para o ensino-aprendizagem em geografia, mas ao socializar a proposta junto às colegas professoras da equipe em que trabalho a ideia de fazer um trabalho interdisciplinar foi acolhida e propomos uma intervenção pedagógica

Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens, Adultos e Idosos e Camponeses (NUPEEJAIC/UNEAL) desde 2020; do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (UFSM) e Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN) desde 2021. Associado ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas (CPFreire). E-mail: ricardosantosal@gmail.com.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

interdisciplinar a partir da biologia, geografia, história, filosofia e sociologia.

A primeira abordagem do curso foi a partir do pensamento Freireano sobre o ato de estudar, onde destacamos as seguintes ideias-chave desta perspectiva: intencionalidade educativa e criticidade. Em Reinach encontramos a ideia da ontogênese e o aprender.

A ontogênese conforme se apresenta está relacionada ao processo de formação de um ser vivo e que é modulado pelo ambiente.

Neste sentido, ser humano não significa estar preso a fatalidades e sim estar permeado por um vasto patrimônio cultural e que pode ser potencializado. Assim uma educação que trabalhe os vários sentidos humanos e proporcione aos estudantes o acesso a este patrimônio histórico, contribui para compor a herança cultural dos estudantes e conseqüentemente a sua apropriação através da aprendizagem. Esta apropriação inclui a educação do olhar que pode ser potencializada ao incentivar visitas e acesso de estudantes a museus, casarios antigos, estúdios fotográficos,, editoras, e em instituições do poder público, além de promover passeios no bairro onde o estudante mora, no bairro onde a escola está inserida e nestes momento elaborar sínteses, fichas de leitura, diário de bordo, promover o registro por fotografias e desenhos. Educar o olhar para perceber o entorno onde mora, perceber os problemas, as desigualdades sociais. E assim pensar soluções que minimizem e /ou resolvam problemas com que estes estudantes se deparam em seu meio.

Podemos estabelecer conexões e viabilizar a liberdade criativa no ensino médio a partir da utilização das imagens de filmes, documentários, animações charges e quadrinhos. Estimulando o estudante por este caminho, da liberdade criativa, incentivando suas produções e seus saberes. Aguçar a

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

curiosidade pelo mundo à volta de modo a querer conhecê-lo e reconhecê-lo.

Buscamos com esta proposta de intervenção pedagógica: Estabelecer a partir de temas geradores o fio condutor para o trabalho pedagógico interdisciplinar e assim promover a leitura da escola a partir da leitura de mundo manifestada através da arte com uso de imagens.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A escola onde serão implementadas as ações é uma escola família agrícola que tem como modalidade o ensino médio integrado. Nela trabalhamos com temas geradores em todas as séries e os estudantes ficam de modo integral na escola de segunda a quinta-feira, inclusive no período noturno.

Para a escolha do tema levamos em conta diversos aspectos dentre eles a atratividade das atividades, visto ser um público jovem e que se distrai muito facilmente quando não se conquista sua atenção; atividades que pudessem agregar mais de uma área de ensino e que neste caso contempla a área de ciências da natureza através da biologia e a área de ciências humanas por meio da geografia, história, sociologia e filosofia; a contextualização também foi outro fator já que tivemos a preocupação de abordar temas da realidade destes estudantes em relação a problemas que permeiam a história da humanidade; os temas também abordam as questões da diversidade e da inclusão.

Os conteúdos abordados são os contemplados nos filmes, documentários e animações em articulação aos assuntos relacionados aos temas geradores em cada série. Em cada série são contemplados dois temas geradores ao ano, distribuídos da seguinte forma:

- 1ª série – O homem e a Terra; A Alimentação;
- 2ª série – A Saúde; A Reprodução

- 3ª série – Clima; Organizações Sociais.

Além destes temas geradores, trabalharemos os temas que trespassam estes temas e a vida dos/das estudantes os chamados temas transversais que são diversidade, inclusão, racismo, bullying, homofobia, meio-ambiente, machismo e outros.

Neste sentido os filmes, animações e documentários contemplam estas temáticas e outras.

Os filmes abordados serão: O milagre de Anne Sullivan (1962); O óleo de Lorenzo (1992); Eu, Christiane F. 13 anos, drogada e prostituída (1981); Amazônia em Chamas (1994); Xingú (2012); Wall-E (2008); Vida de Inseto (1998); Rio (2011); Procurando Nemo (2003); Ilha das Flores (1989); Sociedade dos poetas mortos (1989); Sábado (1994); Eu, tu, eles (2000); Nós que aqui estamos por vó esperamos (1999); Notícias de uma guerra particular (1999); Apocalipse Now (1979);

Embora tratem de temas distintos, os quatro filmes (...) apresentam algo em comum e que os tornam ainda mais relevantes: todos são casos verídicos. Essa informação permite que o material seja ainda mais atrativo (...). São temas de extrema relevância e podem ser discutidos em turmas do ensino médio, já que as questões apresentadas permeiam a faixa etária desses alunos (COSTA; BARROS, 2014, p. 1).

É essa atratividade que buscaremos, com a possibilidade do estudante perceber estes casos verídicos como situações com as quais a humanidade se depara e em alguns casos até o próprio estudante e /ou pessoas do seu convívio podem passar. E assim este jovem pode perceber formas de conviver com estas situações e de propor melhor formas de convivência, no caso das temáticas ambientais fica evidente que é cuidar do ambiente é uma postura ética a ser assumida por todos e todas nesta causa. Outra contribuição de Costa e Barros (2014) é a

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

de buscar informações atuais a respeito das situações vivenciadas no filme, com informações novas o que acabar por prender a atenção e aguçar a curiosidade dos estudante. Este “[...] exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser (FREIRE, 2017, p. 85).

Estas são atitudes pretendidas ao desenvolver o projeto pedagógico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudantes da escola, de uma forma geral são receptivos a atividades diferenciadas e principalmente às que trabalham o lado lúdico, a imaginação, a arte e a criação.

Desta forma, trabalhar este projeto interdisciplinar será recebido com entusiasmo e vontade pelas turmas.

Da parte dos professores envolvidos foi uma ideia acolhida com muita motivação e vontade de fazer a diferença na vida dos estudantes. Todo professor quer que suas aulas sejam atrativas, que impactem de modo positivo nos estudantes e que estes tenham um aproveitamento qualitativo que resultem consequentemente em boas notas nos processos de avaliação quantitativa. Além de ser objetivo dos professores a mudança de comportamento e atitudes que se contraponha a uma vida coletiva por parte dos estudantes, que desenvolvam uma atitude crítica e reflexiva diante da vida.

Uma das dificuldades está sendo conseguir todos os filmes, documentários e animações, onde pedimos ajuda de outros professores da equipe que possuem maior facilidade para baixar os filmes. Outro problema que podemos vir a ter é a possibilidade dos estudantes já terem visto alguns dos filmes, onde refletiremos sobre o rever como uma atitude requerida a

termos outras percepções, para captar detalhes não percebidos em um primeiro acesso.

Pensar estas possibilidades de ocorrências é necessário para se ter o domínio de variáveis que se apresentam no meio escolar e também na sociedade. Para ter este domínio o professor precisa estar situado neste contexto de transitoriedade da sociedade em diversos campos; apropriar-se dos traços culturais dominantes na sociedade, como por exemplo, impressos, música, teatro, cinema, fotografia, etc. É preciso que o professor conheça os problemas reais e concretos de seus estudantes, o que os afligem, conhecer também os problemas que permeiam o espaço escolar e da sociedade e que são traduzidos em temas que emergem de situações problema e que podem ser entendidos á luz de saberes dos diversos campos do conhecimento.

A escola tem um papel importante neste processo começando por utilizar filmes em sala de aula para transmissão e apropriação dos conhecimentos com utilização de “vídeos educativos” e filmes também de cunho fictício. Para tanto, deve-se “educar o olhar” para entender o que está nas entrelinhas do texto fílmico os diferentes significados e os discursos que são construídos a partir da imagem em movimento (CARLOS; FAHEINA, 210). A escola muito pode contribuir neste contexto, pois é o local de socialização, de reflexões e ao adotar o uso de filmes nas aulas para uso pedagógico promove uma apropriação da linguagem fílmica de modo a ampliar a gama de possibilidades da organização do conhecimento. Essa educabilidade pode vir da promoção de debates após ver um filme, da escrita sobre este filme, da relação da temática dos filmes com a realidade vivida pelos estudantes pela seleção de filmes a serem vistos.

A partir das diversas mídias de tecnologias digitais de informação e comunicação e com aporte de blogs, wikis para textos colaborativos e inserção de imagens, uso de padlets para

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

cartazes com textos e imagens, uso de filmes, fotografias, charges é possível neste momento de pandemia pensar estas estratégias citadas.

Observando-se a importância da interdisciplinaridade, respeitando-se o estudo e o objeto da Geografia, é possível articulá-la e nos apropriarmos da linguagem fílmica ampliando os leques de possibilidades da organização do conhecimento. A proposta é de trabalhar com os filmes, documentários e animações a partir da interdisciplinaridade das disciplinas de História, Geografia, Sociologia e Biologia. A aula inicia com a exibição de cada filme e após a exibição do filme seria estabelecida uma roda de conversa sobre as impressões do filme. A partir desta roda serão retirados temas para aprofundamento, como a colonização, posse da terra, distribuição da terra, relação do índio com a terra, organização social, língua, função social da língua, identidade, cultura, línguas indígenas, biomas brasileiros, mata atlântica. Atividades sugeridas após o levantamento são cartazes, seminários, paródias, resenhas do filme a partir de grupos de alunos como forma de estimular o diálogo, a troca de impressões, produção de charges e quadrinhos. E sempre a partir do trabalho interdisciplinar.

A ontogênese da imagem refere-se ao processo de constituição da imagem como representação realística do mundo real. Algo que acontece desde os primórdios da pré-história com as pinturas rupestres. E no texto o autor José Eustáquio Romão, enfatiza o termo realidade com a utilização proposital do pleonasma para apresentar que esta realidade é tratada pelo homem/ mulher pré-históricos de um modo bem fiel à representação da realidade.

A geografia apresenta uma representação do espaço /território ocupado pela humanidade, com uma associação de uma geografia que é física/territorial de ocupação dos povos mas também uma geografia que é cultural/social. A utilização

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

das imagens no estudo da geografia é fundamental, pois que as imagens irão representar este espaço ocupado e que muda/altera sua imagem e a representação do real à medida que há uma ação, principalmente humana neste espaço. Esta ação corresponde a uma ação do indivíduo sobre o ambiente em que vive e interage e que altera também sua imagem, pois que muda também a visão que os indivíduos têm desta realidade. A geografia ao utilizar das imagens nos processos de ensino-aprendizagem contribui para que o/a estudante apreendam e compreendam o mundo que o rodeia e na imagem que este indivíduo faz do mundo que o rodeia. E este processo de ver a realidade traz a marca de pedagogia freiriana ao colocar que a mundo real , a visão real que o indivíduo tem dele antecede à representação deste em imagens.

É possível relacionar as formações sociais e as imagens nos espaços formais e informais educativos por meio de eventos que valorizem esta representação da realidade através de imagens. Esta possibilidade pode se dar em exposições de artes com uso de fotografias, esculturas, pinturas. Apresentações e exposições de peças cinematográficas e teatrais. Tanto nas escolas, instituições como nos espaços comunitários das associações.

As tirinhas e quadrinhos são recursos, que por muito tempo foram ignorados como recursos potenciais a serem trabalhados com finalidade pedagógica. E são recursos que estão passando por mudanças em sua conformação trazendo-os para uma representação mais fiel da realidade. E muitos recursos foram introduzidos nesta área para garantir esta fidelidade ao real. Recursos que imprimem simulações de movimento ao alterar os contornos da imagem, por exemplo. Desta forma utilizar estas imagens despertam para possibilidades pouco exploradas em educação com utilização de imagens. Fazer o uso pedagógico de charges e quadrinhos também potencializa o realismo estético, pois possibilita

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

trabalhar a criatividade dos estudantes ao propor a utilização de desenhos/figuras sem deixar de lado o realismo psicológico que pode ser garantido com textos curtos e diálogos que tragam à tona o aspecto do realismo psicológico. Desta forma pode-se trabalhar a duplicação do real e a interpretação deste real, destacando neste movimento a importância dos diálogos proporcionados com vistas à problematização do real e sua transformação para uma situação ideal.

Como sou docente na área de Biologia pensei em associar a questão ambiental ao aspecto da desigualdade social. Promover uma reflexão filosófica da necessidade de um ambiente saudável, sem poluição, com presença de áreas verdes diversificadas mas ter um olhar também para a desigualdade. Pensar nas camadas sociais vulneráveis e em como proporcionar esta qualidade de vida em ambientes insalubres, pensar nos sem teto como também parte deste ambiente e que possuem direitos a uma vida digna, buscar apontamentos de como ocupar espaços urbanos e rurais levando moradia aos que precisam. Propor ações e projetos ambientais atrelados ao social como atividades laborativas de cultivo de hortas, plantio de frutíferas ao invés de termos só projetos industriais poluentes tanto no aspecto ambiental quanto no social.

Nesta atividade o tema gerador sugerido é: O humano , a desigualdade social como elemento que compõe o desequilíbrio ambiental.

Teríamos aqui elementos para trabalhar de modo integrado/interdisciplinar de várias áreas do conhecimento. Mostrar como a industrialização gera resíduos que comprometem a qualidade de vida, apresentar a relação do homem com a natureza. Apresentar a natureza como elemento constituinte e importante na vida humana. Tratar da relação do ser humano com a terra o que implica de políticas de distribuição da terra. o uso da terra como geradora de emprego

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

, renda e também da promoção da soberania alimentar. Inserir o humano como componente ambiental e por isto tão importante a discussão de políticas ambientais que se comprometam com a qualidade de vida de todos os povos, que se comprometam em minimizar e acabar com as desigualdades sociais,, com a pobreza. Que se comprometam com o acesso a condições de exercer a cidadania e tenha os direitos assegurados como acesso a água tratada, à moradia, a saneamento básico, à alimentação saudável , à saúde e educação.

Seriam conteúdos trabalhados no ensino médio por todas as disciplinas.

O texto retrata a percepção visual e sua representação. Para o autor a princípio tem-se a perspectiva fisiológica e anatômica do que seja a visão. Sendo esta também articulada com aspectos psicológicos. Mas ao longo do texto vamos construindo uma ideia mais ampla de visão.

Esta visão parte da constituição anatômica e fisiológica do olho até a articulação com os fenômenos de óptica da luz, passa pela relação com os processos psicológicos e neurológicos da seleção, transmissão, resolução de imagens até as respostas que derivam de modo concreto como resposta a estes processos citados.

Para além desta perspectiva o autor apresenta o olhar como diferente do ver. Em que o olhar está no campo das sensações e o ver está no campo das escolhas, da intencionalidade, do julgamento, da compreensão. Está carregado de uma experiência subjetiva.

Sousa (1995, p.32) apresenta o ver como “[...] um somatório de dados em torno de um certo aspecto do real.” De modo que “[...] nem todas as pessoas estão de posse dos mesmos dados.” A partir do exposto vamos construindo uma linha de raciocínio em que compreendemos a interferência nesta visão de fatores prévios como a informação e a cultura.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

Ou seja, o modo como cada um faz um recorte do que vê é influenciando pela carga cultural e das vivências destes indivíduos. E até mesmo as diferentes formas que a mesma pessoa vê a mesma coisa muda de acordo com sua própria apropriação cultural. Desta forma se estabelece a relação entre conhecimento e a visão ampliada de uma dada situação ou objeto. Assim fica implícito que quem tem uma carga maior de cultura e informação também terá uma rica visão. Entra em questão aqui a relação entre sabedoria popular e conhecimento erudito, pois que estes não se contrapõem em se tratando de uma visão de um dado objeto ou situação, mas são saberes que podem ser complementares, visto que ora um, ora outro ou ambos podem ser requeridos. Nesta perspectiva do ser humano ver as coisas cada um de modo particular implica também em encontrar modos diversos de fazer e de transmitir o que nos cerca. E o professor neste sentido tem um mundo movente que o desafia também a ter um olhar movente, a um mundo que é plural, questionador, diverso. Esta mobilidade real traz-nos de encontro a uma geografia da observação em que se coloca em oposição a um ver daquele transeunte que passa sem mito compromisso em uma determinada rua e não tem uma visão apurada da realidade, dos pormenores, dos detalhes desta rua. Este transeunte olha, mas não é chamado a ver, não este despertar, esta intencionalidade.

O que uma a geografia da observação apresenta é um percorrer tendo como guia uma espécie de “mapa” que convida a uma visão mais apurada, paradas para análises, comparações, inferências, articulação de tempos e espaços, apropriações. Este movimento do mundo também é permeado pela movência do domínio do observado e ele determina a experiência visual dos indivíduos. Este movimento atravessa espaços e tempos diversos no plano do objetivo/subjetivo e do extrínseco e intrínseco.

Trabalhar os aspectos teóricos e práticos do uso das imagens com finalidade pedagógica é educar o olhar para as várias apresentadas nas representações imagéticas. E fazer uso deste dispositivo pedagógico trará ao estudante a apreensão do mundo a partir de sua interação com ele.

Paisagem é tudo o que vemos, tudo o que a nossa visão consegue alcançar. E desta forma a paisagem está relacionada aos limites da localização em que está o observador. E assim a paisagem toma escalas diferentes e a dimensão que toma é a que chega aos sentidos. Estes sentidos dizem respeito às percepções de quem observa e que está atrelada à formação de cada um, à qual varia conforma as experiências de cada indivíduo.

Esta percepção, no entanto, é apenas um aspecto da realidade que precisa chegar ao significado para ser de fato, conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de imagem é a leitura que o indivíduo faz de tudo o que o cerca, do mundo que o/a rodeia e que é repleto de sentidos e significados. E esta imagem pode sim ser um texto nos seus diversos formatos. Levando em conta que as letras possuem um formato e um significado quando se constituem textos que pode ser inclusive com uma única palavra como um cartaz com a palavra silêncio em um hospital, por exemplo, ou como uma mensagem escrita em um cartaz ou outro veículo, em uma imagem com a escrita "Parabéns" em menção ao aniversário de alguém. A leitura de imagens está permeada por uma realidade que constituiu as vivências de uma pessoa e existe uma intencionalidade de comunicação visual em que apreensão da mensagem em sua totalidade depende ainda da capacidade crítica do receptor desta mensagem /imagem.

Desta forma a leitura de uma imagem é a percepção e o entendimento do seu conteúdo que é definido a partir da intencionalidade de quem emite a mensagem/imagem. Esta imagem pode sim ser um texto. Este entendimento foi construído a partir das leituras e reflexões proporcionadas ao longo do curso.

REFERÊNCIAS

COSTA, Elaine Cristina Pereira; BARROS, Marcelo Diniz Monteiro de. Luz, câmera, ação: o uso de filmes como estratégia para o ensino de Ciências e Biologia. **Revista Práxis, Cidade**, v.1, n.11, p.111-111, jun. 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 55ª ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

CONTRIBUIÇÕES DA IMAGEM E DA PAISAGEM PARA UMA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA CIDADÃ

Ana Julia Lacerda Meira Menezes⁹
Ricardo Santos de Almeida¹⁰

RESUMO: Este escrito busca discutir contribuições da educabilidade do olhar para a Educação Geográfica a partir de abordagens interdisciplinares da imagem e noções de paisagem para a Geografia. Para tal, explana algumas propostas a serem utilizadas em contextos de ensino e aprendizagem, com a valorização do diálogo de saberes para a promoção do pensamento crítico e cidadão.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Geográfica. Imagem. Paisagem. Formação cidadã.

INTRODUÇÃO

A prática educativa pode estimular o pensamento crítico e criativo com o uso da Educação Visual, a partir de um convite à atenção e à perspectiva crítica ao perceber e analisar espaços e imagens, com estímulo à criação de imagens e leituras de

⁹Graduada em Licenciatura em Geografia (UFPE), mestranda em Educação, Culturas e Identidades (UFRPE/FUNDAJ).

¹⁰Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Educación pela Universidad Interamericana. Docente da rede pública municipal de Porto Calvo/AL. Pesquisador do: Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO/UFAL) desde 2009; Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL); Geoprocessamento e a Cartografia no Ensino de Geografia (GCEG/UFAL) desde 2016; Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens, Adultos e Idosos e Campesinos (NUPEEJAIC/UNEAL) desde 2020; do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (UFSM) e Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN) desde 2021. Associado ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas (CPFreire). E-mail: ricardosantosal@gmail.com.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

mundo que consideram esta atenção. Estes processos dependem da proposta da pessoa docente e/ou do contexto educativo, é possível adotar uma postura de incentivo à criatividade e à criticidade.

É cada vez mais evidente em contextos de ensino e aprendizagem a necessidade de uma educabilidade do olhar para uma formação cidadã, de modo a se incentivar o pensamento crítico nos/as educandos e sua participação social e política. Neste sentido, o papel do/a docente é importante para a mediação de saberes para uma co-construção participativa da educação visual.

Na Educação Geográfica, uma possibilidade é investir na leitura de espaços e imagens no decorrer do processo educativo, bem como o incentivo à construção de imagens criativas que expressam conteúdos diversos, com amplas possibilidades de interpretação. E este é o objetivo deste trabalho: apresentar reflexões e propostas pedagógicas que incentivam uma educabilidade do olhar no âmbito da educação geográfica para uma formação cidadã, com contribuições de reflexões sobre a noção de paisagem.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA CONSTRUÇÃO DE UM CURTA-METRAGEM

Apresentamos aqui os procedimentos metodológicos de uma proposta pedagógica: a construção de um curta-metragem em sala de aula, de modo presencial ou remoto. A execução da atividade necessita do tempo de uma aula (50 minutos) para a exposição da proposta e mais, no mínimo, uma semana para os/as educandos/as produzirem os curtas-metragens. A seguir, o passo-a-passo:

1- (25 minutos) Exposição da atividade: Exibição de vídeos dos irmãos Louis e Auguste Lumière, que realizaram os primeiros

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

filmes de atualidade no final do século XIX (MOURÃO, 2002). Este momento engloba as disciplinas de Geografia e História, por se tratarem de filmagens do cotidiano na Europa no final do século XIX e começo do século XX.

2- (25 minutos) Convite para a divisão em grupos de 4 pessoas para realização de um vídeo de até 90 minutos com inspiração dos irmãos Lumière: a proposta é produzir um curta-metragem que seja um registro de um dia em específico em um local específico, sem locução e trilha sonora, mas apenas os sons ambientes do ambiente da filmagem.

3 - (1 semana) Tempo para a realização dos curtas-metragem.

3- (50 minutos ou mais) Exposição dos curtas: momento de socialização da produção fílmica dos/as educandos/as. A quantidade de aulas depende da quantidade de discentes.

Esta atividade incentiva a criatividade, o pensamento crítico e possui caráter interdisciplinar, ao tocar questões de história, geografia, filosofia e artes. Todo o processo educativo deve ser permeado pelo diálogo e mediação de saberes através da proposta pedagógica. O momento final pode ser inspirado nas metodologias de cineclube: após a exibição das obras, pode-se seguir o debate. É interessante observar a diversidade de olhares, perspectivas e situações reveladas nos filmes.

Para tal, ressaltamos o uso da criatividade em todo o processo de feitura da atividade e a mediação do/a docente com incentivo a uma reflexão ética e estética, como propõe Paulo Freire. A proposta visa os Anos Finais do Ensino Fundamental, especialmente entre o oitavo e nono ano, e o Ensino Médio.

EDUCABILIDADE DO OLHAR EM CONTEXTOS DE EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: DISCUSSÕES E REFLEXÕES SOBRE PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

A imagem pode mediar e gestão interdisciplinar do conhecimento, como, por exemplo, com a inclusão de conteúdos imagéticos, sejam estes filmes de longa ou curta-metragem, fotografias, pinturas, charges, cartuns, etc. que contenham a possibilidade de se tecer uma série de reflexões e debates de uma maneira transversal, sem se limitar à uma disciplina em específico e à negação do diálogo de saberes. Assim como as imagens, a própria "realidade" não possui delimitações disciplinares no que concerne as teias de acontecimentos e suas relações com a concretude e abstração.

CURTA METRAGEM: A DIVERSIDADE DO OLHAR

De acordo com Erenildo Carlos (2010), para uma viabilização da educabilidade do olhar é preciso o desenvolvimento de uma competência do "olhar" no cerne da relação entre o cotidiano do sujeito e a linguagem fílmica, uma vez que os indivíduos são ativos nesta relação e haveria uma troca, apesar de não acontecer uma comunicação direta. Neste sentido, pondera o autor que o filme é um poderoso instrumento pedagógico, e educar o olhar urge enquanto uma necessidade para se compreender os conteúdos das entrelinhas dos textos fílmicos, bem como seus discursos.

Mesmo diante de um contexto remoto, é possível consolidar um espaço de reflexão, discussão e partilha de experiências sobre o uso da imagem como mediação da prática docente, uma vez que neste momento grande parte das comunicações intersubjetivas estão ocorrendo através de telas e de recursos imagéticos tanto no âmbito educativo quanto no intersubjetivo e no do entretenimento. As imagens estão

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

amplamente presentes no cotidiano dos sujeitos e, neste sentido, são plenamente passíveis de reflexão, problematização, discussão e partilha de saberes e de experiências acerca destas e de seus usos.

A linguagem fílmica pode ser articulada e apropriada em contextos de ensino-aprendizagem na Geografia, bem como em propostas interdisciplinares. Acreditamos nas potencialidades de uma proposta interdisciplinar do cinema-educação, com uma sugestão de atividade na qual os/as educandos/as podem criar suas próprias narrativas audiovisuais, levando em consideração seus discursos, seus contextos, suas particularidades e criatividade. Neste sentido, uma proposta possível é a citada ação fílmica criada pelos/as educandos/as a partir de orientações de docentes de Geografia, Artes e Filosofia.

Todo a construção do curta-metragem é valioso: desde a concepção até o momento final. A feitura dos filmes é um momento desafiador de dar vazão à criatividade e a uma observação crítica da paisagem, com seus elementos visíveis e audíveis. A exibição dos curtas é um momento interessante de partilha de obras, com a valorização dos pontos de vista acolhidos.

Sousa (1995) considera que uma câmera de filmar seria um instrumento privilegiado ao se observar uma paisagem, uma vez que aprofunda as relações de registro e reelaboração das aparências, intensificando o espaço percebido e também permitindo uma dilatação na escolha dos elementos visíveis. Isto interferia no que ele chama de invenção, que corresponderia ao acesso cultural ao sentido das coisas. O autor considera que as transformações das formas e da cultura visual determinarim mudanças comportamentais e relacionais no que concerne à realidade que envolve o sujeito.

Por este motivo, é necessária uma postura de vigilância sociológica, memória histórica e estética e uma criatividade

segura e conceitualmente crítica, de modo a se fazer escolhas bem sustentadas no que concerne à cultura visual perante uma sociedade de consumo. Por este motivo, é importante uma educação visual que trabalhe de uma forma consciente as capacidades dos sujeitos verem, refazerem e inventarem. O ato de ver, assim corresponde a compreender, agir, refazer e inventar. (SOUSA, 1995)

Ao ser exposto a uma nova aparência, o sujeito adiciona esta imagem às suas percepções já experienciadas e codificadas, configurando uma interação entre memórias e referências próximas que resultaria em uma leitura de elementos que passa a ganhar contexto e nomeações plausíveis. Desta forma, criam-se significados através das interpretações. (SOUSA, 1995).

REFLEXÕES SOBRE IMAGEM PARA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

A imagem teria sua gênese, de acordo com Romão (2010), associada a uma época cunhada de "pré-história", quando pessoas desenhavam animais, objetos e cenas cotidianas no interior de cavernas. De acordo com o autor, os sujeitos teriam se apropriado de técnicas de "representação" do real, bem como seus discursos. Romão (2010) reflete sobre a função que teriam as imagens associadas à uma concepção de fuga ao pânico da morte, em uma busca por eternização através de imagem materializada em uma caverna ou um túmulo de Faraó no Egito Antigo, para além do tempo de uma vida.

Em Pedagogia da Autonomia, Paulo Freire (1997) pondera que não é possível haver inteligência da realidade sem a possibilidade desta ser comunicada, e neste sentido o autor chama a atenção sobre a possibilidade de se ler o mundo antes de se ler a palavra e sobre a importância do diálogo. De acordo com Romão (2010), a apreensão crítica do mundo e a

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

comunicação do apreendido prescinde de uma base material, escrita ou não, mas precisa da imagem que o ser humano faz do mundo. É preciso uma apreensão de mundo que incorpore a racionalidade e a sensibilidade.

Neste sentido, pode-se realizar uma reflexão sobre as potencialidades da arte e da imagem para a geografia, ciência que possui um vínculo forte com a visualidade. É possível explorar amplamente os recursos imagéticos, sejam fotografias, filmes, cartoons, artes visuais, pixo, mapas, etc. A partir disso, é interessante investir na leitura crítica da "realidade".

As relações sociais, o simbólico e abstrato se relacionam fortemente com a materialidade e concretude que podem ser expressas em imagens. Assim, utilizar o recurso imagético para discutir textos é uma das práticas mais usuais no ensino da geografia crítica, na qual as pessoas envolvidas no contexto educativo são incentivadas a realizarem uma leitura crítica da imagem, permeado por um diálogo.

O autor Rocha de Sousa (1995) tece considerações e reflexões acerca da visualidade, comunicação e educação visual, com algumas propostas de exercícios práticos em contextos de ensino e aprendizagem. Para o autor, ato de olhar se diferencia do ato de ver, uma vez que este é mais do que se ter uma percepção visual e trata-se de uma consciência visual profunda. Neste sentido, ver se relacionaria com o ato de escolher e de julgar.

A diversidade dos sujeitos nos âmbitos fisiológicos e subjetivos, com várias possibilidades de organização de dados percebidos através dos sentidos, resultaria em visões diferentes através do juízo, gerando conclusões visuais diversas. Tudo isto, como lembra o autor, é imbuído de fatores culturais e históricos.

Para Rocha de Sousa, a visão estaria praticamente na ponta do domínio dos meios de comunicação, ação que depende de intencionalidade e de poder mobilizador que transmite sentimentos, emoções, sensações e ideias. Isso se

conectaria, de acordo com o autor, com a ideia de arte, uma vez que esta estaria intimamente ligada ao processo visual e à produção de juízos sobre as coisas. Neste sentido, ele considera a arte enquanto potência que expressaria “o lado encoberto da obviedade” (p.39), uma vez que possuiria estratégias para uma autopercepção, autoconsciência e desmonte de certas estruturas, emergindo à visibilidade o que outrora era invisível. Em suma, diferentes formas de se ver implicam em diferentes formas de se fazer. Assim, a figura da pessoa docente se relaciona com uma realidade plural, onde o processo de aprendizagem seria permeado pelo direito à diferença.

Sousa (1995) compreende que uma Geografia da Observação corresponderia às estratégias de observação das “aparências da realidade” em suas diferentes colocações e manifestações, configurando um tipo de “mapa” das diversas colocações e correspondendo à apropriações de imagens do que seja visível. A vivência de uma paisagem urbana seria fortemente relacionada com a movência e a transformação, mas também outros contextos e outras paisagens revelam uma movência, mesmo que de uma forma mais sutil.

TIRINHAS E CHARGES: PROPOSTAS PARA UMA FORMAÇÃO CRÍTICA E CIDADÃ

Uma outra possibilidade para a educabilidade do olhar na promoção de uma educação geográfica é através do uso de tirinhas e charges. Pode-se utilizar uma ou mais tirinhas em um momento de debate, para que os/as educandos/as possam ver, ler em voz alta e explicar o que a tirinha pretende comunicar. Após isso, seguimos o diálogo de saberes.

Um exemplo de tirinha é esta, para discutir sobre Democracia, Cidadania e Participação Social:

Imagem 1:



Fonte: Armandinho (2021).

O tema gerador, neste caso, seria “A participação ativa da criança/jovem nas tomadas de decisão”, podendo ser utilizado para o Ensino Fundamental 2 ou Ensino Médio.

A imagem escolhida dialoga com o tema gerador, uma vez que relaciona noções de democracia e cidadania. A compreensão subjacente desta proposta é de que o ambiente escolar deve ser um espaço propício para a experiência política e cidadã de crianças e adolescentes, não apenas enquanto formação para uma participação futura nos processos democráticos através do voto a partir dos 16 anos, mas no

presente dos/as educandos, em seu cotidiano, seja na escola ou em outros contextos.

Para tal, o/a docente deve impulsionar o debate a partir da proposta de reflexão de problemas que as crianças observam dentro da escola, de modo a vivenciar um momento democrático, com valorização dos discursos de cada discente. Deve-se entrar em consenso e definir 3 problemas principais identificados pelos/as educandos/as, escrevendo no quadro estes e então discutir quais seriam as propostas de melhoria deste problema.

Outra proposta é a feitura de tirinhas, cartuns ou charges por discentes. Neste caso, articula-se uma discussão que identifica os problemas de seus cotidianos com a produção de uma imagem. Após isso, deve-se fazer a socialização da obra, apresentando o problema e uma possível sugestão de solução.

O PODER DA PAISAGEM PARA UMA EDUCABILIDADE DO OLHAR NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Uma possibilidade de abordagem das visualidades dentro da Geografia é a partir do estudo e discussão do conceito de Paisagem, que possui várias interpretações, como aponta Teresa Barata Salgueiro (2001). A autora explana sobre concepções ocidentais no que concerne o valor estético da paisagem, tendo surgido relacionado com a contemplação da natureza e sua representação nas artes. A revolução científica implicou na mudança de paradigma sobre o conceito de paisagem, transformando esta em objeto de conhecimento e de meio de transformação da natureza pelo ser humano.

No século XVIII, a paisagem estaria associada a uma primeira visão de uma determinada área. Juntamente com "lugar", "região", "espaço" e "território", essas noções formam uma constelação de conceitos que são importantes para a

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Geografia enquanto ciência. Neste sentido, estes conceitos são permeados por correntes teóricas diversas no seio da Geografia (BARATA-SALGUEIRO, 2001).

Na história do conhecimento geográfico, houve momentos que pessoas consideravam que a paisagem seria o objeto de estudo da Geografia, e outras compreendiam que paisagem e região seriam sinônimos. Esta ideia se associa com as reflexões do francês Vidal de la Blache no fim do século XIX e a noção de 'gênero de vida', que entendia que os sujeitos se adaptam ao meio, criando um conjunto de técnicas, hábitos, usos e costumes de acordo com os recursos disponíveis. Alexander Von Humboldt, no século XIX, defendia o conceito de *landschaft*, que significa uma porção da terra que aparenta uma unidade ou uma aparência (SANTOS, 2014; BARATA-SALGUEIRO, 2001).

Como pondera Milton Santos, para Karl Marx, a marca do homem sobre a natureza seria a socialização. Assim, o ser humano produz constantemente espaços através dos objetos, criando paisagens de acordo com as forças produtivas, sendo estas materiais ou imateriais. Assim, a paisagem seria um conjunto heterogêneo de frações de formas naturais e artificiais, e neste sentido produções materiais como edifícios, pontes, estradas, etc. seriam espécies de próteses que auxiliam na construção de mais produção espacial, uma vez que cada forma produtiva necessita de um instrumento de trabalho. A heterogeneidade das paisagens urbanas seria forte, pois nestes espaços há diversos tipos e níveis de produção (SANTOS, 2014).

No século XX, Carl Sauer na escola de Berkeley estudou e conceituou a morfologia da paisagem, método que busca a análise das formas das paisagens, suas funções, origens e evoluções. Assim, os estudos da paisagem foram permeados por discussões sobre paisagem natural e/ou cultural, chamando a atenção para o caráter integrador que o conceito de

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

paisagem abarca, sendo importante para o viés da geografia entendida como humana ou física (BARATA-SALGUEIRO, 2001). Carl Sauer considerava que haviam as paisagens naturais e as paisagens artificiais, e os seres humanos estabeleceriam relações culturais, políticas e técnicas com a natureza.

Há quatro tradições ou correntes principais que versam sobre a Paisagem: a Diferenciação Espacial, os Estudos de Paisagem, a Distribuição Espacial e as Relações Homem-Ambiente. Após o Congresso Internacional de Amsterdã em 1938, se observou uma decadência dos estudos da paisagem e regiões e o crescimento do neo-positivismo, culminando nos métodos quantitativos e na Nova Geografia. Porém, desde a década de 1960 há uma retomada de interesse pelo conceito de Paisagem, com outros termos teóricos. Um exemplo disto é a corrente Humanista e Fenomenológica, com autores como Relph, Tuan, Cosgrove e Claval (BARATA-SALGUEIRO, 2001).

Na década de 1990, autores como Ronai, Rougerie e Beroutchachvili têm enfatizado os aspectos subjetivos da relação do sujeito com a paisagem, associando a paisagem à percepção. Outra reflexão que chama a atenção é a questão do valor estético da paisagem, que tem sido refletido de modo ambíguo nos debates sobre paisagem em suas diversas correntes.

Uma proposta para introduzir a discussão sobre educabilidade do olhar na educação geográfica é apresentar um mapa conceitual, expondo aos/às estudantes ideias centrais sobre imagem visual e Geografia, articulando os conceitos de paisagem, política, cultura e imagem através de uma atividade interdisciplinar que envolve a educação geográfica e as artes.

Imagem 2:

IMAGEM VISUAL E GEOGRAFIA



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Para Milton Santos (2014), o espaço é um objeto concreto interdisciplinar, associado a várias concepções em diversos contextos. Para a Geografia, todo espaço é geográfico, pois são relacionados com as produções tecidas na paisagem pelas sociedades, adquirindo diversas formas, funções e sentidos.

Já a noção de paisagem para Milton Santos é centrada naquilo que é possível de se alcançar através da visão, formada de volumes, cores, movimentos, odores, sons, etc. Neste sentido, a dimensão da paisagem é imbricada com os sentidos, que selecionam as apreensões através de processos subjetivos

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

de interpretação das paisagens. Neste sentido, o desafio é ultrapassar a paisagem enquanto aspecto até chegar em seu significado.

Certas mudanças nas relações entre seres humanos bem como as ideias sobre natureza como os desenvolvimentos tecnológicos na agricultura e indústria acarretaram pontos de mutação no que concerne às concepções de paisagem e região, diferenciando-as.

Santos considera a paisagem enquanto um palimpsesto: são acrescentadas camadas que se sobrepõem no espaço, sendo substituídas de acordo com as condições físicas, como por exemplo o envelhecimento de uma estrutura, ou sociais, quando uma estrutura se torna obsoleta por algum motivo cultural ou político, por exemplo. Em cada momento histórico há um modo de fazer o trabalho de uma forma diferente, e ao longo dos anos há uma complexificação e inovação das relações humanas sobre a natureza. Assim, as paisagens vão se movimentando, modificando e assumindo temporalidades distintas de acordo com contextos culturais, políticos e econômicos.

Há movimentos das paisagens de acordo com temporalidades e ritmos diversos. As paisagens modificam de aparência de acordo com os sujeitos que a compõem e os usos de seus objetos. À estas mudanças, o Santos chama de funcionais. As mutações estruturais seriam as mudanças das formas de uma paisagem, com uma mudança de estruturas dos objetos da paisagem de acordo com o contexto socioeconômico e político. As mudanças podem ser o envelhecimento físico da própria estrutura arquitetônica ou mudanças nos usos das estruturas, com uma desvalorização moral. Nesta ótica, a paisagem seria formada por aspectos materiais e não-materiais, se configurando enquanto a materialização de um instante de uma determinada sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Defendemos que imagens, assim como as paisagens, podem ser concebidas enquanto textos a serem lidos, possuindo símbolos e signos, interpretados de acordo com a visão de mundo de cada sujeito. Desta forma, as imagens possuem a possibilidade de afetar a partir das significações que o indivíduo realiza ao se deparar com o artefato cultural imagético. Neste sentido, uma mesma imagem pode suscitar diversas interpretações, uma vez que cada pessoa possui uma trajetória individual e cultural, que interfere na forma de perceber e dar sentido à imagem. Em suma, a leitura de imagem seria o processo no qual os sujeitos percebem, se afetam, significam e dão sentidos às imagens a partir de um repertório cultural.

Assim como um texto, as imagens envolvem uma comunicação intersubjetiva a partir de uma perspectiva que tem por base elementos do 'real' e constituindo, a própria imagem, a realidade também. Por este motivo, as imagens possuem uma capacidade de diálogo entre pessoas, podendo assumir uma perspectiva crítica, o que é muito potente para contextos de ensino e aprendizagem, em especial na Geografia, que é nossa área de atuação, bem como em propostas interdisciplinares.

REFERÊNCIAS

- BARATA-SALGUEIRO, Teresa. **Paisagem e geografia**. Finisterra, v. 36, n. 72, p. 37-53, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.
- MOURÃO, Maria Dora. **O tempo no cinema e as novas tecnologias**. Ciência e Cultura, v. 54, n. 2, p. 36-37, 2002.
- ROMÃO, José Eustáquio. **Paulo Freire e a imagem**. Educação & Linguagem, v. 13, n. 22, p. 77-97.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

SANTOS, Milton. Paisagem e espaço. In.: **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6 ed. São Paulo: EdUSP, 2014. p.

SOUSA, Rocha de. Percepção visual e representação. In.

SOUSA, Rocha de. **Didáctica da Educação Visual**. Universidade Aberta, Lisboa, 1995. p. 31-69.

AS TECNOLOGIAS E O ENSINO DE GEOGRAFIA E O USO DA IMAGEM VISUAL COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM

Janice Fernandes de Almeida Lima¹¹

Maria Aparecida Vieira de Melo¹²

RESUMO: o presente trabalho visa demonstrar por meio de análise e estudos de textos a imagem visual geográfica como estratégia de aprendizagem, a pesquisa para a realização deste trabalho ocorreu por meio de estudos de texto selecionados pelo curso oferecido em que forneceu temas bastante relevantes na perspectiva de promover a reflexão e análise num período de aproximadamente três meses, em que foram apresentados teóricos, pautados na linguagem Freiriana, bem como sua metodologia de ensino e aprendizagem e assim proporcionando ao aluno as possibilidades de conceituar a ver

¹¹Licenciatura em pedagogia; Pós-graduação em Metodologias e prática educativas do ensino fundamental. Profª Anos iniciais estado de São Paulo e Educação Infantil Prefeitura Municipal do estado de São Paulo.

¹²Doutora em Educação pela UFPB (2020). Mestra em Educação, Culturas e Identidades pela UFRPE/FUNDAJ (2015). Pedagoga pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2010). Especialista em: Psicopedagogia (2012); Gestão Pedagógica (2013); Educação em direitos humanos (2014), Educação do campo (2015), História e cultura dos povos indígenas (2015), Tecnologias e artes (2019). Líder do Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN), Pesquisadora do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais da Universidade Federal de Alagoas (NUAGRÁRIO/UFAL), Pesquisadora do Laboratório de Educação, Novas Tecnologias e Estudos Étnico-Raciais (LENTE/UFRN), e do Grupo de Estudo e Pesquisas Discursos e Imagem Visual em Educação (GEPDIVE/UFPB). Interesses em: Educação do campo, educação popular, movimentos sociais, processos educativos, interdisciplinaridade. Formação de professores. Gestão pedagógica e Políticas educacionais. Livros didáticos. EJA. Transdisciplinaridade. Estágio supervisionado. EAD. Análise Arqueológica do Discurso (AAD). Pedagogia Social. E-mail: m_aparecida_v_melo@hotmail.com.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

a geografia, a imagem, a paisagem num contexto pedagógico de extrema importância para o desenvolvimento do aluno em qualquer fase escolar tendo como aliado a tecnologia que tem avançado nestes últimos tempos que tem contribuído de forma significativa na aprendizagem do sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia. Imagem. Estratégia.

INTRODUÇÃO OU APRESENTAÇÃO

O trabalho aqui apresentado faz parte de uma análise e estudo de vários textos promovidos para o desenvolvimento do pensar reflexivo acerca do uso da imagem visual na disciplina de geografia, postposta esta realizada pelo curso oferecido, logo se faz necessário pensar sobre diversos os aspectos para a condução e desenvolvimento do mesmo e principalmente ter a tecnologia como aliada nesta perspectiva de promover a aprendizagem do aluno .

É sabido que para poder proporcionar um desenvolvimento contextualizado em que as reflexões são necessárias, se faz preciso que o professor esteja de fato preparado para tal, ou seja, as experiências e conhecimentos para promover a aprendizagem e para que isso ocorra de forma efetiva ele necessita ter formação, conhecer de fato para que se tenha uma metodologia adequada. A formação docente na maioria das vezes tem ocorrido de forma não aprofundada, em si tratando da geografia ela tem sido de forma superficial em cursos que não prepara o discente de forma adequada, sendo de forma mais voltada para a natureza, o ambiente sem muita contextualização limitando-os ao velho processo de ensino que tem como representação a paisagem, território, lugar, região, natureza, sociedade, o que deixa o aluno desmotivado.

A educação neste momento de pandemia em que o distanciamento social vem assolando vidas e limitando todas as

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

possibilidades de uma educação mais apropriada, percebe-se que de modo geral o ensino de geografia ainda há estigmas de que trata-se de apenas as questões mais específicas apesar de presente no cotidiano das pessoas, as práticas ainda deixam a desejar persistindo a ideia de que esteja relacionada a questões ambientais, a natureza e ainda assim não ocorre de forma mais aprofundada.

Com o objetivo de repensar as práticas e as metodologias adotadas neste processo de ensino e aprendizagem é que o presente trabalho pretende abordar as questões de metodologias e estratégias de ensino tendo a imagem geográfica como recurso de aprendizagem. Diante deste foco segue textos desenvolvidos ao longo do curso com questões que proporcionaram a reflexão nos textos abordados.

Questão 1. Texto 1 - Paulo Freire - Estudar, crítica.
Texto 2 - A ontogênese e o aprender - Aprender, transformar.
Texto 3 (Criatividade ou o homem em aprendizagem, de Rocha de Sousa) - Imagem, ver, sentir, representar.

Questão 2 - As imagens representam uma escrita que leva o aluno as reflexões das mais diversas formas de aprendizagens, com visão de mundo, é um facilitador na compreensão de outras linguagens, a questão do visual ela amplia a capacidade de aprender no sentido de proporcionar o ver, sentir e o tocar, o educador se pautará nas experiências, nas trocas de informações, estimulando a imaginação, assim o aluno ampliará sua visão acerca do determinado tema/conteúdo.

Questão 3 - Sim, as conexões fazem parte do desenvolvimento do aluno, uma vez que sejam atribuídos significados.

Questão 4 - As estratégias devem estar num contexto que leva o aluno a refletir sobre as questões que envolva ambientes que estendam a visão global, sejam em pesquisas, imagens entre outros possibilitando ao aluno a curiosidade e a reflexão

crítica, sempre contextualizando e equiparando com a realidade vivenciada.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A realidade educacional em si tratando do uso das metodologias para a disciplina de geografia e o uso das imagens, parte do princípio de acordo com as atividades propiciadas pelo curso, pressupõe se que seja um público que necessita de atualizações por parte do professor e da instituição em que estiver inserido, mais ainda tem que haver transformações no papel do educador, mais didática e uma metodologia diferenciada que possibilite a aprendizagem seja com técnicas tradicionais moldadas pelo novo utilizado são de fundamental importância para melhorar esse quadro desmotivador.

A preocupação em tentar mudar, melhorar o ensino da geografia por meio da imagem e ainda proporcionar a aprendizagem, leva a refletir sobre as práticas adotadas por muitos no sentido de buscar alternativas metodológicas e didáticas, bem como atentar para explorar mais os recursos tecnológicos disponíveis na escola.

A escolha do tema ocorreu devido ao grande avanço da tecnologia na educação, o uso de imagens para a compreensão do espaço Geográfico e a evolução e as inovações tecnológicas trouxe para o currículo escolar a necessidade de incorporar o uso de novas ferramentas em sala, bem como a contextualização, a diversidade de temas que acrescenta nesse processo e ainda com essa transformação incluir todas as possibilidades e a inclusão. Tal ação tornou necessária por dois motivos: facilitar o ensino-aprendizagem dos alunos e despertar o interesse dos alunos dentro da sala de aula. Entretanto, a incorporação dessas ferramentas dentro de

sala de aula tem se provado mais difícil de colocar em prática do que seu discurso. Uma das dificuldades é o papel do professor dentro deste contexto. Para a sequência didática adotada foram considerados os critérios de ampliação dos conteúdos e trazer significados para o aluno, contextualizando com a realidade que a cada momento vem modificando com a chegada de novas tecnologias em que a história traz a questão do passado contrapondo com o presente e a sociologia traz a reflexão do que pode funcionar ou não, a questão avaliativa se concretiza por meio das reflexões e as mudanças propostas, na compreensão de integrar as tecnologias as concepções de ensino.

RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA VIVÊNCIA OU DA PROPOSTA PEDAGÓGICA

O avanço das tecnologias tem revelado o lado negativo de todo esse processo tecnológico, e a escola, como reflexo da sociedade, tem sentido esse reflexo. Por sua vez, muitas escolas não conseguem compreender ou exercer seu papel diante de tantas tecnologias, e nem sempre obtêm êxito aos utilizá-las dentro de sala de aula por inúmeros motivos, sendo um deles a dificuldade da autonomia que o ensino através de tecnologias dispõe.

Como proposta pedagógica uma vez que a vivência não foi possibilitada, foi proposta a utilização de imagens para a prática e análise de lugares e posteriormente a realização de uma pesquisa sobre a localização de cada local visto antes e sua representação, para que depois pudessem fazer um relato somente por meio de imagens, nessa perspectiva o aluno pode desenvolver a escrita, conhecer um pouco da história daquele local havendo assim uma interdisciplinaridade, porém a maior dificuldade está no uso da tecnologia para esse processo uma das causas deste atraso é a falta de recursos para que as

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

instituições escolares comprem os equipamentos necessários, em diversos casos, existe um computador para cada três alunos.

Outro fator importante a se considerar, é a falta de formação voltada para os avanços tecnológicos, muitos educadores possuem dificuldade em lidar com as novas tecnologias, e tal fato não possui relação com idade e sim com a formação profissional. Contrapondo o passado como comparativo entende se que a evolução das tecnologias permitiu que o conhecimento fosse transmitido de varias formas e maneiras diferentes, o acesso ás pesquisas e informações se tornaram imediato, em relação às gerações anteriores, o acesso às pesquisas e informações de tornou mais simples e fácil. Uma das funções dos educadores é despertar a consciência em seus alunos que eles podem transformar o mundo em algo melhor a partir de suas ações e atitudes, tal feito não pode ser desassociado ás novas tecnologias, uma fez que as redes sociais tem se mostrado um grande palco para as reivindicações e protestos atualmente.

A preparação do educador frente às novas tecnologias é essencial para sanar uma das maiores dificuldades encontrada na utilização dessas tecnologias. Muitos educadores têm pavor de computadores, internet e outros aplicativos. Seu medo e inexperiência acabam por fazer esse professor repudiar todo tipo de avanço tecnológico dentro de sala de aula.

Para Freire (1997, apud Lima, 2012, p. 39) “se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode. Se a educação não é a chave para as transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante”.

Além desses fatores citados anteriormente, a falta de interesse dos alunos também está incluso nesta lista, uma vez que é que tal fato notável dentro de escolas públicas e particulares do Brasil.

O uso das tecnologias aproxima o aluno da escola e do educador, principalmente, pelo contato, muitas vezes excessivos e precoces que eles têm com os aparelhos eletrônicos, internet e afins, porém nesta situação citada ainda há muito que se desenvolver para uma aprendizagem de qualidade, primeiro que o ensino de geografia ainda é pautado de forma que não desperta muito o interesse do aluno, segundo que será necessários professores com formação adequada para desenvolver aulas pautadas na tecnologia atrelada o uso das imagens e terceiro as instituições necessitam de equipamentos tecnologicamente apropriados para esse processo, o que entraria em outra discussão que é as políticas públicas, sendo assim é preciso compreender que a realidade nem sempre pode ser contemplada com tais ações.

Sabe se que as tecnologias auxiliam, estimula e, principalmente, ampliam as ferramentas utilizadas no processo de ensino-aprendizagem. Seu uso dentro e fora de sala aula leva os alunos a explorarem informações e “universos” que eles não tinham contato anteriormente, agregando assim, as habilidades, atitudes e competências necessárias para a vida em sociedade.

Pergunta 1: Uma imagem vem representada sempre por diversas questões a ser analisadas, as paisagens neste contexto é uma estratégia pedagógica para uma mediação que pode ser integrada com ações contextualizadas, em que pode ser representada numa realidade.

Pergunta 2: O conhecimento numa perspectiva de observação e leitura faz com que o educador interaja e possibilite uma visão mais ampliada com percepção de um todo, porém detalhada.

Pergunta 3: Por meio das tecnologias que possibilita a partilha, as experiências e faz com que os envolvidos neste processo de integração e interação com outro, com um olhar que vai além do papel da sala de aula de forma concreta.

Pergunta 4: Há diversas possibilidades partindo do contexto de desenvolvimento e objetivo de cada aula. Assim o filme que integre os temas transversais favorece uma aprendizagem “global”. Os filmes “Rio” e o filme “Procurando Nemo”. Ambos filmes seria distribuído em 4 aulas , numa duração de minutos cada. As aulas seriam integradas com as disciplinas de língua portuguesa em que as questões da linguagem utilizada seriam desenvolvidas; Ou com a disciplina de Ciência e ou histórias nos conceitos cultura e a vida animal. Todas essas observações seriam descritas de forma a favorecer a curiosidade dos alunos, a pesquisa e discussão num proposito de favorecer os conhecimentos prévios e elaboração de textos sobre os pontos visualizados em cada filme.

1- Em que consiste a ontogênese da imagem? De acordo com o texto a imagem é a representação na perspectiva de dar significado à realidade, tornar o mais próximo dos fatos e situações e é uma função que vem de muito e muito tempo.

2- Quais as relações existentes entre a arte da representação e a Geografia? As relacione sob o viés freiriano. As relações existentes estão nas imagens, nas pinturas em que retrata a realidade vivenciada, atribuindo significado sobre o local a qual se vive e a percepção de todas as ações humanas. O pensamento freiriano reflete a questão dos signos, imagens como forma de compreensão e aprendizado, com foco no visual.

3- Como é possível relacionar as formações sociais e as imagens nos espaços formais e informais educativos? Os conteúdos desenvolvidos na sala de aula ou em uma área qualquer como espaço educativo, podem ser representados por imagens no sentido de promover a reflexão, como a exposição de fotografias relacionadas ao ambiente e ou a cidade.

4- Uma sugestão apontada no texto é o uso de quadrinhos/tirinhas. Como é possível por eles realizarmos a

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

educabilidade do olhar e promover uma educação geográfica?
Poste aqui uma tirinha e explique como você a utilizaria.

Imagem 1:



Fonte: www.facebook.com/tirasarmandinho/?fref=ts

Essa tirinha pode ser desenvolvida a questão do trabalho do professor, sobre a forma que a educação vem sendo conduzida, na qual a democracia existe somente no papel.

Seria apresentada a tirinha aos alunos e promoveria um debate reflexivo acerca do tema, qual a intenção e o significado da fala do personagem.

Tema gerador: A educação e o conhecimento

Disciplina: Sociologia e História

Série /Ano: Ensino Médio

Tempo: 2 aulas 50 minutos

Conteúdos: A história da educação; As questões políticas e sociais para a educação no contexto função do professor.

Objetivos: Refletir e desenvolver o pensamento crítico acerca da função professor e suas competências

Desenvolvimento: Primeiro seria feito uma roda de conversa, debate sobre o que os alunos pensam sobre o que o professor ensina e o que ele promove. Depois mostraria a tirinha para que cada aluno explicasse. Posteriormente

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

mostraria vídeos com esse contexto e o que este tema reflete na vida das pessoas, da sociedade, se concorda ou não.

Recursos: Vídeos, textos.

○ ver, o perceber sempre é e acredita se ser considerado por meio do olhar pelo físico o imaginar pela percepção psicológica. Sendo ambos estimulados por aspectos que sejam de luz ou de detalhes. O entender desta percepção equivale a muitas situações para uns um olhar “mais detalhado” como, por exemplo, a forma como é construído ou ainda dentro daquilo que imaginamos, ficando compreendido que o ver e o olhar são determinados de acordo com o que sentimos.

Entende se que a percepção da representação possui direcionamentos determinados e possíveis dentro do que vemos estabelecendo uma conexão com a memória que entende toda ação cultural e psicológica respectivamente, como parte de sua significação;

○ exercitar visual corresponde o que percebemos e assim teríamos que propor a representação na percepção de significados diferentes.

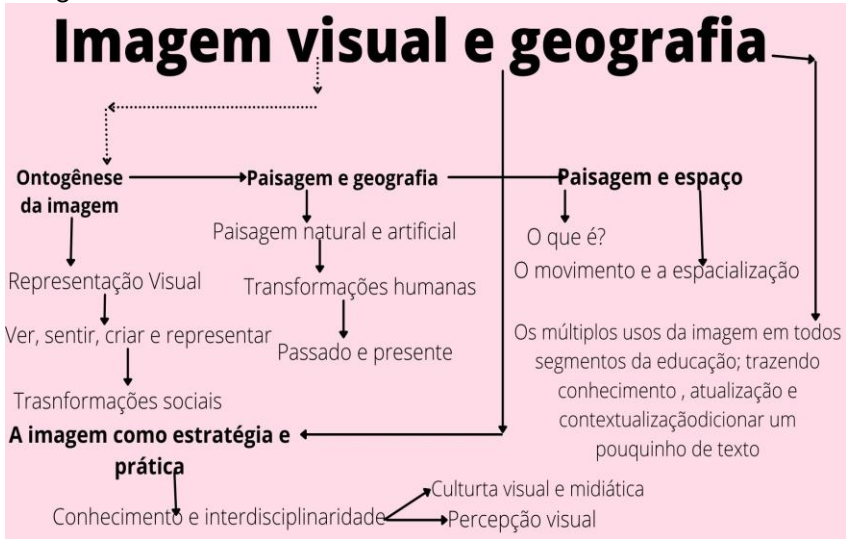
Mobilidade visual, aparência e realidade:

A mobilidade visual está atrelada a questão do que a pessoa relaciona com a realidade, sejam por meio das representações e ou imaginação e com ela vem as sensações que são percebidas com a forma que cada um vê, e o que contribui para tal análise está a memória e também ao que se sabe e conhece. Assim a geografia da observação relaciona ao que é representado quando se coloca situações em que o movimento, a localização, a percepção que temos e nos apropriamos para se adequar ao que pode nos interessar sendo mais específico e assim a aparência do que criamos ou vemos se contrapõe ou confirma com a realidade, como exemplo é quando o professor ministra uma aula sobre qualquer conteúdo no primeiro momento ele fornece ideias, estímulos e

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

significados que fazem com que os alunos façam associação ao assunto, e emita um posicionamento relacionado a realidade, o que ele terá de retorno nem sempre todas as respostas produzidas demonstram uma percepção porque em razão do momento eles podem controlar as emoções o que não terá consonância com o entendimento da percepção, do movimento e o seu significado.

Imagem 2:



Fonte: próprio autor

O mapa apresenta conceitos - tópicos, destinados a alunos do ensino fundamental médio, pois compreendem melhor essa técnica/ estratégia. Objetivo de relacionar os conteúdos desenvolvidos e assim elaborar planos e projetos de estudos o que trazem uma melhor compreensão e organização.

As relações com a percepção de espaço, distância, profundidade e tamanho, percebe se a instrumentalização da observação, o que corrobora com a comunicação visual e as

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

suas práticas, assim as observações são primordiais no sentido de contribuir para uma análise de um olhar mais detalhado que a princípio pode ser somente por um viés, mas sendo reelaborado numa visão panorâmica, pensando na aparência, e na formulação de uma nova imagem, aproximação e movimentação, ou seja, a percepção visual fundamenta, influencia e representa nossas ações e comportamentos.

A dimensão das percepções muitas vezes nos leva a um olhar do que parece, mas não é, em que os ângulos evidenciam para uma outra imagem e ou significado, trazendo uma distorção o que leva a uma reconstrução de uma nova imagem, uma seleção visual diferenciada para que essa distorção não seja ambígua, invertendo a percepção do que é real.

SISTEMA DE REPRESENTAÇÃO

As representações são regidas pela “mobilidade” dos objetos e das obras em que as formas são destacadas pela linearidade ou não, inteiras ou não, pelas cores e propriamente pelo sistema representativo ou seja, independente ao tipo de obra que se procura compreender, a percepção ou a visão deve ultrapassar todas as características pelo ponto de vista do observador e para que esta visão seja ampla se faz necessário conhecer os métodos adotados e relacionar a imagem/pintura/obra e construir um novo significado, sejam as formas dinâmicas ou o nivelamento geometricamente analisado o que propicia um ângulo e uma visão privilegiada do que se quer mostrar e perceber.

Os espaços numa visão perceptual são fundamentais numa cultura de representação que demonstra a forma como os símbolos são processados numa linguagem em que a quebra de paradigmas implica numa memória histórica e estética que concebe uma nova visão, numa nova construção.

DOMÍNIO OPERATIVO

A estratégia pedagógica dentro dessa análise e desse tema numa proposta de trabalho na instituição escolar entende-se a busca de materiais de acordo com a realidade escolar, sempre contextualizando o que cada um pode dominar ou ter uma facilidade na sua execução. Desenvolver um trabalho de manipulação onde haja possibilidades de análises diferentes, determinar as linhas e regras a serem seguidas, na qual a reinvenção, uma nova construção, aproximação com diversos materiais dispostos para que a manipulação e a comparação sejam observadas, materiais estes que proporcionem um diálogo cultural e histórico entendendo que a percepção visual possa ser representada e analisada dentro de vários pontos de vista, trazendo métodos que sejam de acordo com os objetivos propostos, na qual o aluno tenha a oportunidade de expor e detalhar a sua percepção.

As paisagens sempre foram forma vista e entendida do ponto de vista da geografia, porém sempre voltada com a ação da natureza, percebe-se que a evolução para uma paisagem propriamente humana na concepção de conhecimento de artes é recente se considerado o lado histórico.

INVENÇÃO E MORTE DA PAISAGEM

A questão da paisagem é moldada de acordo com o conhecimento que integra uma visão de culturas principalmente sobre o que representa e sua evolução a mediada que foi surgindo, trazendo concepções na linha estética e também na percepção da sua origem, trazendo mudanças sob o olhar daquele que os observa e cria sempre pensando, entende-se que . Cada uma das áreas da geografia com o passar do tempo oferece especial perspectiva para o termo, assim como

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

relaciona o mesmo a diferentes tipos de percepção. As diferentes perspectivas e percepções que integra inevitavelmente se remetem nas mais diversas propostas, experiências e análises diferenciadas. Sendo assim essa nova visão das paisagens teve um ponto positivo na concepção da economia, pois trouxe inovações que possibilitaram uma revolução para o capitalismo permitindo novas ideias e buscas trazendo um novo cenário por meio da arte e das pinturas.

Estes aspectos evolutivos ainda não haviam sido totalmente representados, compostos, os pintores ainda “fugiam” da realidade se perdendo de vez daquilo que de fato era reproduzido, transcendendo as emoções e os sentimentos ali demonstrados e isso ficava evidente a linha original, inicial não inferindo o desenvolvimento que a geografia permite aquém das ações humanas.

A PAISAGEM NA GEOGRAFIA - PRIMÓRDIOS

A paisagem somente começou apresentar mudanças no decorrer do séc XX, ganhando ares que a ciência permite modificando as origens ganhou uma nova roupagem em todos os aspectos desde a representação dos espaços que envolvem todo o mundo num conceito de natureza e atualmente a artes, embora o campo da geografia se estenda a diversidade territorial e com isso sofrendo variações culturais na representatividade de um todo, perpassando as mais diversas ideias, construindo novos termos.

Sabe se que as descrições do que equivale a geografia estão voltados mais a questão do físico, do concreto e foi ampliando a visão do ponto do ser humano nas ações do tempo e suas modificações , trazendo uma nova paisagem.

AS CORRENTES ACTUAIS

Essa quebra da paisagem numa concepção do humano e do físico em que era entendida como o resultado de uma interação do indivíduo criou possibilidades de transformação de conceitos, de forma que a percepção sobre a paisagem começou a ganhar consistência e a explicar melhor o que estava à frente e por trás daquilo que entendemos.

De acordo com toda esta quebra de paradigma e de todo este desenvolvimento proporcionado pelas novas ideias, nova informações e criações do ponto de vista cultural os avanços na construção de uma nova paisagem entendida como objetos e diversas representações oferecidas pelo individual e social e pelas peculiaridades culturais, sociais, filosóficas e estéticas dos diferentes momentos históricos. Isto significa que, a paisagem, vai além da natureza e além das ações humanas e que por isso jamais poderá se extinguir somente nas características de materiais. Isso significa também ter a possibilidade de entender o homem e o mundo que este habita, sob diferentes “perspectivas” e sob uma ampla, profunda e complexa relação no tempo e no espaço, sendo uma maneira de equilibrar e trazer harmonia nas artes, mesmo que a relação da construção da paisagem seja uma ambígua observação do ponto de vista humano e da natureza.

As paisagens caracterizadas no espaço desde as questões históricas como processo de conhecimento, também é reconhecido como trabalho para alguns, numa percepção de sentidos e dinâmicas e evoluções promovidas pela sociedade.

Nesta perspectiva é que se pergunta o que é paisagem e diante disso é que há uma complexidade no viés de interação e entendimento que pode ser vista e ou compreendida por outras situações de aprendizado, na qual uns veem de uma maneira outros veem e sentem de outra, isso gera a questão de que paisagem depende do ponto de vista onde cada um se

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

encontra e analisam as técnicas que lhes são adotadas que é o que os diferencia as ações humanas, o que nos cabe é ultrapassar essa percepção interpretativa do que é real ou não.

PAISAGEM E REGIÃO

A paisagem nesta perspectiva tem passado por grandes mudanças no sentido de conceito o que não pode mais se confundir, houve uma grande organização neste ponto de vista e as transformações foram e são diversas, não perpetuando no tempo como algo imutável, algo definido. Como passar do tempo à modernidade vem pra oferecer a transmutação dos objetos em que as indústrias passaram a ver a paisagem e o ser humano, como algo a ser reproduzido e alterado conceituando em um novo conhecimento em que as características carregam traços do passado, porém com novo estilo.

PAISAGEM NATURAL, PAISAGEM ARTIFICIAL

As paisagens carregam todos os aspectos naturais e de acordo com a transformação das indústrias vêm incutida também os aspectos culturais ou humanizados e neste conceito estão à paisagem natural e a artificial em que os nomes já definem. E sendo assim a subjetividade do olhar traz uma multiplicidade de características e este olhar é que inova no sentido das transformações das paisagens o que gera nas atividades humanas a percepção do trabalho e tira das paisagens os objetos e ou instrumentos de trabalho o que é relacionado com a sua utilização, o que impacta na sociedade. Estes instrumentos são suscetíveis na premissa de trazer uma troca que é válida numa sociedade capitalista, daí a produção de objetos tendo uma variação na questão espaço, região e paisagem.

As mudanças elas são perceptíveis e a medida que o tempo passa e a modernidade se faz mais presente vão surgindo novas ideias, novos produtos o que traz complexidade do ponto de vista das paisagens naturais, na qual o tempo as gerações tem um olhar diferenciado ao que necessita e aprecia em que se tira das paisagens e soma à sobrevivência de uma sociedade, onde os tempos históricos são demonstrados de uma outra maneira.

DATA E MOVIMENTAÇÃO DA PAISAGEM

É de fato uma análise em que as questões políticas, econômicas impactam nas possibilidades de movimento (história) que as paisagens trazem, muitas vezes representadas nos objetos ou nos instrumentos, essas relações sociais que são atribuídas aos conceitos da invisibilidade por muitos que somente reconhece os aspectos da atualidade.

AS MUTAÇÕES DA PAISAGEM: O ESTRUTURAL E O FUNCIONAL

O tempo e suas percepções reais ou apenas a subjetividade daquilo que vemos ou sentimos é que estruturam as paisagens, essas variações estão interligadas ao tempo e ao espaço, desta forma entende que as mudanças ocorrem sempre na natureza artificial que gera os instrumentos e o trabalho, não perdurando muito tempo o que integraliza as culturas em todos os espaços formados por pedaços.

Subtende se que o espaço é subsidiado por uma estrutura em um conjunto de paisagens resultado das mudanças para a entrada de uma nova realidade, uma nova vivência em que sociedade entende como uma ideia que enfeita o espaço e proporciona mudanças na qual um é interligado e dependente do outro, a paisagem, a geografia, o espaço a sociedade, as

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

organizações e as relações sociais e culturais, sendo transformadas nas proporções a agregar conhecimento e um novo olhar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os primórdios vivemos em contato com a evolução tecnológica, entretanto, atualmente, essa evolução está cada vez mais presente em nossas vidas, uma vez que até as classes sociais mais baixas estão inseridas nesse meio.

A escola foi uma criação da sociedade, sendo constantemente moldada por ela, mas também está sempre condicionando os alunos diante deste molde, por isso, o uso das tecnologias faz-se extremamente necessária dentro de sala de aula.

Infelizmente, a educação brasileira, principalmente a pública, enfrenta diversas dificuldades e conflitos dos mais variados tipos, sendo a inclusão e utilização das tecnologias somente mais um deles., portanto de acordo com os texto lidos no decorrer do curso percebe se q necessidade de transformação na premissa de proporcionar ao aluno as melhores possibilidades para que se desenvolva em seu cotidiano e as relacione com as práticas adotadas na sala de aula, sendo assim a leitura da imagem dependendo da situação precede e ou antecede a leitura textual, logo a leitura de imagens é uma leitura que retrata o abstrato, o concreto, representa o visível e o invisível revelando e destacando as emoções, e com isso ter uma concepção crítica e reflexiva da "linguagem" não verbal presentes na imagem.

REREFÊNCIAS

ROMÃO, José Eustáquio. **Paulo Freire e a imagem**. Ed u c a ç ã o & Linguagem • v. 13 • n. 22 • 77-97 jul. Dez. 2010.

PAULO FREIRE E O USO DA IMAGEM VISUAL NA GEOGRAFIA: PERSPECTIVAS PARA O
ENSINO MÉDIO

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

SOUSA, Rocha de. Percepção visual e representação.
Universidade Aberta.

TAVARES, Romero. **Construindo mapas conceituais**. Ciências &
Cognição 2007; Vol 12: 72-85 © Ciências & Cognição
Submetido em 13/10/2007 | Aceito em 26/11/2007 | ISSN
1806-5821 – Publicado on line em 03 de dezembro de 2007.

RELATO DE EXPERIÊNCIA COM O CURSO DE APERFEIÇOAMENTO EM PAULO FREIRE E O USO PEDAGÓGICO DA IMAGEM VISUAL EM GEOGRAFIA

Maria Jozenilda Araújo dos Santos¹³

Maria Aparecida Vieira de Melo¹⁴

RESUMO: O objetivo deste estudo é apresentar uma reflexão sobre o curso de Aperfeiçoamento em Paulo Freire e o Uso Pedagógico da Imagem Visual em Geografia através da realização de atividades em Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Deste modo abordaremos as experiências compartilhadas durante o referido curso, realizadas à distância e ofertado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A sua finalidade consiste em retomar as contribuições freirianas sobre o uso da imagem visual e sua utilização na prática educativa em geografia como fundamentais para a produção

¹³Graduanda em Letras Língua Portuguesa e Literaturas pela UFRN *Campus Currais Novos*.

¹⁴Doutora em Educação pela UFPB (2020). Mestra em Educação, Culturas e Identidades pela UFRPE/FUNDAJ (2015). Pedagoga pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2010). Especialista em: Psicopedagogia (2012); Gestão Pedagógica (2013); Educação em direitos humanos (2014), Educação do campo (2015), História e cultura dos povos indígenas (2015), Tecnologias e artes (2019). Líder do Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN), Pesquisadora do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais da Universidade Federal de Alagoas (NUAGRÁRIO/UFAL), Pesquisadora do Laboratório de Educação, Novas Tecnologias e Estudos Étnico-Raciais (LENTE/UFRN), e do Grupo de Estudo e Pesquisas Discursos e Imagem Visual em Educação (GEPDIVE/UFPB). Interesses em: Educação do campo, educação popular, movimentos sociais, processos educativos, interdisciplinaridade. Formação de professores. Gestão pedagógica e Políticas educacionais. Livros didáticos. EJA. Transdisciplinaridade. Estágio supervisionado. EAD. Análise Arqueológica do Discurso (AAD). Pedagogia Social. E-mail: m_aparecida_v_melo@hotmail.com.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

de conhecimento geográfico, e, portanto, seu uso deve ultrapassar a condição de mera ilustração. Logo, o atual status da imagem visual pode ser superado na geografia a partir de sua produção associada a produção de conhecimento geográfico. Durante esse processo dialogamos com alguns teóricos que coadunam com as perspectivas freirianas, tais como Carlos (2010), Mizukami (2014), Sousa (1995), Salgueiro (2001), entre outros. No percurso metodológico, adotamos uma abordagem de cunho qualitativo conforme Minayo (2010) e exploratório de pesquisa. Os resultados da pesquisa apontam para que o docente tente lançar um olhar reflexivo acerca da realidade na qual seus discentes estão inseridos com sugestões flexíveis de atividades que atendam a todos que estão em condições desiguais com vistas ao atingimento do principal objetivo de proporcionar uma educação de qualidade e transformadora para o educando.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem. Aprendizagem. Liberdade.

INTRODUÇÃO OU APRESENTAÇÃO

Esta proposta de trabalho de TCC tem como objetivo apresentar algumas reflexões e como se deu o relato de experiência durante o desenvolvimento do curso de Aperfeiçoamento em Paulo Freire e o Uso Pedagógico da Imagem Visual em Geografia com atividades realizadas em Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA e ofertado pela UFRN. Deste modo, consideramos que tal experiência foi fundamental para fomentar atitudes críticas e reflexivas acerca da formação continuada de professores, quanto às ações práticas do seu fazer docente, pois de acordo com o pensamento de Freire (1996, p. 21):

[...]na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando

criticamente a prática de ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento” epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela “aproximá-lo” ao máximo.

Essas reflexões são necessárias para que o próprio docente tenha essa humildade de também se colocar na condição de aprendiz e consiga mudar suas ações no dia a dia de sua profissão e diante da realidade vivenciada por seus discentes.

Convergindo nessa perspectiva, a motivação para desenvolver essa proposta partiu das sugestões indicadas nas atividades, conforme orientação dos professores desse curso de aperfeiçoamento e, também, pela minha condição de docente em formação na área de Letras – Língua Portuguesa, uma vez que a linguagem tem essa função social de agir sobre o indivíduo, empoderando-o para atuar conscientemente em sociedade e a partir dessa consciência, agir de forma crítica e capaz de transformar sua realidade. As atividades foram realizadas numa perspectiva em retomar as contribuições freirianas sobre o uso da imagem visual e de como utilizá-la na prática educativa em geografia de maneira fundamental para a produção de conhecimento geográfico e, portanto, como seu uso deve ultrapassar a condição de mera ilustração. Outrossim, o atual status da imagem visual pode ser superado na geografia a partir de sua produção associada a produção de conhecimento geográfico, como também através de propostas interdisciplinares com outras áreas do conhecimento.

Logo, essa proposta tem como objetivo principal apresentar essas reflexões desenvolvidas ao longo dessa atividade, como também pretendemos explanar com o desenvolvimento desse trabalho, como o atual status da

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

imagem visual pode ser superado na geografia a partir de sua produção associada a produção de conhecimento geográfico, especialmente quando trabalhado através de propostas interdisciplinares com outras áreas do conhecimento.

Pergunta 1: Quais as palavras-chave contidas em cada um dos textos? 1º texto - "A ontogênese e o aprender" de Fernando Reinach: aprender; ontogênese. 2º texto - "Criatividade ou o homem em aprendizagem" de Rocha de Sousa: aprendizagem; criatividade; liberdade; imagem.

Pergunta 2: Considerando-se os enunciados "Ontogênese" e "Aprender" como podemos na prática educativa viabilizar/estimular o pensamento crítico e criativo utilizando-se a Educação Visual como um caminho possível para a leitura do mundo? Na prática educativa, através da Educação Visual, o professor pode motivar o aluno através de vários recursos midiáticos, por exemplo o uso de memes, charges, entre outros gêneros que podem ajudar a estabelecer reflexões críticas que permitem conhecer melhor a realidade social na qual estamos inseridos.

Pergunta 3: É possível nos processos educativos estabelecer conexões e viabilizar a liberdade criativa? Com certeza, pois o imagético pode ser despertado a partir da sensibilização ao se fazer uso de imagens que tenham relação com a situação real vivida pelas pessoas, onde são produzidos sentidos para realização de excelentes discussões.

Pergunta 4: Como podemos estabelecer estratégias no âmbito do ensino da Geografia (ou outras áreas do conhecimento)? Estratégias desenvolvidas a partir da formação continuada dos docentes, especialmente no tocante ao uso de novas tecnologias, o que permite uma maior interação e motivação na turma, promovendo a dialogicidade, percepções e reflexões críticas para a produção de sentidos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

O curso de aperfeiçoamento permitiu relacionar os saberes teóricos à uma possibilidade de experiência vivenciada no meu atual processo de formação docente através dos momentos de estágio nas escolas, o que suscita a necessidade da participação e estudos contínuos da comunidade escolar. Para fundamentar essa metodologia, buscamos contribuições que coadunam com as teorias abordadas. Para isso, optamos pela utilização de uma abordagem de cunho qualitativo e exploratório de pesquisa. Conforme discorrido por Minayo (2010, p. 21), o desenvolvimento de uma pesquisa de natureza qualitativa:

[...] responde a questões muito particulares. [...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes [...] parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Ainda em conformidade com Minayo (2010) a metodologia é compreendida como a prática que conduz o caminho do pensamento e aborda a realidade. Este entendimento contribui para a delimitação das escolhas metodológicas que direcionaram os estudos realizados nesta pesquisa.

A escolha do tema deu-se de forma colaborativa com a professora de Língua Portuguesa da turma do 2º ano, onde discutimos quais conteúdos que foram trabalhados até o momento da aplicação e, a partir daí, elegemos a charge como uma possibilidade de texto importante para ser utilizado naquele momento. Feito isto, planejamos a organização da

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

atividade em etapas, nas quais levamos em consideração alguns critérios como a interdisciplinaridade (a professora da turma conversou com o professor de geografia para ver como poderíamos fazer essa relação entre as disciplinas), também utilizamos de alguma forma a contextualização (problematização das relações sociais que abrangem/contemplam a dimensão social do trabalho no contexto da precarização de suas relações e como impactam na vida do trabalhador), tentando estabelecer uma relação com o contexto atual da pandemia.

A sequência didática foi aplicada com a utilização da ferramenta Google Meet com o auxílio de um docente do ensino médio integrado à educação profissional e tecnológica, onde tentou-se promover uma prática de ensino dinâmico e interativo, de modo seguro para todos os participantes, especialmente nesses momentos nos quais as pessoas não podem se encontrar fisicamente. A intenção é de que a atividade fosse desenvolvida de modo que a professora em formação e o docente responsável pela turma do 2º ano tivessem um papel de mediadores, promovendo a interação e dialogicidade de todos os participantes em um processo onde professor e alunos refletissem conjuntamente e de forma crítica, sendo esses alunos os principais sujeitos do processo de ensino-aprendizagem com autonomia e consciência.

No tocante à avaliação, reportamo-nos ao proposto por Mizukami (2014, p. 94), no qual a autora defende que uma prática de ensino que está inserida no contexto da abordagem sociocultural coaduna com o pensamento de Freire (1982, p. 94), onde assevera que “a avaliação é da prática educativa, e não de um pedaço dela”. Desse modo, os discentes serão avaliados pela forma participativa no processo, ou seja, através de uma avaliação mútua, na qual todos os envolvidos terão ciência das dificuldades e dos progressos. O importante aqui será também a análise crítica da leitura a partir das inferências

extraídas das charges, contribuindo para o pensamento reflexivo de sujeitos conscientes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA VIVÊNCIA OU DA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Abaixo, apresentaremos as sequências de atividades solicitadas pelos professores para serem respondidas através de fóruns e fichamentos disponibilizados no AVA. A intenção foi de colaborar para a abordagem de conteúdos que despertem a consciência crítica dos discentes inseridos no contexto educacional.

FÓRUM 2 - MÓDULO 2 - EDUCAÇÃO E VISUALIDADE POR UMA PEDAGOGIA CRÍTICA

Pergunta 1: Como a imagem pode mediar a gestão interdisciplinar do conhecimento? A imagem pode se constituir num importante mecanismo pedagógico, pois além de provocar o imagético dos discentes em seus mais variados aspectos, pode mediar/integrar o conhecimento através de várias ações interdisciplinares.

Pergunta 2: Como é possível viabilizar a educabilidade do olhar? Através de práticas educativas com metodologias ativas, especialmente nesse período de ensino remoto, proporcionando o senso crítico discente, com ações reflexivas e transformadoras da realidade na qual estão inseridos.

Pergunta 3: É possível diante do atual contexto pandêmico consolidar um espaço de reflexão, discussão e partilha de experiências sobre o uso da imagem como mediação da prática docente? Sim, uma vez que estão à disposição várias ferramentas, tais como o Google Meet e o Google Classroom, onde o docente pode trabalhar várias situações diante desse contexto, explorando esses recursos para

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

realizar interações síncronas e assíncronas para estimular os discentes em várias reflexões, utilizando as imagens como recursos facilitadores de tais percepções.

Pergunta 4: Observando-se a importância da interdisciplinaridade, respeitando-se o estudo e o objeto da Geografia, como é possível articulá-la e nos apropriarmos da linguagem fílmica ampliando os leques de possibilidades da organização do conhecimento. Aponte/sugira uma possibilidade, observando-se a duração de uma hora-aula ou horas-aulas de Geografia e outra disciplina, e roteirize explicando detalhadamente como ocorreria esta ação educativa. Com relação ao uso da geografia na linguagem fílmica, um exemplo de estratégia a ser desenvolvida, pode ser a articulação de uma sequência didática com atividades elaboradas para estimular a reflexão de vários aspectos sociais, dentre eles a importância de se ter uma consciência sustentável para proteção do meio ambiente e, posteriormente, fazendo uma relação com a disciplina de Língua Portuguesa, solicitando que os discentes realizem a produção de um gênero textual, por exemplo uma resenha, do filme que for disponibilizado para análise.

Sugestão de Sequência Didática:

- Apresentar o gênero resenha e o que é a sustentabilidade ambiental;
- Exibição de filme ou documentário a respeito da consciência sustentável;
- Solicitar a produção do gênero resenha a partir do filme/documentário;
- Avaliar as produções e realizar momento síncrono para debates e reflexões.

FÓRUM 3 - MÓDULO 3 - PAULO FREIRE E A IMAGEM

Pergunta 1: Em que consiste a ontogênese da imagem?

Consiste nas infinitas possibilidades de ler, compreender e ressignificar a realidade que existe e na qual o sujeito está inserido a partir da concepção de imagem que este mesmo sujeito traz consigo na sua leitura e vivência de mundo. Com isso, seu imaginário é provocado para a representação da sua realidade de mundo.

Pergunta 2: Quais as relações existentes entre a arte da representação e a Geografia? As relacione sob o viés freiriano. Essas relações estão presentes nas ações dialógicas existentes entre o professor e seus alunos, onde são promovidas interações/discussões com vistas a uma reflexão crítica, transformadora e que conduza a uma emancipação do sujeito. Ao trabalhar a consciência/reflexão sustentável para o meio ambiente, utilizando documentários, charges, tirinhas, dentre outros gêneros, assim como a realização de ações práticas para esta finalidade, tudo isso contribui para essa perspectiva consciente, pois conforme assevera Mizukami (2014, p. 88) em consonância com os estudos de Freire sobre a relação do homem com o mundo: "O homem chegará a ser sujeito através da reflexão sobre seu ambiente concreto: quanto mais se reflete sobre a realidade, sobre a sua própria situação concreta, mais se torna progressiva e gradualmente consciente, comprometido a intervir na realidade para mudá-la."

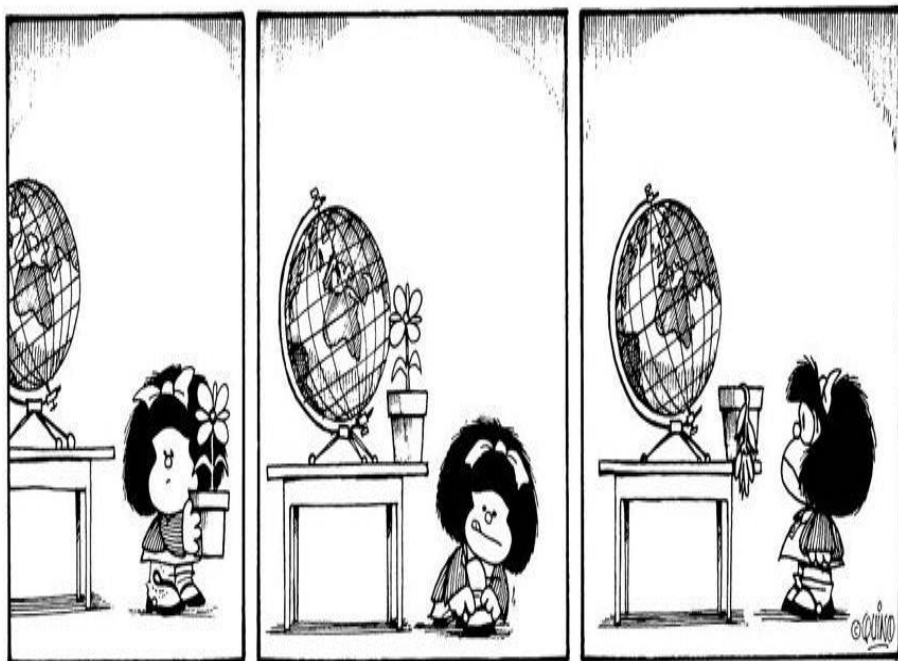
Pergunta 3: Como é possível relacionar as formações sociais e as imagens nos espaços formais e informais educativos? Através da socialização de experiências, realização de discussões/interações nos espaços educativos, independentemente se é numa escola ou numa associação de catadores de materiais recicláveis, como também o desenvolvimento de ações práticas coletivas.

Pergunta 4: Uma sugestão apontada no texto é o uso de quadrinhos/tirinhas. Como é possível por eles realizarmos a educabilidade do olhar e promover uma educação geográfica? Poste aqui uma tirinha e explique como você a utilizaria. O

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

cartunista argentino “Quino” realizava de forma sutil críticas acerca da destruição do meio ambiente, conforme explicitado na tirinha abaixo e sem utilizar a linguagem verbal, mostra que ao apenas colocar um vaso próximo ao globo terrestre, a plantinha morre.

Imagem:



Fonte: <https://images.app.goo.gl/BE9GkaLo5D8xGq539>.
Acesso em: 15 Mar. 2021.

A partir dos debates realizados acerca dessa temática, produzam em grupo uma tirinha que contenha ações educativas para promoção da conscientização acerca da preservação do meio ambiente. Em seguida, compartilhem nas redes sociais da

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

escola. As tirinhas serão utilizadas em outros trabalhos interdisciplinares realizados na escola.

Tema gerador: A educação e a precarização das relações de trabalho

Disciplina: Língua Portuguesa e Geografia

Série /Ano: 2º Ano do Ensino Médio

Duração da aula: 3 aulas de 50 minutos

Conteúdos: O gênero textual charge; As relações sociais que abrangem/contemplam a dimensão do trabalho no contexto da precarização de suas relações e como impactam na vida do trabalhador.

Objetivos: Propiciar reflexões e percepções acerca do pensamento crítico e emancipatório inerente a essa realidade que afeta os trabalhadores

Desenvolvimento: Inicialmente pode ser trabalhado a percepção dos discentes por meio de um aplicativo de nuvem de palavras acerca do que eles podem refletir no momento partindo das suas percepções sobre o que eles acham das relações de trabalho nesse atual contexto da pandemia. A partir do que eles expuserem pode ser iniciado um debate sobre essa temática. Em seguida, podem ser trabalhadas algumas charges que propiciam uma reflexão ainda mais problematizadora, finalizando com a produção de charges pelos discentes onde eles vão apresentar/contemplar algum posicionamento crítico a respeito da precarização do trabalho e qual o impacto na vida dos atuais e futuros trabalhadores.

Recursos didáticos: Google Meet, Google Classroom, livros, vídeos, artigos, aplicativos para produção de charges.

Imagem:



Fonte: <http://umbrasil.com/charges/charge-01-06-2020/>. Acesso em: 12 maio 2021.

MÓDULO 4 - PERCEPÇÃO VISUAL E REPRESENTAÇÃO

Quadro 1-Fichamento

| | | |
|---|---|---|
| Referência: | SOUSA, Rocha de. Percepção visual e representação. In. SOUSA, Rocha de. Didática da Educação Visual . Universidade Aberta, Lisboa, 1995. p. 31-69. | |
| Palavra-chave | Citações | Reflexões |
| Percepção visual e representação | "A percepção visual é habitualmente encarada na base dos seus aspectos físicos e psicológicos." (p.31). | Relata a abrangência dos diversos estímulos a partir do processo perceptivo visual, assim como as respostas dos atos comportamentais oriundos do despertar do |

| | | |
|---|---|--|
| | | imagético. |
| Mobilidade visual, aparência e realidade | <p>“O homem serve-se dos meios de comunicação, de diferentes modos e incluindo os da sua mobilidade visual, para transmitir sentimentos, emoções, sensações, ideias, interpretando vivamente a necessidade de comunicar: mas comunicar é algo que implica expressão, intencionalidade, poder mobilizador – justamente tudo o que define o processo artístico nas suas linhas gerais.” (p.37).</p> | <p>Definição de como o homem pode explorar os meios de comunicação para expressar a interpretação das mais diferentes sensações humanas.</p> |
| Sistemas de representação | <p>“De um ponto de vista didático, a nova visão das coisas e a necessidade de fazer escolhas funcional e culturalmente bem sustentadas implicam grande vigilância sociológica, memória histórica e estética, uma criatividade segura, suficientemente aguerrida e conceitualmente</p> | <p>O foco da questão está em entender que as questões atinentes à educação visual estão imbricadas no processo de ressignificação dos estados e dos processos cognitivos das representações mentais, dos falantes.</p> |

| | | |
|---|---|--|
| | crítica." (p.54). | As pessoas se entendem porque são capazes de reconstruir as representações mentais nas quais os outros se baseiam para falar e expressar esse refazimento do ato de representar. |
| Ver, refazer, inventar: entendimento criativo do visível | "A verdade do visível é relativa , por vezes de todo enganadora. Mas o que sabemos das coisas, mesmo entre ambiguidades, alimenta uma larga percentagem da nossa apreensão delas - e sem isso a nossa capacidade de interpretar os temas, de os reflectir, de os reelaborar, estaria grandemente comprometida." (p.56). | Essa compreensão se faz necessária para melhor traçar a relação do que visualizamos com a leitura de outros códigos já vistos. |
| Domínio operativo | "A amplificação diversificada e instrumentalizada da observação permite apurar as capacidades visuais e aceder a maior número de hipóteses formuladoras no domínio da representação e da sua exploração expressiva , veiculando-a em termos comunicativos úteis ou em termos essencialmente | Percebe-se que a relação existente no domínio que se desenvolve entre o ver e o representar são oriundas de experiências e análises. |

| | | |
|--|------------------------|--|
| | poéticos." (p.66-67). | |
|--|------------------------|--|

Fonte: Próprios Autores (2021)

MÓDULO 5 - PAISAGEM E GEOGRAFIA

Quadro 2-Fichamento

| | | |
|--|--|---|
| Referência: | SALGUEIRO, Teresa Barata. Paisagem e Geografia. Revista Finiserra , ano XXXVI, vol. 72, p. 37-53. Lisboa, 2001. | |
| Palavra-chave | Citações | Reflexões |
| I. Invenção e morte da paisagem | <p>"A fruição da natureza como espectáculo estético, implícita à invenção da paisagem, implica o afastamento entre o sujeito e o objecto de contemplação (a natureza), a mobilização dos sentidos e a aprendizagem de códigos de selecção, apreciação e valorização, os quais fazem parte de um modelo cultural, pois a paisagem é uma maneira</p> | <p>Relata a abrangência provocada pelos diversos estímulos a partir do processo perceptivo visual, assim como as respostas dos atos comportamentais oriundos do despertar do imagético e de toda uma gama de sentidos. Desse modo, percebe que as</p> |

| | | |
|---|--|--|
| | <p>de ver o mundo e «só se vê o que se tem na cabeça» (PIVETEAU, 1989).” (p.38). “Recentemente têm-se multiplicado as referências à ‘morte da paisagem’. Esta morte refere-se tanto à evolução da pintura como à amplitude das transformações territoriais e à inexistência de modelos que as permitam apreciar.” (p.38).</p> | <p>transformações nem sempre causam impactos positivos, pois os valores estéticos e as formas muitas vezes não agradam aos bons críticos e admiradores que apreciam paisagens mais elaboradas.</p> |
| <p>II. A paisagem na geografia 1. Primórdios</p> | <p>“Os estudos de paisagem, inicialmente muito focados na descrição das formas físicas da superfície terrestre, foram progressivamente incorporando os dados da transformação humana do ambiente no tempo, com a individualização das paisagens culturais face às paisagens naturais, sem nunca perder de vista as interligações mútuas. Pelo contrário, a acção humana é considerada factor decisivo ou principal de transformação e vários autores reconhecem que as paisagens verdadeiramente naturais não existem [...]” (p.41).</p> | <p>Definição de como o homem pode explorar os meios de transformação humana para relacionar à interpretação das mais diferentes sensações humanas no ambiente, espaço e tempo.</p> |

| | | |
|--|---|--|
| <p>II. A paisagem na geografia 2. As correntes actuais</p> | <p>“A relação indivíduo-ambiente é colocada em novos termos teóricos mas volta ao centro da preocupação de muitos geógrafos e, neste contexto, os estudos sobre a paisagem e a paisagem urbana assumem particular destaque, em paralelo com uma maior atenção prestada às ameaças e aos perigos que a exploração intensa de recursos está a colocar.” (p.43).</p> <p>“O outro nível de avaliação das paisagens é de ordem cultural e nele se incluem as atitudes do indivíduo face ao ambiente, os sentidos que reconhece nos seus elementos e os valores que lhe foram atribuídos pela sociedade.” (p.48).</p> | <p>O foco da questão está em entender que as questões atinentes ao que abrange a compreensão do termo visual estão imbricadas no processo de resignificação dos estados e dos processos das representações mentais, onde a paisagem se configura numa perspectiva essencialmente subjectiva. Para alguns geógrafos, a paisagem é principalmente uma construção mental, tendo em vista o processo da percepção e vivência no território. Estes últimos valores apresentam-se frequentemente concentrados num modelo que representa o padrão ideal da organização e do espaço social, o que pode afirmar uma valorização</p> |
|--|---|--|

| | | |
|--|--|--|
| | | estética como requisito que identifica/reconhece as paisagens. |
|--|--|--|

Fonte: Próprios Autores (2021)

É importante destacar que todas as estratégias adotadas foram bem recebidas pelos alunos, pois os mesmos demonstraram interesse em participar ativamente de quase todas as atividades sugeridas. As estratégias de ensino resultaram positivamente, uma vez que proporcionaram uma aprendizagem significativa, ou seja, com sentido para os alunos, motivando-os a refletirem acerca de suas realidades para nelas intervirem e modificá-la.

No tocante aos desafios que foram encontrados no decorrer da execução da intervenção pedagógica, podemos citar o fato da pandemia do coronavírus na qual a humanidade vem sofrendo desde o ano de 2020, onde impossibilita a realização de atividades síncronas com todos os alunos ao mesmo tempo, tendo em vista o fato de muitos deles estarem inseridos em situação de vulnerabilidade social (baixa renda, por exemplo) e não terem à disposição internet de qualidade para assistirem suas aulas.

Entretanto, cientes das possibilidades de nos depararmos com esses desafios, propomos flexibilizações para o desenvolvimento das atividades, tais como a disponibilização de atividades no Google Sala de Aula, para que o aluno realizasse no momento mais adequado para ele e/ou em grupo com outros colegas. Depois faríamos momentos síncronos e interativos no Google Meet, mas o aluno também poderia

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

disponibilizar um vídeo dizendo como se deu a realização da atividade, caso não pudesse participar em tempo real.

Logo, cabe ao docente esse olhar reflexivo acerca da realidade na qual seus discentes estão imersos e, desse modo, proporcionar sugestões flexíveis de atividades que atendam a todos que estão em condições desiguais, visando sempre o atingimento do principal objetivo que é propiciar uma educação de qualidade e capaz de transformar o educando em um ser cada vez mais consciente e atuante na sua sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário que haja uma reflexão sobre a participação da comunidade dentro da escola, num processo em que tenha o poder de decidir e agir, composta por sujeitos formadores de sua própria história. Hoje, o modelo tradicional de educação não tem mais espaço. É necessário que haja uma ruptura, mesmo que gradativa, através do cultivo da participação, do trabalho coletivo, da ação colegiada e da realização pelo bem comum. É preciso possibilitar momentos de experimentação da democracia dentro da escola, possibilitando que ela se torne uma prática efetiva, consolidada e possível de ser naturalmente vivenciada. A Instituição vem aos poucos rompendo com a organização tradicional, repensando o trabalho docente, reavaliando significativas mudanças relativas à tradicional divisão do trabalho dos professores. O trabalho isolado está dando espaço a um trabalho participativo, dando liberdade e autonomia para seu corpo docente reelaborar velhas propostas à luz das novas mudanças pedagógicas e educacionais. Durante a execução desse curso foram evidenciadas muitas manifestações neste sentido, com a sugestão de propostas de atividades inovadoras com vistas a melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

Considero que a leitura da imagem ocorre a partir das percepções que o sujeito traz consigo oriundas de suas vivências e do conhecimento adquirido, uma vez que, para fazer tal leitura do que está ali posto de forma não verbal é necessário a realização de algumas inferências, interpretações, assim como reflexões críticas, como numa leitura de charge, cartum ou tirinha, por exemplo, para se extrair alguma crítica social que está sendo colocada. A imagem também pode ser um texto, pois trazendo a título de exemplo um poema, podemos observar o que nos diz Cademartori (2009, p. 103) que "os poemas têm também um ritmo visual, definido pela disposição das linhas sobre as páginas, pelo tamanho e formato das letras, pela disposição delas na página, e, também, pelos brancos. Muitas composições destinadas a leitores infantis investem na visualidade do poema, no aspecto gráfico que põe em relação a palavra, imagem, conceito". Desse modo, em sua forma de representação, o ritmo sonoro e visual dos versos, associados à significação do poema e, aliando-se à rima, muitas vezes agrega elementos de humor à composição.

REFERÊNCIAS

- CADEMARTORI, Lígia. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CARLOS, Erenildo João. **Por uma pedagogia crítica da visualidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.
- FREIRE, P. Educação. O sonho impossível. In: BRANDÃO, C. R. (org.). **Educador: Vida e Morte**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: As abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 2014.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

SALGUEIRO, Teresa Barata. Paisagem e Geografia. **Revista Finisterra**, ano XXXVI, vol. 72, p. 37-53. Lisboa, 2001.

SANTOS, Milton. Paisagem e espaço. In.: **Metamorfoses do espaço habitado**. fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6 ed. São Paulo: EdUSP, 2014. p. 67-81.

SOUSA, Rocha de. Percepção visual e representação. In.

SOUSA, Rocha de. **Didáctica da Educação Visual**. Universidade Aberta, Lisboa, 1995. p. 31-69.

DIÁLOGOS SOBRE IMAGENS E PERCEPÇÃO: REFLEXÕES PARA UMA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Augusto Rodrigo Bezerra da Silva¹⁵

Ricardo Santos de Almeida¹⁶

RESUMO: As imagens representam as visões de mundo captadas por nossa percepção, elas estão por toda parte, fazem parte da vida cotidiana, assim como a Geografia. Essa confluência é muito cara a educação geográfica, uma vez que as imagens não apenas representam o espaço geográfico, mas também produzem geografia. Deste modo, objetiva-se aqui refletir sobre a relação entre imagens, percepção visual e a Geografia, pensando possibilidades para o ensino. Assim, no primeiro momento o artigo traz uma discussão teórica centrada na percepção, para assim abrir o diálogo geográfico e imagético. No segundo momento do texto apresenta-se possibilidades metodológicas para a utilização das imagens e da percepção visual nas aulas de Geografia. Tais propostas são resultados das reflexões levantadas. Por fim, reconhecemos que

¹⁵Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestrando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGAU / UFRN). Pesquisador no Laboratório de Estudos sobre Espaço, Cultura e Política (LECgeo/UFPE).

¹⁶Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Educación pela Universidad Interamericana. Docente da rede pública municipal de Porto Calvo/AL. Pesquisador do: Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO/UFAL) desde 2009; Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL); Geoprocessamento e a Cartografia no Ensino de Geografia (GCEG/UFAL) desde 2016; Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens, Adultos e Idosos e Camponos (NUPEEJAIC/UNEAL) desde 2020; do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (UFSM) e Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN) desde 2021. Associado ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas (CPFreire). E-mail: ricardosantosal@gmail.com.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

as imagens já fazem parte de muitas aulas. No entanto, o experienciar e o decifrar as imagens acaba se perdendo. É preciso aguçar a educabilidade do olhar.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem. Educação. Geografia. Percepção visual.

INTRODUÇÃO

As ideias que aqui se apresentam confluem para a discussão sobre o Aprender e a Ontogênese, propondo viabilizar e estimular o pensamento crítico e criativo. Utilizando, assim, a Educação Visual como um caminho possível para a leitura do mundo, transcendendo o ver/olhar a imagem. As percepções e as imagens se apresentam antes mesmo de aprendermos a falar, elas nos provocam uma primeira visão do mundo.

As imagens são representações e leituras de mundo que se materializam. Nesse sentido, elas discursam, simbolizam e estão localizadas historicamente e culturalmente. Elas são passíveis de contemplação e análises a partir de seu contexto. Além disso, elas são elementos que oferecem escopo para imaginação e criatividade, podendo ser referência e base para a criação de outras coisas, em um universo de possibilidades.

Nos processos educativos é possível e necessário nos perguntamos sobre a possibilidade de estabelecer conexões e viabilizar a liberdade criativa. Quando vamos avançando os níveis de ensino é comum haver uma compartimentação das áreas do conhecimento, com isso a imaginação, a criatividade e até a interdisciplinaridade tendem a irem sumindo. Quando não somem por completo, vão sendo transformadas para atender a uma lógica econômica e técnica, para servir à sociedade do consumo e do trabalho, que retira a "liberdade" da criatividade.

Os processos educativos estão inseridos no contexto de uma educação que forma para o mercado, para enquadrar os estudantes nas caixinhas sociais, e nesses espaços não há liberdade para a criatividade, ela fica à mercê da produtividade, do lucro, etc. Não é objetivo desta educação estabelecer conexões e viabilizar a liberdade criativa, pois não é a isto que ela serve.

Todavia, uma educação que visa a formação humana vai de encontro a essa lógica que capitalista de educação, ela é comprometida com a criatividade livre, com uma aprendizagem significativa, com o cotidiano, com as experiências nos espaços educacionais e além. Podemos estabelecer estratégias no âmbito do ensino da Geografia (e de outras áreas do conhecimento) ao se aproximar da realidade e do cotidiano dos estudantes, ao torná-lo mais significativo e interessante. A Geografia está em toda parte, bem como as imagens.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho adota dois procedimentos metodológicos. A primeira parte do trabalho, apresentada abaixo, apresenta uma discussão teórica realizada a partir do procedimento de revisão bibliográfica, acionando especialmente os autores: Milton Santos (2014), Rocha de Sousa (1995) e Teresa Salgueiro (2001). No segundo momento do trabalho adotamos outro procedimento que objetiva propor possibilidades didáticas para um ensino de Geografia a partir das imagens e sua plena percepção/observação.

PERCEPÇÃO VISUAL

A percepção visual é encarada a partir de toda a dimensão física e psicológica que envolvem as experiências espaciais, as espacialidades. Sousa (1995) argumenta que essa

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

percepção é tomada por dois processos, o primeiro está na esfera da sensibilidade visual, das sensações que o ambiente transmite, tem a ver com o momento e com a vivência imediata, é o olhar. O segundo é o olhar, trata-se de quando além das sensações visuais, há também uma tomada de consciência sobre o lugar, atentando-se ao fato de que aquela paisagem está inserida em um contexto, tem história, faz parte de redes, é conseguir ver as entrelinhas sutis que são escritas na paisagem, é tomar consciência, é compreender. Olhar é diferente de Ver.

É preciso conhecimento para ver o lugar e a imagem, para poder entender as problemáticas que o tocam, para mergulhar nos detalhes que eles apresentam. Olhar é necessário, é o descobrir e se encantar ou não com o novo, com o estranho. Olhar é o que os turistas fazem no espaço desconhecido, ver é o que morador faz em seu local de vida. São diferentes camadas que atravessam a percepção visual humana e que vão de encontro aos significados e significações. Cada pessoa percebe o mesmo objeto ou o mesmo lugar de maneiras distintas, pois cada um, ao observar, faz ligações com experiências e conhecimentos anteriores, uma vez que cada sujeito possui uma “bagagem” diferente. Vemos o que sabemos das coisas e o que imaginamos delas. O conhecimento que temos sobre as coisas é decisivo nas nossas percepções sobre elas, a carga cultural dos sujeitos influencia diretamente sua visão de mundo (SOUSA, 1995).

A Arquitetura como arte (COLIN, 2000) é sobretudo um meio de comunicação, ela expressa ideias, transmite conhecimento, reproduz discursos, provoca sentimentos e sensações que só o espaço é capaz de provocar. Ela produz espaços, formas, modos de uso, ela orienta em grande medida a formação do ver. Ela é Cultura. Enquanto elemento – também - visual ela expressa os modos de ver o mundo, que é interpelado pelas sensações, pelos discursos comunidades através dela e por isto é aqui tomada como exemplo.

Mas a Arquitetura também expressa o olhar – olhar como ato – visto que ela transmite conhecimento, preserva em si traços de costumes, de modos de olhar e habitar o espaço durante o tempo, desse modo, ela é história, mas também é técnica. A Arquitetura possui diversas camadas onde apenas ver não é suficiente, é preciso ir além, olhar para todas essas camadas e enxergar tudo o que está por trás delas. A Arquitetura convida os sujeitos não só a contemplação, mas também a uma ação (até mesmo reflexiva). Arquitetar é olhar o espaço e reinventá-lo para produzir outras formas de ver e olhar para ele, produzindo constantemente imagens da cidade. A cidade, assim, também é produtora e produto dessa arquitetura, acompanha seus processos e períodos históricos, cria camadas.

Nesse processo humano de ver e olhar para si – enquanto indivíduos e sujeitos coletivos – criamos representações como estratégia para conhecer a si mesmo e tornar visível o lado encoberto da própria obviedade. Sousa (1995) ainda aponta que a Geografia da Observação se trata sobretudo de estratégias que adotamos para observamos os fluxos, aproximações e afastamentos, os pontos de vistas sobre o mundo. Tudo está em constante movimento, em transformação. A paisagem não é inerte, está o tempo todo se modificando, nunca está acabada. Isso significa que o objeto da observação está em movimento e é preciso reconhecer isso, o que é hoje amanhã não é mais o mesmo. É a partir dessas observações dos movimentos cotidianos que se ergue a Geografia da observação, Geografia do ver.

A observação pode ser fisicamente instrumentalizada, a fim de dar ao olho novas capacidades, seja através de binóculos, telescópios ou câmeras. A partir das filmagens, por exemplo, pode-se ir além da observação e atingindo outras formas de representar o que é percebido, inclusive misturando com o imaginado (SOUSA, 1995). A percepção tem forte

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

influência na representação, na verdade não há representação sem a percepção. Como representar o que não é percebido? Mas, com certeza há muitas faces da representação.

A paisagem – conceito geográfico historicamente mais ligado a visualidade – é identificada no século 18, onde é observada como uma manifestação visual de determinadas porções do globo terrestre, trata-se da expressão visível de uma dada área. É na pintura que a paisagem foi percebida, a produção de paisagens estava imbricada com a produção de imagens (SALGUEIRO, 2001). A natureza é vista como espetáculo estético e a imagem (inicialmente a pintura com maior destaque) tem papel crucial na construção desses códigos estéticos e no direcionamento do olhar sobre o espaço. A contemplação dá lugar para a exploração e domínio da natureza, diante do contexto de revolução técnico e científica que acontece junto com o aparecimento da paisagem.

Então se fala de uma morte da paisagem (SALGUEIRO, 2001). De fato, o mundo (espaços e pessoas) se transformou, logo as paisagens são não mais as mesmas. Nossa forma de “ver” o território sofreu fortes alterações. As pinturas e demais imagens não produzem imagens demasiadamente féis a realidade, pois criam-se também paisagens (imagens) abstratas (a exemplo das produções cubistas). Todavia, nesse processo de transformação a paisagem não morre, mas se reinventa. Se os códigos e signos usados anteriormente para contemplar não se fazem mais úteis, outros são criados.

No século XIX quando a Geografia se torna disciplina científica a paisagem ganha forte destaque, conforme Moraes (2003). A palavra paisagem foi traduzida do alemão para diversas línguas, todavia, sem uma definição única. Assim, houveram várias concepções conceituais. Mas nos avanços dos estudos da paisagem se destacou a utilização do método morfológico, principalmente com “morfologia da paisagem” de Carl Sauer. De outro lado tem a análise corológica e os gêneros

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

de vida. No século XX a paisagem aparece como conceito integrador de uma Geografia que se preocupa com a interação entre o ambiente físico e as espacialidades humanas.

As definições de paisagem atualmente têm apresentado uma transição de uma compreensão objetiva (ecológico/físico) para uma dimensão subjetiva, enfocada nos fenômenos, que visa ao espaço vivido, dos sentimentos. Esta última é esmiuçada pela geografia humanista e cultural na década de 70. Indo, assim, em direção as relações entre pessoas e ambientes, relações essas que se expressam na paisagem. Desse modo, a paisagem vai ganhando diferentes níveis de avaliação (SALGUEIRO, 2001).

Existe ainda uma valorização estética do ambiente, de acordo com Salgueiro (2001). A paisagem sempre esteve ligada ao estético, a representação de um espaço que (re)produz um valor estético e esses critérios corroboram para a percepção e desenvolvimento de sentimentos relacionados aos ambientes. É a partir disto que se pode falar de uma degradação ambiental e do valor desse ambiente, possibilitando ao não uma restauração e recuperação dele. O fato de algumas áreas serem consideradas paisagens e outras não está diretamente relacionada aos critérios/fatores estéticos.

O espaço possui centralidade em diferentes áreas do conhecimento, todavia, cada uma o apreende de forma particular, para algumas ele é objeto do conhecimento, para outros é meio de trabalho. Santos (2014) entende que o espaço seria então o mais interdisciplinar dos objetos concretos, apesar disso, todos os espaços são geográficos por serem determinados pelo movimento da sociedade. O termo espaço é utilizado corriqueiramente e aplicada a diversos significados e contextos, nesse sentido, o senso comum da mesma forma costuma utilizar os diferentes conceitos geográficos como Lugar, Paisagem, Território, como se fossem sinônimos.

Todavia, essa confusão não deve acontecer no campo científico, por isso as definições conceituais foram ficando mais precisas ao longo do desenvolvimento do pensamento geográfico (SANTOS, 2014). Como os conceitos-chaves da Geografia sempre orbitam em volta do espaço sempre houve muita confusão entre eles, no sentido de encará-los como sinônimos. Os conceitos de paisagem e região não escaparam dessa confusão, hoje essa confusão não é mais possível graças aos avanços em suas definições.

Já a paisagem é um conceito que aparece como domínio do visível, uma perspectiva do espaço que também é composta por sons, cheiros, cores, etc. Moraes (2003) afirma que houve um período na história do pensamento geográfico que ela foi colocada como objeto central de estudo da Geografia. Santos (2014) propõe que a paisagem é sobre a percepção sobre o espaço, o que chega aos nossos sentidos, é sobre o que apreendemos dele. Essa apreensão passa por um processo seletivo, uma que cada pessoa apresenta particularidades na sua forma de perceber e de realizar essa seleção de fatos apreendidos.

A percepção ainda não é o conhecimento, é um primeiro momento de contato com a realidade captada. Por isso, é preciso ultrapassar a esfera do aspecto e chega aos significados. A paisagem é diferente do espaço, pois ela é a materialização de um instante da sociedade (Como em uma fotografia. É um recorte espacial e temporal), já o espaço é movimento. Eles complementam-se ao passo que se opõem.

A história se escreve na paisagem, por isso a paisagem é movimento e mudança. As técnicas, as tecnologias e todas as transformações que a sociedade vai fazendo no decorrer da história transformam a paisagem, somando e subtraindo os fatos ao fazer-se. O trabalho foi se tornando complexo, exigindo inovação. Com isso o ser humano vai criando novas maneiras de construir as coisas, outros modos de produzir. A

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

inovação modifica a paisagem, dá a ela novos elementos. Toda a paisagem, os objetos, possuem história, possuem idades, embora nem sempre elas são visíveis, alguns vestígios dessas histórias são suprimidos ao longo do tempo. A paisagem tem um movimento relativamente rápido e não dependem só das técnicas existentes em dado momento, mas das condições econômicas, culturais, etc. (SANTOS, 2014).

A partir da década de 1930 com Carl Sauer emerge outra preocupação para os estudos geográficos, a questão cultural (MORAES, 2003). A paisagem agora é encarada não apenas no aspecto natural, mas também artificial (paisagem modificada pelo homem), entendendo que entre o ser humano e a natureza há uma relação cultural, que também é política, técnica, etc. E isso também caracteriza a produção do espaço. A paisagem é heterogênea. Hoje a paisagem natural é uma modalidade que quase não existe mais. Diante de uma grande cidade é quase impossível distinguir o que é natural do que é artificial. A cidade é um grande exemplo das adições feitas ao espaço natural, aponta Santos (2014).

As mutações na paisagem têm caráter funcional, uma vez que ela se modifica conforme as funções dadas aquele local, tais funções também variam conforme período do ano, dia da semana, horário do dia, todas essas variações também apresentam modificações na paisagem. A paisagem do centro de uma cidade na segunda à tarde é diferente da paisagem da mesma cidade em um domingo de noite.

Além do caráter funcional também tem o caráter estrutural, nele acontece as mudanças nas formas. Exemplo: Quando se constroem prédios gigantes, abrindo espaço para outros também serem construídos, como a tentativa de derrubada do Estelita no centro de Recife-PE para construção de grandes prédios. Tais alterações podem gerar movimentos populares, como foi o caso do Ocupe Estelita, movimento que surgiu em defesa do Estelita e contra sua derrubada. As

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

alterações nas velhas formas para adequação a novas funções também são mudanças estruturais e modificam completamente a paisagem.

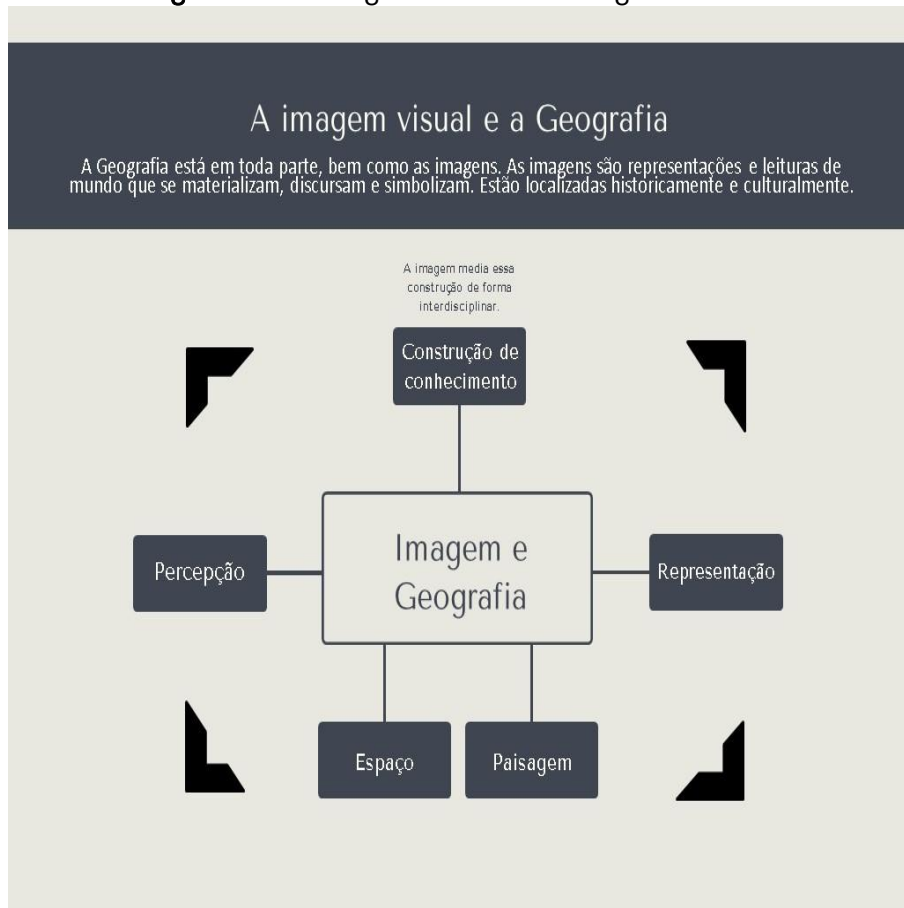
REFLEXÕES E POSSIBILIDADES

Em grandes linhas, a ontogênese é parte da herança da evolução natural, ou seja, independe da cultura, como a habilidade de falar. Do outro lado, os idiomas falados fazem patê de um processo cultural e histórico e que de fato podem ser aprendidos, pode ser incluído no repertório pessoal de cada pessoa, mas que, todavia, é opcional e pode ser desenvolvido a partir dos processos educacionais, como direciona Reinach (2013). Partindo dessa lógica chegamos à noção de uma ontogênese da imagem.

O ser humano sempre teve uma relação muito íntima com a imagem, das pinturas rupestre ao cinema contemporâneo a imagem representou e produziu modos de ver o mundo. Representa o mundo real vivido, ao mesmo tempo que cria mundo imaginados, mas não concretizados. A imagem comunica. A imagem imobiliza/eterniza o momento, a realidade. Ela ludibria a morte, o esquecimento, se tornando uma necessidade humana, necessidade psicológica. Isto constitui a ontogênese da imagem.

O mundo das representações sempre atuou na geografia. A arte da representação fala sobre o mundo, sobre as pessoas e os lugares, de modo que também fala sobre os espaços geográficos. A utilização consciente das imagens nos processos formativos, sejam formais ou informais traz uma imensa contribuição para facilitação da aprendizagem, uma vez que dialoga mais facilmente com a realidade dos sujeitos, bem como aguça a criticidade. Esses fatores expressam um pouco da potencialidade das imagens para as formações sociais (Figura 1).

Figura 1 – A imagem visual e a Geografia.



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Os processos educativos formais estabeleceram uma tradicional maneira de disciplinar o conhecimento. Todavia, os campos do conhecimento são constantemente afetados pelas mudanças sociais e transformações globais, essa dinamicidade provoca uma interdependência entre os campos, uma vez que

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

os conhecimentos fazem parte de uma teia. Desse modo, se faz necessário uma gestão do conhecimento que ressalte a interdisciplinaridade, uma vez que ela está presente em todo o processo.

A imagem atua como mediadora ao se fazer presente e necessária a todas as áreas do conhecimento, nesse sentido ela é transversal, vai da arte à ciência e passa por todas as outras esferas. Ao atravessar todas as áreas do conhecimento ela se torna um possível elo entre elas, mediando essa gestão interdisciplinar seja através do uso de imagem fílmica, de fotografias, desenhos ou qualquer outra expressão imagética. No contexto pedagógico isso passa pela necessidade do professor e especialista de construir espaços de interações pedagógicas dentro e fora dos muros das escolas.

Desta forma a educabilidade do olhar (CARLOS E FAHEINA, 2010) entra no debate. Educar o olhar é acionar a criticidade e a atenção aos significados. É estar atento aos detalhes que o filme ou qualquer outra imagem apresenta, as reflexões que ela desperta e as suas potencialidades. É sobre sistematizar as reflexões e levantar conexões entre as questões abordadas na imagem e conhecimento escolar e cotidiano. É apropriar-se do que se vê, questionando e analisando os discursos.

No atual contexto de pandemia do novo coronavírus o contato com as imagens se acentua, especialmente no meio tecnológico que se destacou como principal possibilidade para seguirmos com as atividades diante das dificuldades pandêmicas. Isso não significa que a imagem foi adicionada a todas as práticas docentes de maneira coerente e reflexiva. O próprio ensino remoto abriu diversas possibilidades e facilidades para a utilização da imagem na prática docente e existe muita gente aproveitando disso, das novas possibilidades. Já existem relatos de experiências e reflexões que auxiliam a compreender e a lidar com essas novas possibilidades e

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

contextos, também há espaços para construção dessas discussões, mas busca e a apropriação por tais discursões adentram outras problemáticas.

Os quadros 1, 2 e 3 apresentados abaixo propõem algumas intervenções pedagógicas comuns nas aulas de Geografia, todavia, preservando o potencial crítico e explorando ao máximo as imagens.

Quadro 1 – O filme na aula de Geografia

Observando-se a importância da interdisciplinaridade, respeitando-se o estudo e o objeto da Geografia, é possível articulá-la e nos apropriarmos da linguagem fílmica ampliando os leques de possibilidades da organização do conhecimento.

- Aula de Geografia Industrial, Ensino Médio.
- Em um primeiro momento realizar-se uma exposição dialogada utilizando de fotografias, mapas e gráficos como elementos para provocar reflexões.
- Em seguida dar-se a apresentação de trechos do filme “Tempos Modernos” de Charles Chaplin (disponível no Youtube), onde é possível realizar uma análise geográfica e sociológica do Taylorismo, discutindo os efeitos da segunda revolução industrial na vida dos trabalhadores. É possível ainda uma análise histórica, percebendo o contexto da década de 30, logo após a “grande depressão”, onde se destaca uma recessão do capitalismo e a queda da bolsa de valores. As análises dessas diferentes áreas do conhecimento se unem gerando um todo e não simples partículas agrupadas.
- Após a apresentação dos trechos abre-se um debate e conforme ele vai se desenvolvendo o professor vai mediando e atentando-se a educabilidade do olhar.
- Pode-se também apresentar outro tipo de filme e

trabalhar outros conteúdos diversos, como “Estrelas além do tempo”, filme indicado ao Oscar e de extrema qualidade, que apresenta pautas raciais e de gênero no contexto da Guerra Fria, assuntos muito caros à geografia.

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 2 – As tirinhas na aula de Geografia

As tirinhas possuem um teor crítico extremamente forte e claro, elas provocam, questionam, fazem olhar e refletir sobre questões muitas vezes importantes.

Imagem 1: Título da imagem.



Fonte: Imagohistoria, 2020.¹⁷

Fonte: Dados da Pesquisa

Quadro 3 – Tema Gerador na Aula de Geografia

Tema gerador: Condições de trabalho.

Refletir sobre o mundo do trabalho, considerando que parte considerável dos estudantes de EJA estão inseridos no mercado de trabalho. Objetiva-se assim refletir sobre seu próprio trabalho a partir da provocação da tirinha. Deixar as

¹⁷Disponível em: <https://imagohistoria.blogspot.com/2009/05/revolucao-industrial-1-de-3.html> Acesso em: 23/05/2021.

problemáticas da vida cotidiana guiar o debate dentro da sala de aula.

Quadro 4 – Geografias do cotidiano

Os estudantes já têm contato diariamente com uma série de imagens que não só retratam geografia, mas produzem geografia, de modo que a principal estratégia pode ser perceber e identificar essas imagens que já estão no dia a dia, instigar a produção de imagens do espaço geográfico no cotidiano e trabalhar a partir delas.

- Produzir representações imagéticas das geografias do cotidiano a partir de fotografias, desenhos, mapas, pinturas e demais imagens produzidas pelos próprios estudantes sobre os espaços que habitam. Posteriormente pode-se fazer uma socialização e refletir sobre essas geografias.
- Outro caminho é não partir da produção de imagens, mas da identificação delas em redes sociais, clipes, revistas, ou em lugares improváveis. Assim é possível aguçar o olhar geográfico, identificar e desvendar a geografia que está em toda parte.

Fonte: Dados da Pesquisa

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As imagens são discursos carregados de significados, elas simbolizam e representam a nossa realidade e também o imaginado. Seu potencial vasto para comunicar, aguça criticidade, e criatividade. “uma imagem fala mais do que mil palavras”, têm coisas que as palavras não conseguem comunicar e a imagem consegue. Ela, como todo discurso, convence, emociona e faz questionar.

Conseguir enxergar as mensagens por trás das imagens, refletir sobre o que será que o autor quis passar e o que você recebeu dessa mensagem, como você a percebeu e a transformou no processo de apreensão. Decifrar os códigos e símbolos ali expressos é ler a imagem, se apropriar deles e encontrar significados, encontrar sentidos. É degustar a imagem e se permitir levar para onde ela o quer levar, pois ela sempre vai querer lhe levar para algum lugar. Há sempre intencionalidade.

As possibilidades metodológicas aqui apontadas já são realidades em muitas salas de aulas. Muitos professores apresentam filmes em suas aulas, exemplificam a partir de imagens, constroem imagens junto com seus alunos. Mas as reflexões aqui colocadas nos fazem perceber que ainda existe um problema: estamos acostumados com as imagens, inclusive nas salas de aula. Tão acostumados que elas passam despercebidas diante de nós. Falta acessar as camadas que as imagens trazem em si, acionar a percepção visual e ir além dela.

Então aqui chamamos atenção para uma questão, como você usa as imagens na sua aula? (Porquê há grandes possibilidades de você já utilizar). Seus estudantes de fato se aproximam das imagens, se apropriam delas, tentam decifrá-la? Ou falta uma educabilidade do olhar sobre as imagens? A imagem pela imagem também contribui, traz beleza pra aula, mas quando nos permitimos ser atravessados por ela, educamos o olhar e reconhecemos os conhecimentos nela, ela se torna indispensável.

Acionar a educabilidade do olhar é um desenho imenso que é feito não só ao professor, mas a todos os seres humanos. Todavia, o professor tem um papel ainda maior, além de educar o seu próprio olhar, precisa desenvolver capacidades para auxiliar outros sujeitos a também desenvolverem. É um movimento que precisa partir em si. Transformar...

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

REFERÊNCIAS

- CARLOS, E.J.; FAHEINA, E.F.A. O uso da imagem como estratégia da gestão do conhecimento interdisciplinar. In: CARLOS, E.J. (Org.). **Por uma pedagogia crítica da visualidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.
- COLIN, Silvio. **Uma introdução à arquitetura**. Rio de Janeiro, RJ; Editora UAPÊ, 2000.
- MORAES, A.C.R. **Geografia: pequena história crítica**. 19. ed. São Paulo: Annablume, 2003.
- REINACH, Fernando. A ontogênese e o aprender. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-2. 11 abr. 2013.
- SALGUEIRO, Teresa Barata. Paisagem e Geografia. **Revista Finisterra**, ano XXXVI, vol. 72, p. 37-53. Lisboa, 2001.
- SOUSA, Rocha de. Percepção visual e representação. In: SOUSA, Rocha de. **Didática da Educação Visual**. Universidade Aberta, Lisboa, 1995. p. 31-69.
- SANTOS, Milton. Paisagem e espaço. In.: **Metamorfoses do espaço habitado**. fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6 ed. São Paulo: EdUSP, 2014. p. 67-81.

A PERCEÇÃO DA PAISAGEM E A CONSTRUÇÃO DO SER CRÍTICO A PARTIR DO OLHAR GEOGRÁFICO

Andréa Cristiane de Melo¹⁸

Ricardo Santos de Almeida¹⁹

RESUMO: O presente trabalho relata a vivência do curso de aperfeiçoamento em Paulo Freire e o uso pedagógico da imagem visual em Geografia, tendo como objetivo apresentar as reflexões do curso e sua aplicação na proposição de aulas para turmas de Geografia, justificada pela urgência de uma reformulação nos moldes do processo ensino-aprendizagem dessa disciplina, ministrada na maioria das vezes, no formato tradicional (educação bancária). Passando por autores como FREIRE, SANTOS, RENACH, entre outros, conseguimos apreender a evolução da paisagem e do olhar geográfico e como estes elementos tem papel fundamental na formação do cidadão e do ser crítico, que passar a perceber-se como sujeito ativo na construção de uma sociedade mais justa e menos desigual.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia. Paisagem. Olhar geográfico.

¹⁸Geógrafa (UFRN) e Gestora Ambiental (IFRN), Professora formadora do IFRN no curso superior de Tecnologia em Gestão Ambiental no formado EaD, consultora ambiental.

¹⁹Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Educación pela Universidad Interamericana. Docente da rede pública municipal de Porto Calvo/AL. Pesquisador do: Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO/UFAL) desde 2009; Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL); Geoprocessamento e a Cartografia no Ensino de Geografia (GCEG/UFAL) desde 2016; Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens, Adultos e Idosos e Campesinos (NUPEEJAIC/UNEAL) desde 2020; do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (UFSM) e Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN) desde 2021. Associado ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas (CPFreire). E-mail: ricardosantosal@gmail.com.

INTRODUÇÃO OU APRESENTAÇÃO

Para Nóvoa (1992), conhecer o professor, sua formação básica e como ele se constrói ao longo da sua carreira profissional são fundamentais para que se compreendam as práticas pedagógicas dentro das escolas. Destarte, tornar-se professor é um processo de longa duração, que envolve a constante aprendizagem e sem um fim determinado.

Um professor em processo de formação pode estabelecer e redimensionar a relação que se tem entre a sua prática, o campo teórico e os aspectos que permeiam a construção do seu trabalho envolvendo todas os atores, a escola, os alunos e as políticas educacionais. A reflexão sobre essas práticas, incluindo a realidade do ensino e a troca de experiências irão subsidiar a interpretação e a intervenção sobre a prática (IMBERNÓN, 2010).

Considerando-se os enunciados “Ontogênese” e “Aprender” como podemos na prática educativa viabilizar/estimular o pensamento crítico e criativo utilizando-se a Educação Visual como um caminho possível para a leitura do mundo? Antes de tudo, como o autor explica, é necessário que reconheçamos as mudanças que fazem parte da ontogênese de cada indivíduo, de nós mesmos, em princípio, eu diria. Mesmo não sendo um processo fácil e re(descoberto recentemente pela ciência, uma vez conhecido esse processo de evolução podemos utilizar a "educação visual" como leitura de mundo mas isso, desde as séries iniciais e não só apenas nela, como acontece em algumas situações hoje. Deve ser um processo contínuo e ininterrupto que auxiliará, não apenas no processo ensino-aprendizagem, mas na formação do ser crítico. Desta feita, é fundamental reconhecer as mudanças (ontogênese) e viabilizar esse processo individual e, ao mesmo tempo, coletivo, respeitando as especificidades de cada discente.

Ao refletirmos sobre o ensino da Geografia no aspecto visual, à luz de Paulo Freire, que é o objetivo deste trabalho temos, dentro da própria ciência geografia, as correntes da geografia física e da geografia humana, estudando a ciência de forma separada quando esses caminhos deveriam ser "unos". Assim acontece com outras áreas da ciência e é nesse momento que entra a INTER e a TRANSDISCIPLINARIDADE, sendo fundamental conhecer e trabalhar nesse formato para que se estabeleçam as estratégias de ensino, respeitando as particularidades inerentes aos processos de ensino-aprendizagem.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

No caso do ensino de Geografia podemos dizer que ainda é muito comum a adoção da abordagem tradicional, pautada na utilização frequente do método expositivo e da transmissão de conteúdo, pelo professor, a famosa educação bancária, combatida por Freire. Essa é uma realidade bastante presente no estado do Rio Grande do Norte.

Considerando este cenário, a proposta de intervenção pedagógica para do pressuposto do diagnóstico da turma, suas vivências, experiências e deficiências (intra e extraclasse). E, partir desse olhar, elaborar estratégias de ensino dinâmicas, que trabalhem e construam conceitos a partir de uma realidade local, para que possa refletir e compreender sobre o todo, a partir de uma visão crítica e onde o sujeito compreenda o seu papel de ser transformador da sua realidade e do seu redor, respeitando as individualidades e procurando INCLUIR todos os sujeitos no processo.

Para tanto, iremos abordar os conceitos da geopolítica, partindo de situações pontuais para discutir e compreender o local e o global. Trabalhar e construir conceitos a partir de uma

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

tempestade de ideias, com a utilização de breves documentários e tirinhas que irão fomentar o debate as discussões sobre os temas propostos. A avaliação será contínua e irá considerar todo o processo, desde a realidade de cada aluno até a construção do pensamento crítico, de forma individual e coletiva.

A Geografia, hoje considerada uma disciplina “viva”, plena de desafios para educadores e educandos, tornou-se uma área vital de conhecimento e de formação do cidadão, tal qual o objetivo maior da educação escolar. Cavalcanti (1998, p.88), corrobora com esse entendimento quando nos diz que “[...] o ensino de geografia visa à aprendizagem ativa dos alunos, atribuindo-se grande importância a saberes, experiências, significados que os alunos já trazem para a sala incluindo, obviamente, os conceitos cotidianos [...]”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA VIVÊNCIA OU DA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Dentro da nossa proposta de construção do “olhar” geográfico com o suporte do pilar da trans e da interdisciplinaridade, esse é um projeto que abarca várias disciplinas, essa mediação pode ser feita a partir do conhecimento dessa ferramenta (a imagem) em sua essência, ou seja, como pode ser “enxergada” em sua essência por todos e por cada um ao mesmo tempo. O exemplo do mapa citado pelo autor explica muito bem esse desafio, vamos precisar ter um propósito, um objetivo dentro do processo ensino-aprendizagem a ser alcançado, e somente a partir desse diagnóstico-planejamento colocar o projeto (interdisciplinar) em prática.

Esse é um grande desafio, mas, perfeitamente possível. Podemos citar como exemplo o que significa o olhar, o visual para uma pessoa portadora de surdez, é com o olhar que ela,

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

literalmente, enxerga e entende o mundo e o seu mundo. Nesse cenário de globalização e com o advento das redes sociais, o olhar, uma imagem, um cenário remete aos mais diferentes significados e instigam ações que podem ou não ser benéficas. Entendo que a educabilidade do olhar nunca foi tão necessária.

Nos tempos pandêmicos em que vivemos e padecemos, a imagem, tornou-se mais do que nunca uma ferramenta importante no processo ensino-aprendizagem. O cenário da pandemia de COVID-19, muito triste por sinal, vem nos ensinar a re(aprender), a refletir sobre muitos conceitos. Com a expansão da educação à distância, o uso da imagem tornou-se um grande aliado da prática docente e nos instiga a querer conhecer mais e poder aplicar essa ferramenta também nos futuros encontros presenciais. Essa troca de experiências ou mesmo o aprender juntos (entre docentes e discentes) é muito salutar e será levada adiante, mesmo que saíamos desse contexto de "novo normal".

A seguir, apresentamos uma proposta de aulas, envolvendo momentos síncronos e assíncronos, para o estudo da Geografia com o apoio de disciplinas afins por meio da linguagem fílmica em uma turma do Ensino Médio/Técnico.

Aula - Geografia e Reciclagem - o caso dos catadores do Vale do Lixo em Assú/RN

Disciplinas: Geografia Urbana e Gestão de Resíduos Sólidos

Objetivo da aula: instigar a reflexão e a crítica sobre a marginalização dos catadores, compreendendo a questão da má distribuição de renda, aliada à falta de qualificação e má gestão do poder público no que se refere às questões socioambientais.

Abertura: trabalhar o conceito de espaço geográfico e um brainstorm (lixo X resíduos)

Exibição do documentário Vale do Lixo com duração de 7 min;

Debate;

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Atividade: investigar no seu bairro como ocorre a coleta de lixo/resíduos. Existe coleta seletiva, existem catadores (credenciados ou não?). Você separa o seu "lixo"? - Apresentação e novo debate no encontro seguinte com o resultado das pesquisas.

Nesta aula, podemos inferir o proposto por Bazin (1958) que nos diz que a fotografia e o cinema vieram para libertar a imagem, do realismo psicológico para o realismo estético (BAZIN, 1958). Freire corrobora com essa assertiva e infere que a imagem é a representação mais primitiva de seres, fenômenos e processos do mundo real. Mais primitiva porque, aos poucos, ela foi simplificando-se, no sentido de permitir uma representação mais rápida e mais estilizada, que dispensava progressivamente os detalhes do representado na representação, tornando-se, ao mesmo tempo, mais distanciada do real. Aos poucos, ela foi tornando-se signo. A imagem "é a infância do signo".

Freire enxerga na imagem um sentido prático para a educação dos adultos: um canal necessário, quando se trata de círculo de cultura com alfabetizando(s) que ainda não sabem ler a escrita da língua materna. Desta feita, quando sabemos ler, interpretar uma imagem, temos a base da construção da crítica e, por conseguinte, entendemos o nosso papel no mundo e como transformá-lo, uma das vertentes do conhecimento geográfico.

Para Debray, a videosfera, é o "regime visual" dominado pelos norte-americanos é imposto a todo o mundo. Enquanto os europeus gastaram séculos para universalizar a alfabetização, os norte-americanos, em poucos decênios universalizaram o visual, segundo Debray e esta "democratização" de olhares não elimina o fato de ainda existir analfabetismo e "avisualismo". Mas, não são exatamente os povos ágrafos ou "iletrados" os que apresentam uma "língua plástica" (segundo o próprio Debray) e, portanto, têm a

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

primazia do visual? O autor infere que nos tempos atuais, a visibilidade é o novo critério de estratificação e discriminação social e esta desigualdade midiática espalha-se pelo mundo da política, sendo seu controle por parte das novas oligarquias uma espécie de salvo conduto para a autopromoção e para a impunidade.

Feita esta reflexão, propomos agora aulas com o uso de quadrinhos/tirinhas tendo como proposta realizarmos a educabilidade do olhar e promover uma educação geográfica.

Aula: Globalização, o quarto poder e a distribuição de renda

Objetivo: Incitar o senso crítico a partir do entendimento do conceito de globalização e analisar o significado de estarmos todos "conectados". Como uma criança na favela reage a um comercial de um tênis ou brinquedo "da moda"? Será que é a mesma reação do filho de pais de classe média?

Qual o papel da mídia em nossas vidas? Ela trabalha para você ou para os donos dos meios de produção?

Imagem 1: Tirinha:



Fonte:

<https://esquadraodoconhecimento.wordpress.com/ciencias-humanas/geografiaregionalizacao-mundial/tirinhas-geograficas/>

Referência: ROMÃO, J. E. Paulo Freire e a imagem. Educação & Linguagem, v. 13, n. 22, 77-97, jul.-dez. 2010.

Ainda com relação à proposta da tirinha, podemos refletir sobre a percepção visual e a visão (apenas) técnica das coisas. Na percepção visual, além dos aspectos físicos e neurológicos inerentes à percepção visual, o autor compreende o fenômeno como principal responsável pela ampliação do nosso campo de visão, fazendo uma comparação entre a visão aparente e a capacidade de olhar. Ainda de acordo com SOUSA, nos acostumamos, de tal modo, a enxergar apenas o superficial, que esquecemos de formar uma consciência profunda do lugar e, por conseguinte, perceber os detalhes do que é visto e do que dessa visão podemos trazer para a vida, nos mais variados aspectos.

O exemplo da cadeira: Souza faz uma explanação bastante interessante e esclarecedora utilizando uma cadeira. Sua fala infere o quão acostumados estamos com a visão técnica das coisas, a cadeira é um objeto utilizado para sentarmos e ponto. No máximo, nossa visão se limita a identificar se esta não está suja ou quebrada, por exemplo, antes de fazermos uso dela. Mas, ao ampliarmos o nosso campo de visão, ainda utilizando o exemplo da cadeira, poderemos investigar a sua origem (material com o qual foi feita), quanto peso ela suporta? É adequada para alguém que tenha problemas de coluna? Pode ser utilizada em qualquer tipo de ambiente? Quanto tempo o meu aluno assistiria aula, confortavelmente, e sem prejuízos cognitivos em uma cadeira do tipo A ou B? Na visão do autor, a mobilidade visual permite uma releitura do campo visual, inclinada ao viés poético. Na Geografia, a visão poderá assumir os mais variados significados, a partir do objetivo a que se propõe; o mapa, por exemplo nos oferece inúmeras leituras, podendo ser simplesmente uma imagem, a depender do seu leitor. Serão as estratégias que nos permitirão enxergar nos objetos tanto o que “queremos ver” quanto o que “precisamos ver”.

A Instrumentalização Física e Cultural da Observação: A instrumentalização física decorre dos objetos que criamos e escolhemos para ampliar ou melhorar o que desejamos ver, como o binóculo e o microscópio, por exemplo. Já a instrumentalização cultural, representada pelos recursos audiovisuais (cinema e câmera) ilustra a diversidade dos conceitos, reforçando a capacidade de análise e relação do indivíduo (observador). Para corroborar com o pensamento dos autores supracitados, temos mais uma aula proposta com o uso de tirinhas.

Tema gerador: Conscientização Ambiental

Imagem 2:



Fonte: (2021).

Disciplinas: Biologia e Geografia

Série/Ano: Ensino Médio

Tempo: 2 aulas

Conteúdos: Ambientes marinhos e interação com o meio ambiente

Objetivos: Refletir e compreender as relações homem X natureza e como as ações antrópicas podem corroborar positiva ou negativamente para o equilíbrio ambiental

Desenvolvimento: Brainstorm e debate

Recursos: Apresentação Power Point e vídeo

Alguns geógrafos passam a ver a paisagem dentro de uma perspectiva ecológica e surge a BIOGEOGRAFIA. Mais à frente, a Geografia Humana entende a paisagem numa perspectiva de um território visto e sentido, elaborado pela nossa mente, conceito defendido por Claval em 1987. Já Berque entende que a paisagem como sendo uma ligação sujeito-objeto e não, simplesmente uma representação.

No Reino Unido, surgem os primeiros estudos que sugerem a PAISAGEM como uma “autobiografia” coletiva e inconsciente de gostos, valores, aspirações e medos”.

Do Positivismo ao Marxismo, a Paisagem assume um papel maior, enquanto reflexo da evolução das formas de produção do espaço.

A importância da Paisagem: Os conceitos foram sendo discutidos nas mais diferentes escolas e lapidado há décadas, o que denota a sua importância. Para a autora, seja como fonte de sensações ou para a delimitação de um território, as abordagens mais recentes dão ênfase aos aspectos subjetivos da relação das pessoas com o ambiente. Além disso, a paisagem tem outras dimensões difíceis com significados diversos que traduzem crenças e valores da sociedade, é um “REPOSITÓRIO DAS CULTURAS”.

Santos (2014) classifica a paisagem como sendo “o domínio do visível”, ou seja, abarca tudo que está ao nosso alcance, em termos visuais. Ainda hoje, muitos de nós ainda compreendem a paisagem como sinônimo do belo e, geralmente, fazemos conexão deste conceito com cenários naturais (praia, montanha, etc.).

Para Santos (2014), em cada momento histórico os modos de fazer são diferentes, o trabalho humano vai tornando-se cada vez mais complexo exigindo mudanças correspondentes às inovações. Através das novas técnicas

vemos a substituição de uma forma de trabalho por outra, de uma configuração territorial por outra. Por isso, o entendimento do fato geográfico depende tanto do conhecimento dos sistemas técnicos e, por conseguinte, a paisagem se renova.

Datação e Movimento da Paisagem: "As formas não nascem apenas das possibilidades técnicas de uma época, mas dependem, também, das condições econômicas, políticas, culturais etc. A técnica tem um papel importante, mas não tem existência histórica fora das relações sociais. "A paisagem deve ser pensada paralelamente às condições políticas, econômicas e também culturais". (SANTOS, 2014, p.7).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar o processo ensino-aprendizagem sob o olhar de Paulo Freire nos permitiu enxergar, com mais clareza, como o "olhar" geográfico pode corroborar para a formação so ser crítico, fazendo com que este se perceba como sujeito em construção e, mais que isso, como parte integrante da sociedade, podendo participar ativamente de todos os processos que essa construção (contínua) exige.

O "saber olhar", "por que olhar", "para onde olhar", "o que fazer com esse olhar" nos tornarão capazes de agir de forma mais consciente e crítica, corroborando para uma sociedade mais justa e menos desigual.

Portanto, podemos inferir que, dentro do processo ensino-aprendizagem, a leitura de imagem é, antes de qualquer coisa, uma interpretação da "visão inicial". Ela não é única, nem estanque, podendo ser feita várias vezes e pelo mesmo ator. A cada leitura, uma imagem diferente, um pensamento, uma curiosidade e, por fim, o entendimento desta. Mas a leitura também pode ser rápida e o olhar será puramente físico, sem conjecturas. Tudo irá depender de quem, quando e como o ator fará essa leitura. Sim, a imagem pode ser um texto. Todo texto

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

se transforma em uma, em várias imagens. Tudo dependerá do olhar e do leitor.

REFERÊNCIAS

BAZIN, André. *Qu'est-ce que le cinéma? Paris: Éditions du Cerf* (Vol. I: Ontologie et langage, 1958.

BERQUE, Augustin. **Paisagem-marca, paisagem-matriz:** elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998b.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** 4. ed. Campinas: Papirus, 1998.

CLAVAL, Paul. De Haussmann au Musée social. In: V. Berdoulay; P. Claval (dir.), *Les débuts de l'urbanisme français*, 1987.

NÓVOA, A. (Org). **Os professores e a sua formação.** Portugal: Porto, 1992.

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

MILTON, Santos. **Paisagem e espaço.** In: **Metamorfoses do espaço habitado.** Fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6 ed. São Paulo: EDUSP. 2014.

REINACH, F. **A ontogênese e o aprender.** O Estado de São Paulo [jornal], 11 abr. 2013. Disponível em <<http://www.abc.org.br/2013/04/12/a-ontogenese-e-o-aprender/>>.

SOUSA, de Rocha. Percepção visual e representação. In: SOUSA Rocha de. **Didática de Educação Visual.** Universidade Aberta, Lisboa, 1995.

GEOGRAFIA E IMAGEM VISUAL SOB A PERSPECTIVA FREIRIANA

Rafael Rodrigues Candido Rosa²⁰

Ricardo Santos de Almeida²¹

RESUMO: Conceitos e correlações entre a Geografia e a imagem visual vistas dentro de um pensamento freiriano onde existe um diálogo entre a pedagogia do uso da imagem como ferramenta. Demonstrações do uso visual no ensino, criado uma ponte entre o mundo “visto” e o conteúdo exemplificado. Diálogos entre a fala freiriana e a Geografia buscando atender e contemplar a importância da imagem visual, uma representação do mundo real. Somar os temas de diálogo afim de entender o que é a educação na Geografia e qual o papel da imagem no processo de aprendizagem do aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia. Imagem Visual. Paulo Freire.

INTRODUÇÃO OU APRESENTAÇÃO

Buscando entender o papel e importância da imagem visual no fator pedagógico da geografia, este trabalho visa trazer a luz o diálogo entre a Geografia, a conceitualização de

¹ Licenciando em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

²¹Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Educación pela Universidad Interamericana. Docente da rede pública municipal de Porto Calvo/AL. Pesquisador do: Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO/UFAL) desde 2009; Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL); Geoprocessamento e a Cartografia no Ensino de Geografia (GCEG/UFAL) desde 2016; Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens, Adultos e Idosos e Campesinos (NUPEEJAIC/UNEAL) desde 2020; do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (UFSM) e Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN) desde 2021. Associado ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas (CPFreire). E-mail: ricardosantosal@gmail.com.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

imagem, a vivência de mundo do aluno, e a fala freiriana. Em constante encontro, essas pautas se cruzam e podem ser utilizadas para gerar aprendizado. Cabe de início ficar claro que o professor está em constante processo de aprendizado. A Geografia deixa bem claro que todo o espaço e seus indivíduos estão em constante processo de transformação. O professor não é diferente, ele influencia o espaço e seus integrantes, como também é influenciado por eles. A educação, de uma forma geral, muitas vezes é vista como um processo uniforme onde o aluno aprende segundo uma “receita” que é a mesma para todos e que sempre funciona, mas a realidade é bem mais complexa do que isso. Os alunos não são apenas objetos passivos do processo de aprendizagem, eles são tão ativos quanto o professor.

Observando a carência desse diálogo e falta de repercussão nesse sentido, a proposta deste trabalho é trazer a tona como podemos tornar o processo de aprendizado rico e melhor quando abordamos o conhecimento de mundo do aluno, somado a imagem do mundo real nos conteúdos, com toda a propriedade que a base conceitual geográfica nos proporciona para intercalar sobre as vozes. A Geografia é um campo de estudo muito abrangente, lidamos tanto com questões físicas naturais, como também questões humanas, sociais e culturais de uma forma geral. Então, aproveitando de tanta diversidade dentro de uma ciência, devemos explorar estratégias didáticas que contemplem nossas necessidades. Devemos criar proximidades entre o conteúdo e a realidade do aluno, utilizando pontes que facilitem que o aluno expresse sua criatividade dentro do que está sendo proposto. A educação visual é uma ferramenta muito forte no sentido de percepção e transmissão de informação. Através de representações visuais dos elementos e da dinâmica do mundo, conseguimos expressar com mais propriedade uma leitura do mundo

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A intervenção pedagógica é baseada na realidade de vivência do aluno, professor e ambiente escolar. Os aspectos metodológicos utilizados neste trabalho se baseiam na vivência de um aluno universitário de uma faculdade pública. A metodologia segue um caminho de ensino onde o primeiro passo é mostrar o que realmente significa aprender e como podemos desenvolver melhor isso. Buscando melhorar o aprendizado, é levantado ao aluno a pedagogia crítica que busca de diálogos seus geradores de resultados. Conceituando o uso de imagem é abordada a visão de Paulo Freire sobre a utilização da imagem visual como ferramenta pedagógica. Com o conceito de imagem visual mais seguro, é apresentada a percepção visual que trata de uma parte mais subjetiva e íntima de cada indivíduo. Neste ponto é apresentada as facetas da base da Geografia e como é plausível o diálogo e relações entre as elas. Com conceitos firmados de paisagem e espaço é feito uma abordagem direta do uso da imagem visual na educação e como podemos tirar proveito disso. Exercitar a capacidade de ver e registrar de diferentes pontos de vista, treinar a memória visual no registro separado do modelo inicial, aperfeiçoar o entendimento do visível através de técnicas de registro, a geografia da observação que consiste em trocar o apenas ver para o observar. Para validar tudo isso, é aplicado constantes avaliações envolvendo uso de imagem para solucionar questionamentos sobre o conteúdo, muitas vezes interdisciplinares para que o aluno seja capaz de compreender e perceber o poder que o uso da imagem visual tem no ensino.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo do trabalho foram surgindo questionamentos derivados do estudo e uso da imagem visual. Questionamentos

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

esses que foram respondidos através de diálogos interdisciplinares com autores e conteúdo. Perguntas como: Como a imagem pode mediar a gestão interdisciplinar do conhecimento? A imagem tem o poder de reproduzir e fazer crer no que é visto, então nessa dinâmica da sociedade onde temos pontos políticos, econômicos, sociais e culturais que exigem do sujeito o domínio de uma série de variáveis, a imagem se faz uma forte aliada aproximando o diálogo e melhorando a comunicação entre os conhecimentos. Como é possível viabilizar a educabilidade do olhar? Um processo em que se estimula a leitura/ reconhecimento/ reprodução/ entendimento do ver, onde procuramos passar e receber conhecimento através de imagens e derivados. É possível diante do atual contexto pandêmico consolidar um espaço de reflexão, discussão e partilha de experiências sobre o uso da imagem como mediação da prática docente? Sim, totalmente possível. Atualmente temos um aparato muito grande de ferramentas que nos possibilita reproduzir, criar e recriar imagens. A tecnologia tem sido uma aliada criando espaços e ferramentas que nos permita passar experiências e conhecimento. O que dizer da interdisciplinaridade? Observando-se a importância da interdisciplinaridade, respeitando-se o estudo e o objeto da Geografia, como é possível articulá-la e nos apropriarmos da linguagem fílmica ampliando os leques de possibilidades da organização do conhecimento. Aponte/sugira uma possibilidade, observando-se a duração de uma hora-aula ou horas-aulas de Geografia e outra disciplina, e roteirize explicando detalhadamente como ocorreria esta ação educativa. A Geografia é uma disciplina que nos permite não só diálogos com outras disciplinas, mas com todo um mundo de possibilidades. Uma boa ideia de trabalho para se realizar em dois horários de aula seria escolher um bom filme e trabalhar vários aspectos nele. Por exemplo: Existem vários filmes que prendem a atenção dos alunos e possuem bom temas. Em

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Vingadores podemos trabalhar Geografia e História juntos, em relação a teoria populacional malthusiana praticada por Thanos. Em “Diamante de Sangue” e em “Tropa de Elite” podemos trabalhar conceitos como geografia política, sociologia, história. Em “Uma Verdade Inconveniente” temos temas de Geografia e Ciências, relacionado ao aquecimento global. “O Jardineiro Fiel” é outro ótimo filme em que temos temas como a neocolonização britânica na África. Até para relacionar a geografia política com o mercado financeiro temos “O Lobo de Wall Street” que mostra como funciona o sistema financeiro, principalmente os mecanismos de valorização e especulação e como eles são influenciados por forças políticas e pela sociedade.

A imagem é uma forma de representação realística do mundo real. Quando falamos em ontogênese, estamos falando do processo de formação do ser humano. A imagem acaba por ser uma necessidade do ser humano de representar, se expressar, perdurar e entender. A Geografia, em sua matriz, estuda a relação do homem com a natureza e com seus semelhantes, tanto solo quanto sociedade, então podemos facilmente relacionar as artes de representação com a Geografia. A representação da realidade acontece através da percepção do mundo que o indivíduo absorve em determinado momento, essa percepção está diretamente ligada a Geografia. Observar a forma e linguagem como as imagens estão sendo apresentadas, observando a necessidade do olhar crítico e a vivência do ouvinte, utilizando de relações de proximidade com o conteúdo e com o externo. As tirinhas são uma ferramenta rápida, simples e que trazem fácil compreensão. No caso da geografia, podemos explicar várias situações geográficas que são enfrentadas no cotidiano da humanidade. Segue exemplo:

Imagem: Tirinha - Mata ciliar



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/post/105178875199/tirinha-original> - Acesso 28/05/2021

As tirinhas são uma ferramenta rápida, simples e que trazem fácil compreensão, um gênero textual que interage com a realidade do aluno. No caso da geografia, podemos explicar várias situações geográficas que são enfrentadas no cotidiano da humanidade. Por exemplo:

- Tema Gerador: Educação ambiental e o cotidiano
- Disciplina: Geografia
- Série /Ano: Ensino Médio
- Tempo: 2 aulas 50 minutos
- Objetivos: Refletir e desenvolver o pensamento crítico acerca da retirada da mata ciliar.
- Desenvolvimento: Primeiro seria feito um debate sobre o assunto buscando entender a compreensão e a realidade de cada um sobre o tema. Logo após esse momento seria realizada uma explicação sobre a mata ciliar e sua importância para a humanidade. Atividade para os alunos identificarem pontos que a retirada dessa mata causa no âmbito ambiental e social.
- Recursos: Data Show, Textos.

Quando falamos de imagem visual, também falamos de pinturas. A pintura é fruto da retratação de uma imagem, uma paisagem. A pintura desempenhou um papel determinante na construção dos códigos estéticos de apreciação da natureza. Após essa exposição inicial, o autor resgata os primórdios da paisagem na geografia, fazendo citações históricas e mostrando como surgiu os conceitos base da geografia: lugar, região, território e espaço. Dentro da paisagem é apresentado duas linhas de pensamentos, em uma delas a paisagem é vista como uma fisionomia caracterizada por formas e o seu estudo recorre basicamente ao método morfológico. A outra linha de estudo da paisagem privilegia as características dos atributos físico-naturais e humanos e o estudo das inter-relações dos fenômenos nesse território, uma linha de pensamento mais abrangente que a primeira. Um fator determinante apresentado pelo texto é de que a ação humana é considerada fator decisivo ou principal de transformação e vários autores reconhecem que as paisagens verdadeiramente naturais não existem mais.

Durante muito tempo os geógrafos aceitaram que a paisagem era a porção do espaço geográfico que se abrangia com o olhar, porém, com o avanço das discussões e estudos, hoje a paisagem é principalmente uma construção mental a partir da percepção e vivência no território, além de somente a percepção do olhar. A geografia humana transforma cada vez mais a paisagem em um espaço visto e sentido, cada vez mais subjetivo e elaborado pela mente. O conhecimento não depende apenas da dimensão científica, ele incorpora a experiência vivida e os sentimentos, integrando subconsciente. Então a paisagem seria uma autobiografia coletiva e inconsciente que reflete gostos, valores, aspirações e medos. Não devemos confundir paisagem com um pedaço da superfície terrestre ou apenas um recorte, a paisagem é muito mais rica do que isso, tanto que até dentro da geografia

contemporânea ela continua alimentando a discussão sobre sua abrangência, complexidade e entendimento.

Imagem: Mapa mental – Imagem Visual e Geografia



Fonte: Produção Autoral.

A paisagem, como resultante da ação humana sobre a natureza e pela própria ação da natureza, é algo indispensável

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

para o nosso entendimento do mundo. As sociedades não transformam a natureza apenas por razões económicas, a organização do território traduz os valores da sociedade, as suas crenças sobre o mundo. Isso implica em dizer que o retrato que temos hoje mostra a conclusão de tudo que o homem busca ou acredita, sejam interesses econômicos, seja questões de sobrevivência ou apenas para bel prazer, tudo isso reflete dentro da imagem paisagem.

O mapa construído acima, na página anterior, daria para explicar como a paisagem e seus artificios geográficos estão ligados a imagem visual e como podem ser utilizados para a educação visual. Bom para o 2º Ano do Ensino Médio, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo, além de acrescentar ao diálogo da imagem visual e a geografia na perspectiva freiriana, pude também aprender e me aperfeiçoar sobre questões relacionadas ao assunto, uma formação continuada, um processo constante de aprendizado. Sobre as questões principais, fica claro que a leitura de imagem vai além de apenas observar uma imagem e se atentar apenas aos pontos visuais principais. Uma imagem traz diversos fatores e elementos que podemos interpretar e dar sentido. Muitas vezes escutamos aquele ditado: "Uma imagem vale mais do que mil palavras", realmente uma imagem traz informações que talvez um texto tenha dificuldades de explicar ou seja necessário muitas linhas de escrita para isso. A imagem é tão essencial quanto o texto, o poder de trazer proximidade ao observador é realmente alto, fica mais fácil de dar identidade a uma situação ou momento, de fazer uma ponte entre o conhecimento pessoal do aluno ao objeto de estudo, de misturar realidades. Afinal, a imagem é um sistema de representação da realidade.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

SALGUEIRO, Teresa Barata. Paisagem e Geografia. **Revista Finisterra**, ano XXXVI, vol. 72, p. 37-53. Lisboa, 2001.

SANTOS, Milton. **Paisagem e espaço**. In.: Metamorfoses do espaço habitado. fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6 ed. São Paulo: EdUSP, 2014. p. 67-81.

SOUSA, Rocha de. **Percepção visual e representação**. In.

SOUSA, Rocha de. Didática da Educação Visual. Universidade Aberta, Lisboa, 1995. p. 31-69

VASCONCELOS, Pedro. **A Cidade, o Urbano, o Lugar**. São Paulo, USP, 1999.

REFLEXÕES ACERCA DO USO DE IMAGENS NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Thiago da Conceição Dias²²

Ricardo Santos de Almeida²³

RESUMO: O presente trabalho é um estudo de caso que teve como objetivo analisar o uso da imagem na educação geográfica. Essa proposta busca problematizar e desnaturalizar as concepções que não condiz com a realidade dos educandos. Foi analisado o uso de imagens como ferramentas pedagógicas no ensino de geografia e na construção da identidade docente. Ao abordar o conceito de paisagem, um dos conceitos fundamentais na geografia, o debate é limitante e superficial. Neste sentido, há muito ainda a ser feito para o debate que possa contribuir para o pensamento crítico dos estudantes. Como metodologia optou-se pelo estudo de caso, que é um tipo de pesquisa que, segundo Severino (2013), faz descrição de um caso considerado representativo de um conjunto de casos análogos. O trabalho está dividido em dois momentos: a primeira etapa se configura com aporte bibliográfico desenvolvida sob a perspectiva qualitativa. O segundo

²²Graduando do Curso de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão. Discente Pesquisador. Email: thiago.dias29@yahoo.com.br

²³Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Educación pela Universidad Interamericana. Docente da rede pública municipal de Porto Calvo/AL. Pesquisador do: Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO/UFAL) desde 2009; Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL); Geoprocessamento e a Cartografia no Ensino de Geografia (GCEG/UFAL) desde 2016; Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens, Adultos e Idosos e Campesinos (NUPEEJAIC/UNEAL) desde 2020; do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (UFSM) e Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN) desde 2021. Associado ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas (CPFreire). E-mail: ricardosantosal@gmail.com.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

momento se configura como análise do uso da imagem na construção do pensamento geográfico. Conclui-se com esse estudo a necessidade de ressignificação de textos e de imagens acerca das paisagens nas aulas de geografia.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem. Geografia. Identidade Docente.

INTRODUÇÃO OU APRESENTAÇÃO

O presente estudo trata-se de um relato de vivência que se desenvolveu a partir do Programa Residência Pedagógica em uma escola de ensino médio. A escola visitada foi o Centro de Ensino Arimathea Cysne no município de Bacabal, no Maranhão. O Programa Residência Pedagógica é um componente que integra o processo de ensino aprendizagem do aluno, a partir dos nexos e conteúdo definidos no Projeto Pedagógico dos Cursos que está vinculado.

A finalidade da participação no Residência é a de desenvolver em cada estudante não apenas a compreensão das teorias estudadas durante a graduação, mas também sua aplicabilidade e a reflexão sobre a prática que se inicia neste momento, instrumentalizando o professor em formação para a transformação da sociedade, e a contribuição para a construção da cidadania pelos seus estudantes. Portanto, o presente trabalho teve como objetivo observar o cotidiano da instituição para entender o seu funcionamento, a observação da prática docente, e regência na disciplina de geografia para compreender como se caracteriza o processo da educação geográfica e analisar a imagem como ferramenta pedagógica. O desafio é refletir não só sobre a prática docente, mas também sobre a comunidade, sobre a construção de relações e identidade escolar.

Pimenta e Libâneo (2002, p.252), defendem um curso de licenciatura que forme profissionais da educação que “[...] atuarão nos vários campos sociais da educação, decorrentes de

novas necessidades e demandas sociais”. Portanto, considerando que a formação inicial e continuada de professores é de extrema importância para a promoção da educação de qualidade, surge o *Curso de aperfeiçoamento em: Paulo Freire e o uso pedagógico da imagem visual em geografia* traz reflexões significativas. Dessa maneira, partindo do pressuposto de que a imagem pode ser adotada como ferramenta pedagógica, apresento a imagem fotográfica como objeto capaz gerar reflexão crítica sobre os contextos que representa, uma vez que “a fotografia funciona mediante a constituição e o reconhecimento de formas relacionais que permitem estabelecer proporções, correspondências e equivalências com aquelas oferecidas na percepção direta da realidade” (SANTOS, 2009. p. 118).

Através da “Ontogênese” e “Aprender” na prática educativa, podemos viabilizar/estimular o pensamento crítico e criativo utilizando-se a Educação Visual como um caminho possível para a leitura do mundo. A princípio é fundamental considerar os conhecimentos prévios dos alunos acerca de tal imagem. Desse modo, é necessário apresentar perguntas que possam estimular a curiosidade da turma. Na sequência o professor entra em ação (como mediador) com as imagens sobre determinado conteúdo. Se o tema da aula for paisagem, por exemplo, é necessário apresentar o conceito e na sequência apresentar os exemplos, principalmente, as imagens relacionadas a localidade do aluno. Essa apresentação pode ser feita através da aula campo ou por meio da fotografia, o que inclui o uso da tecnologia.

É possível nos processos educativos estabelecer conexões e viabilizar a liberdade criativa. De acordo com o que foi apresentado sobre a ontogênese e a evolução cultural como fenômenos distintos ao ato de aprender, a imagem visual pode se tornar um instrumento pedagógico capaz de estimular a reflexão dos alunos. Podemos começar apresentando a imagem

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

daquele espaço do qual os estudantes estão inseridos, uma vez que a turma apresenta uma certa conexão com o mesmo.

Podemos estabelecer estratégias no âmbito do ensino da Geografia (ou outras áreas do conhecimento). A princípio é necessário reconhecer que a imagem visual se apresenta sob diferentes formas no dia a dia dos alunos, e que pode ser usada como uma ferramenta pedagógica. A partir do tema proposto na aula (se for sobre lugar, paisagem, família ou clima), o professor deve apresentar os principais conceitos e na sequência pode usar exemplos significativos. Pode começar usando uma música e depois apresentando a imagem. São situações que podem chamar atenção dos alunos, sobretudo, estimular reflexões sobre a realidade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

O presente trabalho trata-se de um estudo de caso que se dividiu em dois momentos e contou como procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica e revisão em publicações científicas. Considerando que o livro didático é a principal ferramenta utilizada nas escolas públicas e que o uso de imagens é possível levar reflexões significativas para os alunos, a produção do presente estudo, foi motivada para que fosse possível estimular reflexões a respeito de novas práticas de ensino de geografia, uma vez que trata-se de uma ciência fundamental na construção do pensamento crítico dos cidadãos em processo de formação.

A primeira etapa realizada foi a pesquisa bibliográfica que teve base nos seguintes autores: Favero (2001), Santos (2009), Veiga (1996), Pimenta e Lima (2002), Luckesi (1994), Freire (1996), Libâneo (1998), Gadotti (2006), entre outros que contribuíram para a realização do trabalho. A segunda etapa se caracteriza com participação no Curso de aperfeiçoamento em:

Paulo Freire e o uso pedagógico da imagem visual em geografia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA VIVÊNCIA OU DA PROPOSTA PEDAGÓGICA OS DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO PROFESSOR

A construção da identidade de um professor é cada vez mais complexa. Como afirma Paulo Freire (1996) em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, a educação é arte e prática, ação e reflexão, conscientização e projeto. Como projeto, a educação precisa reinstalar a esperança. Nada mais atual do que esse pensamento, numa época em que muitos educadores vivem alimentados mais pelo desencanto do que pela esperança.

Libâneo (1998) e Freire (1996) concordam que ser professor hoje é diferente do que há 50, 60 ou 70 anos atrás. Nos dias atuais os professores precisam trabalhar com conteúdo escolhido pelos órgãos oficiais que se somam a complexidade social. Isso gera insegurança à escola e ao próprio professor que ainda corre o risco de ser taxado de criminoso ou de doutrinador. A identidade de professor é um processo historicamente construído. A profissão de docente, como as demais, emerge de um dado contexto e momentos históricos, como resposta a necessidades que estão postas a sociedade, adquirindo estatuto de legalidade (PIMENTA, 2002). Ainda de acordo com Libâneo (1998), na ação docente

É certo, assim, que a tarefa de ensinar a pensar requer dos professores o conhecimento de estratégias de ensino e o desenvolvimento de suas próprias competências do pensar. Se o professor não dispõe de habilidades de pensamento, se não sabe “aprender a aprender”, se é incapaz de organizar e regular suas próprias atividades de aprendizagem, será

impossível ajudar os alunos a potencializarem suas capacidades cognitivas. (LIBÂNEO,1998).

Formar o educador não deve ser uma imposição autoritária e sim um modo de auxiliar o sujeito a adquirir uma atitude crítica frente ao mundo de tal forma que o habilite a agir junto a outros seres humanos num processo efetivamente educativo (LUCKESI,1994). Cabe ao professor, durante sua intervenção em sala de aula e por meio de sua interação com a classe, ajudar o aluno a transformar sua curiosidade em esforço cognitivo e a passar de um conhecimento confuso, sincrético, fragmentado, a um saber organizado e preciso. Para isso é fundamental uma didática de ensino. Freire (1996) ressalta a necessidade de se ter um professor que pensa na forma como sua docência é aplicada dentro de uma sala de aula.

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. [...] O que se precisa é possibilitar, que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica. [...] A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer (FREIRE, 1996, p. 42-43).

Gadotti (2007, p. 65), diz que “o poder do professor está tanto na sua capacidade de refletir criticamente sobre a realidade para transformá-la, quanto na possibilidade de construir um coletivo para lutar por uma causa comum”. De acordo com Libâneo (1998, p. 26) “a didática trata da teoria geral do ensino”. Como disciplina é entendida como um estudo sistematizado, intencional, de investigação e de prática (LIBÂNEO, 1990). Desse modo, a profissão docente é uma prática social, ou seja, como tantas outras, é uma forma de se

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

intervir na realidade social, no caso, por meio da educação que ocorre, não só, mas essencialmente nas instituições de ensino (PIMENTA, 2002). O professor poderá usar toda teoria da educação pra criar métodos e intervir como deve ser.

Segundo Freire (1996), os saberes possíveis de serem construídos no estágio estão diretamente vinculados à atuação profissional do professor que, além de saber, numa dimensão mais teórica, precisa aprender a fazer e analisar esse saber fazer para que sua prática profissional seja sempre transformada. Como afirmou Moacir Gadotti (2006), o pensamento de Paulo Freire continua atual, pois ele trabalhou muito a formação crítica do educador e introduziu novas metodologias, novas formas de aprender e de ensinar, novos métodos de pesquisa.

Depois de Paulo Freire, certamente não se pode mais afirmar que a educação é neutra. Ele demonstrou sua importância na formação do povo sujeito, soberano. Não só convenceu inúmeras pessoas em tantas partes do mundo pelas suas teorias e práticas, mas também despertou nelas a capacidade de sonhar com uma realidade mais humana, menos feia e mais justa. A compreensão da relação entre teoria e prática, conforme explicita Pimenta, possibilitou estudos e pesquisas que têm iluminado perspectivas para uma nova concepção de estágio, práticas novas de aulas.

A DICOTOMIA TEORIA E PRÁTICA

Ao chegarmos à universidade nos deparamos com o conhecimento teórico, ou seja, a explicação da realidade por meio de pesquisadores renomados. Muitas vezes, é confuso relacionar teoria e prática se não vivenciarmos os momentos reais em que será preciso analisar o cotidiano frente às informações assimiladas. Neste sentido, entra em cena o estágio que é uma ferramenta muito importante na nossa

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

formação. O Programa Residência Pedagógica é uma linha que liga teoria e prática. É uma oportunidade em que nós em formação docente temos de entrar em contato com a realidade profissional com todas as suas implicações para conhecê-la e para desenvolver suas competências e habilidades necessárias à aplicação dos conhecimentos teóricos e metodológicos trabalhados ao longo do curso.

Diante dessas problemáticas, Pimenta e Lima (2004) descrevem duas perspectivas pelas quais o estágio pode ser desenvolvido pela prática como imitação de modelos e como instrumentalização técnica, quando não refletidos. Segundo as autoras, o exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de ação. Diante isto, a profissão de ser professor não é diferente, e o modo de aprender a fazer algo, seja nessa profissão ou outra, parte da observação, da imitação, reprodução daquilo que é visto e observado. No entanto, os alunos/acadêmicos e professores/orientadores, a partir da observação, devem elaborar sua própria prática, adequando, acrescentando e criando novas ideias, após uma análise crítica e reflexiva do modo de agir do professor.

Nessa perspectiva, Fávero (2001) propõe a construção de um conhecimento dialético, em que a teoria e prática sejam consideradas como um núcleo articulador no processo de formação a partir do trabalho desenvolvido com esses dois eixos de forma integrada, indissociável e complementar. Freire (1996, p. 43-44), aborda a importância da reflexão crítica, em que professor deve fazer da prática sobre a teoria e vice-versa:

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática, é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal concreto que quase se confunda com a prática. (FREIRE, 1996, p. 43-44).

O Residência Pedagógica de fato mostrou que a teoria se distancia um pouco da prática porque a escola vem perdendo espaço, essência e identidade. Mas fica evidente que as melhorias podem começar com uma boa formação de professores, planejamento adequados, valorização profissional, políticas educacionais efetivas. Para Veiga (1996), as didáticas específicas são disciplinas especiais no campo epistemológico de cada disciplina. Na teoria e na prática, elas contribuem para a compreensão do processo didático que ocorre na aula, com base nas conexões com a realidade social e com as intencionalidades da formação de profissionais.

O *Centro de Ensino Arimathéa Cysne* é uma escola pública estadual. Localizada em um prédio próprio na rua Barão do Rio Branco s/n no centro de Bacabal – MA, fundada em 1951. Funciona nos três turnos com condição geral reconhecida pelo MEC. As primeiras sensações que tive ao ter contato com a escola foi um pouco de medo e insegurança. A princípio um choque de realidade. Totalmente normal para quem nunca teve contato direto com uma escola do ensino médio cheio de adolescentes com crises existenciais e problemas familiares mal resolvidos. Quando se é aluno, não temos uma visão tão crítica quando estamos no papel de professores. Durante as primeiras etapas do programa foi possível constatar que prática e teoria estão um pouco distante também no ensino médio. Mas compreendi que é fundamental conhecer ambas. Pude notar que a profissão de professor é linda, pois para superar muitas dificuldades.

O contato com a escola campo forneceu um maior entendimento de como ocorre o processo de ensino aprendizagem e o relacionamento professor-aluno, teoria e prática. Os professores são maravilhosos e compreensíveis. O corpo docente da escola é formado por trinta e três professores, todos têm formação acadêmica completa. Estão em seus cargos há mais de dois anos, alguns até com mais de cinco anos.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Alguns são casados, outros solteiros, divorciados. São pessoas comuns que se dedicam a educação e ao ensino aprendizagem de crianças, jovens e adultos. Uma verdadeira equipe com uma relação amigável. Tornando assim, um ótimo ambiente de trabalho.

Os estudantes são jovens oriundos da zona urbana e rural da cidade. Boa parte das escolas de Bacabal, tanto em nível fundamental e médio, os estudantes precisam do apoio de professores para continuar estudando e se tornarem cidadãos de respeito e bem formados, são crianças e jovens muito carentes. De acordo com Projeto Político Pedagógico da escola em questão, os alunos possuem grandes necessidades que afetam seus estudos. Não poderei negar que alguns são bem agitados durante as aulas. Este aspecto me mostra que dentro de uma sala de aula existem vários tipos de alunos com personalidades diversificadas que precisam ser levadas em conta. São vários tipos de comportamentos: impulsivo, agressivo, calmo, alegre, introspectivo, enfim.

A imagem se apresenta sobre diversos tipos de representações e signos visuais que nos acompanham ao longo de nossa história como humanidade. A imagem se encontra presente na artes, na sociologia, na geografia, na história, etc. Usando-a como instrumento pedagógico é possível interpretar o espaço do qual estamos inseridos. Dialogando sobre o ponto em comum encontrado em uma análise da imagem é possível estimular reflexões geográficas, sociológica, histórica e compreender arte presente na sociedade humana, destacando as diferentes significações.

Primeiramente é necessário que a imagem tenha o seu devido reconhecimento. Durante muito tempo a imagem não foi considerada como uma ferramenta auxiliadora na educação. Desse modo, inúmeros professores não costumam usar este material em suas aulas. Para que seja possível viabilizar a educabilidade do olhar, é preciso apresentar os conceitos de

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

determinado conteúdo (seja eles geográficos ou sociológico, etc.), na sequência estimular a reflexão crítica apresentando a imagem, seja ela através da aula campo ou através dos meios tecnológicos.

Diante do atual contexto pandêmico, a prática docente está passando por reajuste que são necessários para o processo de adaptação, uma vez que muitos professores apresentaram dificuldades de usar a tecnologia em suas aulas. No entanto, apesar da problemática, os professores que não apresentaram dificuldades usaram a imagem como umas das principais ferramentas em suas aulas, que antes se limitavam ao livro didático.

Considerando as atividades filmicas, existem inúmeras possibilidade de aprendizagens em todas as disciplinas. Nas aulas de geografia existem documentários e vídeos curtos sobre a transformação da paisagem, por exemplo. A princípio o professor apresenta o conceito de Paisagem na geografia, seja ela natural ou cultural, na sequência pode apresenta um curta que aborda essas transformações.

De acordo com o texto, desde os primórdios da humanidade o ser humano teve uma verdadeira fixação pela imagem enquanto representação realística do mundo real. Dessa maneira a imagem surge como uma forma de representar o real e o imaginário. A arte de representação carrega memórias, entendimentos, sentimentos, referências, instigam a imaginação, expõem uma realidade e concepções de mundo, portanto, está ligado ao conceito de lugar da geografia. Paulo Freire considera a importante o uso da imagem, uma vez que a alfabetização é um método imagético.

Primeiramente é necessário considerar os conhecimentos prévios dos alunos. Para estimular o olhar crítico acerca das diversas imagens que fazem parte do cotidiano das pessoas, é necessário antes refletir o que se sabe sobre determinada imagem e como ela se constrói em determinado contexto. A

Paisagem na geografia se caracteriza sob diversas formas, o que inclui as que são transformadas por ações humanas, uma vez que o homem faz o uso do trabalho e da tecnologia para transformar e adaptar a paisagem.

Portanto, para apresentar este conceito que é fundamental na compreensão da geografia para uma turma do 6º ano, por exemplo, é necessário levar diversos exemplos para que os alunos possam compreender suas múltiplas definições. Neste sentido, seria interessante levar uma tirinha que estimule o pensamento crítico a respeito do uso tecnológico da imagem. Na tirinha abaixo, é possível estimular este pensamento a partir do momento que os alunos perceberem que os personagens trocam uma paisagem natural por uma paisagem artificial.

Imagem:



Fontes: Google, 2021. Link de acesso: < <http://blogwell-00.blogspot.com/2012/03/tirinhas-9.html>>

Disciplina: Geografia

Série: 6º ano do Ensino Fundamental

Recursos didáticos: Quadro, livro, internet e fotografias.

Tempo: Três aulas de cinquenta minutos.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Objetivo: Estimular o pensamento crítico acerca das transformações da paisagem pela ação humana.

Temática da aula: Paisagem e Tecnologia

Conteúdo: As representação da paisagem na tecnologia

Proposta didática: A tirinha será apresenta a paisagem apresenta por uma perspectiva tecnológica.

No primeiro momento será apresentada a imagem junto com os conceitos de paisagem e o quanto nossas vidas estão atreladas a tecnologia.

Em um segundo momento, a turma fará um diagnóstico da imagem

Avaliação dos conhecimentos: participação na aula.

De acordo com o autor, a imagem pode se apresentar de formas diferenciadas para cada pessoa. Essa diversificação está ligada as experiências que elas obtêm durante sua trajetória de vida. O autor cita como exemplo as diferentes visões que uma cadeira pode apresentar para cada pessoa. Em uma conversa informal entre duas pessoas, quando uma cadeira é citada, elas têm visões diferentes do mesmo objeto. Portanto, o conhecimento adquirido é fundamental na projeção de imagem acerca de vários objetos, coisas, situações.

Além disso, o autor cita como exemplo uma igreja construída entre os séculos XV e XVI apresentada a três pessoas com aprendizagem e experiências diferentes uma da outra. A primeira pessoas ao ter contato com o templo relata que trata-se de uma igreja velha, a segunda diz que é uma igreja antiga, e a terceira pessoas, possivelmente detentora de um conhecimento mais avançado, além de descrever o tempo como antigo, é capaz de indicar as possíveis épocas que foi construída, o tempo e as razões para tal arquitetura.

Neste sentido, o autor ressalta a contribuição do conhecimento prévio para tais descrições tanto da igreja como da cadeira, uma vez que descrever tais coisas está

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

relacionamento a memória, cultura e imaginário de cada pessoa. Dessa forma, o autor destaca que nos aproximamos do conceito de mobilidade visual para procurar expressar e descrever as representações.

O autor ao longo do texto aborda conceitos fundamentais para compreender a importância da imagem na geografia ou em outras áreas do saber. No texto o mesmo recorre ao conceito de geografia da observação que diz respeito às estratégias que adotamos na observação das aparências da realidade, uma vez que nossas colocações se apresentam de maneira flexível.

Embora o estudo acerca do uso da imagem como um instrumento pedagógico apresente um referencial rico e importante, o que se vê com frequência nas escolas é a falta de manuseio deste recurso tão fundamental na educação geográfica. Consequentemente o Ensino de Geografia se caracteriza como vazio de significados, que prioriza uma série de assuntos que não fazem sentido para os alunos e que, por si só, são apenas abordados de forma mecanizada.

Dessa maneira, pensando a imagem por um viés geográfico, é necessário ressaltar que a produção humana, (permeada por características geográficas como espaço, tempo e percepção) são compreendidas através da linguagem visual, amparada sobre nossas experiências.

De acordo com Milton Santos o espaço tornou-se palco de discussões a partir do momento que passou-se a compor o centro das preocupações dos mais variados profissionais. Isso significa que todos os espaços são geográficos, uma vez que, segundo o autor, são determinados pelo movimento da sociedade, da produção.

Desse modo, de acordo com Santos (2014), a paisagem é tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Dessa maneira, a percepção e o conhecimento acerca

PAULO FREIRE E O USO DA IMAGEM VISUAL NA GEOGRAFIA: PERSPECTIVAS PARA O ENSINO MÉDIO

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

da paisagem se dar em escalas diferentes e assoma diversamente aos nossos olhos, segundo onde estejamos, ampliando-se quanto mais se sobe em altura, porque desse modo desaparecem ou se atenuam os obstáculos à visão, e o horizonte vislumbrado não se rompe.

Aula sobre Espaço Geográfico, para alunos do 6º ano do Ensino Fundamental.



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Sendo assim, a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, uma vez que pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato. A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada; dessa forma, a visão pelo homem das coisas materiais é sempre deformada. A percepção não é ainda o conhecimento, que depende de sua interpretação.

No que diz respeito a paisagem e região, muito a consideravam sinônimos. Esse pensamento persistiu no espírito dos geógrafos europeus até o fim do século passado. Na Europa, a personalidade de cada região foi constituindo-se como resultado de uma longa evolução e os traços do passado podiam, por isso, cristalizar-se. As atividades criadas se mantinham durante um longo período, dando a impressão de imobilidade. Daí a ideia de que a paisagem, criada em função de um modo produtivo duradouro, devia confundir-se com a região, isto é, a área de ação do grupo interessado. Mas o mundo mudou, e hoje a confusão entre os dois conceitos não é mais possível. A geografia não é mais o estudo da paisagem, como imaginavam nossos colegas de antanho; não é que eles estivessem errados, apenas houve grandes transformações no mundo.

Em relação a Geografia cultural, Carl Sauer é considerado pai dessa vertente da geografia, uma vez que propôs que considerássemos dois tipos de paisagem, a natural e a artificial. Neste sentido, a produção do espaço é resultado da ação dos homens agindo sobre o próprio espaço, através dos objetos, naturais e artificiais. Cada tipo de paisagem é a reprodução de níveis diferentes de forças produtivas, materiais e imateriais, pois o conhecimento também faz parte do rol das forças produtivas.

Acerca da diferença da paisagem natural e da artificial, a primeira é aquela que ainda não sofreu transformações

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

causada pelo esforço humano, e a segunda é transformada pelo homem, enquanto grosseiramente podemos dizer que a paisagem natural. A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério. A paisagem é sempre heterogênea. A vida em sociedade supõe uma multiplicidade de funções e quanto maior o número destas, maior a diversidade de formas e de atores. Quanto mais complexa a vida social, tanto mais nos distanciamos de um mundo natural e nos endereçamos a um mundo artificial.

A respeito dos instrumentos de trabalho na paisagem, ela se organiza segundo os níveis destes, na medida em que as exigências de espaço variam em função dos processos próprios a cada produção e ao nível de capital, tecnologia e organização correspondentes. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos. A cidade é essa heterogeneidade de formas, mas subordinada a um movimento global.

Isso significa que a paisagem está em permanente mudança, uma vez que em cada momento histórico os modos de fazer são diferentes, o trabalho humano vai tornando-se cada vez mais complexo exigindo mudanças correspondentes às inovações. A paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança. É um resultado de adições e subtrações sucessivas. É uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas. É o caso das cidades, sobretudo as grandes. As casas, a rua, os rios canalizados, o metrô etc., são resultados do trabalho corporificado em objetos culturais.

Os objetos são passíveis, pois, de uma datação, têm idades. Pela datação dos objetos de uma paisagem deveríamos poder reconhecer a sua idade (ou as suas idades). Mas isso nem sempre é possível, já que, muitas vezes, os objetos antigos

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

são suprimidos da paisagem. A paisagem tem, pois, um movimento que pode ser mais ou menos rápido. As formas não nascem apenas das possibilidades técnicas de uma época, mas dependem, também, das condições econômicas, políticas, culturais etc.

Portanto, sofrem mutações, visto que podem ser estruturais ou funcionais. Ao passarmos numa grande avenida, de dia ou à noite, contemplamos paisagens diferentes, graças ao seu movimento funcional. Já uma mudança estrutural dá-se também pela mudança das formas. Quando se constroem prédios de quarenta, em lugar de vinte ou trinta e dois andares, é, via de regra, sinal de que outros também poderão ser construídos, de que temos atividades e gente para enchê-los, e justificar a sua construção. As formas envelhecem por inadequação física, quando, por exemplo, ocorre desgaste dos materiais. Já o envelhecimento social corresponde ao desuso ou desvalorização, pela preferência social a outras formas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho pretende apenas trazer uma reflexão a respeito da importância do uso da imagem como ferramenta pedagógica na área da educação geográfica em escolas públicas municipais e estaduais. O objetivo não é fazer duras críticas às práticas pedagógicas adotadas pelos professores das instituições, mas sim destacar os desafios de conciliar teorias e práticas. É necessário ter muita dedicação e paciência também. Mesmo diante de tanta desvalorização da classe docente, ser professor é uma das mais belas profissões existentes. É uma missão árdua de tentar educar uma geração que nem aos pais respeita e que a cada dia torna-se mais insensível ao trabalho de um professor.

Ao término desta última das atividades do Programa Residência Pedagógica no Centro de Ensino Arimathéa Cysne e

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

do Curso de aperfeiçoamento em: Paulo Freire e o uso pedagógico da imagem visual em geografia, foi possível identificar a importância de conhecer a realidade e a complexidade de uma instituição de ensino antes de você exercer a função de professor. Também foi possível confrontar teoria e realidade. Essas observações e análises me proporcionaram uma experiência única e promoveram benefícios e possibilidades em meus estudos. Escolher um curso de licenciatura em Ciências Humanas não foi fácil. Foi preciso muita reflexão para a escolha e agora para a construção de uma identidade docente ainda em processo. Com este curso de aperfeiçoamento foi possível avaliar vários aspectos favorecendo mudanças conceituais de que necessito para exercer um bom trabalho e competência, e ser um excelente profissional da educação.

A leitura de imagem seria a capacidade de interpretar criticamente o que pode ser real ou fantasia acerca de determinada representação. Na maioria das vezes as construções imagéticas inseridas em um contexto, tem como objetivo representar algo que não condiz com a realidade. Portanto, com a leitura da imagem, seja ela visual ou virtual, temos a capacidade de analisar elementos sob um olhar geográfico, sociológico, enfim. No que diz respeito a leitura da imagem ser um texto, podemos considerar como uma afirmação, uma vez que com a leitura da descrição de uma paisagem, por exemplo, é possível imaginar suas características, estruturas, estimulando assim nossa criatividade e despertando nosso senso crítico.

Em suma, através dessas experiências aprendo a distinguir o que é idealização do que é realidade. Meus sonhos amadurecem junto comigo. Ouço, absorvo e sei separar o que faz sentido do que não faz. Até o presente momento, estou no caminho certo. Encontrei na profissão docente, na carreira acadêmica, um sentido de vida. Desejo, como cidadão e

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

professor, que um dia o Estado seja mais comprometido com a educação; que as propostas não se limitem as grades curriculares, que as pesquisas não fiquem apenas dentro da academia, mas que cause impacto na realidade sofrida da escola pública, que os esforços não culminem apenas em diplomas sem serventia.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.**

Parecer CNE/CP 009/2001. Brasília, DF, maio de 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Ciências humanas e suas tecnologias In: **Orientações curriculares para o ensino fundamental.** Brasília, DF: MEC/SEB, 2006.

FAVERO, Maria de Lurdes. **Universidade e Estágio Curricular: Subsídios para discussão.** IN: ALVES, Nilda (org.). Formação de professores: pensar e fazer. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 13. Ed. São Paulo: paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1983.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo & GUIMARÃES, Sérgio.

Pedagogia: diálogo e conflito. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos; PIMENTA, Selma Garrido. Formação dos profissionais da educação: visão crítica e perspectivas de mudança. In: PIMENTA, Selma Garrido (org). **Pedagogia e Pedagogos: caminhos e perspectivas.** São Paulo: Cortez, 2002.

LUCKESI, Cipriano C. **Filosofia da Educação.** São Paulo: Cortez, 1994.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Educação Infantil**: saberes e fazeres da formação de

PIMENTA, Selma G. & LIMA, Maria Socorro L. **Estágio e Docência**: diferentes concepções. – Campinas, SP: Papyrus, 2002.

SANTOS, Ana Carolina Lima. **Realidade e representação**: o discurso visual no fotojornalismo. Mediação. Belo Horizonte, v 9, nº 9, julho-dezembro de 2009.

SANTOS, Milton. Paisagem e espaço. In: **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6 ed. p. 67-81, São Paulo: EdUSP, 2014.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Didática**: o ensino e suas relações. Campinas: Papyrus, 1996.

O **Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas** é uma sociedade civil sem fins lucrativos, com finalidade educativa e cultural que se propõe a manter vivas as ideias de Paulo Freire, educador pernambucano, referência no Brasil e no mundo. Sua contribuição para a Educação foi oficialmente reconhecida pela Lei nº 12.612/2012 como Patrono da Educação no Brasil.

Fundado em 29 de maio de 1998, o Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas teve seu estatuto oficializado em novembro desse mesmo ano. A UFPE solidária com os objetivos deste Centro, compreendendo o seu papel, para uma educação crítica, inclusiva, democrática, assim como, entendendo que a filosofia e pedagogia freireana é atual e profícua, apoia desde o início suas iniciativas. Perenizar as ideias de Paulo Freire é fundamental, para sua terra natal e para o mundo. Vale salientar ter sido esta Universidade berço em que Paulo Freire desenvolveu seu sistema educacional. A sede do Centro Paulo Freire está localizada no Centro de Educação no Campus da UFPE.

ISBN: 978-65-87824-12-3

CDL



9 786587 824123